

**ESTILO DE VIDA E COMPORTAMENTO ALIMENTAR
FREEGAN:
A SAÚDE EM RISCO OU RISCO PARA A SAÚDE?**

Solange Aparecida Martinho

**Dissertação de Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais
Contemporâneos**

Solange Aparecida Martinho
“Estilo de Vida e Comportamento Alimentar Freegan:
a Saúde em Risco ou Risco para a Saúde?” 2013

Setembro, 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ecologia Humana e Problemas Sociais
Contemporâneos, realizada sob a orientação científica do
Prof. Doutor João Lutas Craveiro

DECLARAÇÕES

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Lisboa, 27 de Setembro de 2013

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O orientador,

Lisboa, 27 de Setembro de 2013

DEDICATÓRIA

Em memória da minha doce mãezinha Luzia Martinho, cuja ausência é apenas física.

Aos meus Amigos do Bem, cuja presença não é apenas física.

AGRADECIMENTOS

“Sonhar foi possível. Realizar este sonho só foi possível porque vocês me possibilitaram”.

Acadêmicos:

Em especial ao Professor Luís Baptista por me ter recebido com seu amável sorriso quando entrei pela primeira vez na FCSH.

Ao meu Orientador e também Professor, João Lutas Craveiro por nunca me dizer que “isto não seria possível” e pela orientação para que “isto se tornasse possível”. E pela amizade.

A minha Coordenadora de Mestrado e também Professora, Iva Miranda Pires pela disposição com que sempre me recebeu para sanar as minhas dúvidas.

Ao Serviço de Bolsas da FCSH, nomeadamente a Sra. D. Marina Tavares que compreendeu naquela entrevista, o quanto a vida académica é importante para mim.

Aos Professores Luís Rodrigues, Maria Inês Gomes, Miguel Chaves, Paulo Machado, Paulo Oliveira por continuarem-me incentivando no percurso na FCSH acreditando nas minhas reflexões.

A todos os meus Professores de Licenciatura e Mestrado que sempre ouviram os meus questionamentos sobre as sociedades e tentaram elucidá-los da melhor forma possível.

Aos meus Colegas que desde o início da Licenciatura até aqui estiveram sempre comigo e dividiram muitos momentos, “deles e meus”.

Não menos importantes, a todas as pessoas que responderam ao questionário desta investigação.

Pessoais:

Aos meus Queridos Amigos de “A a Z”, de Cá e de Lá, quero agradecer a compreensão e o apoio e pedir antecipadamente desculpas por não poder mencionar o nome de cada um de vocês neste trabalho como merecem, sem ser injusta. Também por entenderam e perdoarem a minha “ausência” e mesmo assim continuarem “presentes” na minha vida.

Porém, é imprescindível mencionar duas pessoas que nesta minha caminhada, desde o meu reingresso na universidade tem sido ABSOLUTAMENTE TUDO, na minha vida: Sra. Alda e Sr. Antonino Ramos, aos quais serei ETERNAMENTE GRATA.

A minha família de “ontem e de hoje”, que até aqui vem-me recebendo todas as vezes que eu preciso crescer. E que ensinaram-me que a distância apenas nos une ainda mais e fortalece o nosso amor através dos tempos.

Ao meu “Padrinho de Mestrado” Ernando Neves por SIMPLESMENTE existir na minha vida.

Ao Noradine Taibi...por todos os nossos lindos diálogos sem palavras. E pelo precioso auxílio.

Em memória do Nassim Cattán Jr. por ter-me mostrado que “outros mundos existem”.

ESTILO DE VIDA E COMPORTAMENTO ALIMENTAR FREEGAN:

A SAÚDE EM RISCO OU RISCO PARA A SAÚDE?

LIFESTYLE AND EATING BEHAVIOR FREEGAN: HEALTH AT RISK AND RISK FOR HEALTH?

RESUMO

O modo como geralmente “olhamos” para alguns fatos sociais inusitados do nosso quotidiano leva-nos a construir ideias algumas vezes equivocadas sobre aquilo que vemos. E leva-nos também a formular julgamentos que podem estar subjacentes à nossa limitada visão da realidade, distorcendo-a. Conhecermos pessoas que coletam e consomem resíduos das lixeiras para sobreviverem pode ser comum. Mas em nome de uma ideologia faz-nos refletir. Saber se correm riscos que possam afetar a sua saúde é o que este estudo exploratório procurou analisar criticamente. O que se esconde muitas vezes por trás deste fato e que acaba por se transformar num “fenómeno” é também o que procuramos investigar. Um fenómeno ao qual atribui-se o nome de “Freeganismo”. Embora não se baseie somente no “mergulho no lixo”, mas em muitos outros preceitos com práticas e contornos ecológicos. Para tanto foi necessário investigarmos as suas representações ambíguas através dos seus adeptos, os conceitos e o empirismo que nos levam por caminhos científicos pertinentes e que nos mostram o mundo dos *freegans*. Esta é uma realidade social que este estudo procurou evidenciar também na sociedade portuguesa contemporânea.

Palavras-Chave: Ecologia Humana, Ética Ecológica, Freeganismo, Mergulho no Lixo, Estilo de Vida, Risco para a Saúde, Problema Social.

ABSTRACT

The way in which we generally “look at” some unusual social facts of our daily lives leads us to form sometimes mistaken ideas about what we see. It also encourages us to formulate judgments that may underlie our limited view of reality, distorting it. The knowledge that people who collect and consume in landfill sites in order to survive may be common. But such a practice in the name of an ideology makes one think. To ascertain whether or not they run risks that could affect their health is what this exploratory study sought to critically examine. What often hides behind this fact and that ultimately becomes a “phenomenon” is also what we seek to investigate; a phenomenon which goes by the name of “Freeganism”. However it is not based only on “diving in the trash”, but on many other precepts and practices with ecological boundaries. Therefore it was necessary to investigate their ambiguous representations through its participants, the concepts and empiricism that lead us down paths of scientific relevance that show us “Freegan’s” world. This is the social reality that this study also attempts to highlight in contemporary Portuguese society.

Key words: Human Ecology, Ecological Ethics, Freeganism, Diving in the Trash, Lifestyle, Risk to Health, Social Problem.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO/ABSTRACT	vi
ÍNDICE GERAL	vii
ÍNDICE DE FIGURAS	xi
ÍNDICE DE GRÁFICOS	xii
ÍNDICE DE QUADROS.....	xiii
LISTA DE ABREVIATURAS	xiv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1.	
TABU ALIMENTAR E REALIDADE SOCIAL:	
Considerações Reflexivas e Metodológicas.....	5
1.1. Contextualização do Tema na Ecologia Humana e nos Problemas Sociais	5
1.2. Tabu Alimentar no Contexto Freeganista	7
1.3. Motivação para a Investigação	9
1.4. Objeto e Objetivos da Investigação	10
1.5. Problemática, Questões de Partida e Hipóteses	10
1.6. Fase Exploratória como Definidora da Escolha do Universo e da Amostra	12
1.7. Desenho Metodológico da Investigação	14
CAPÍTULO 2.	
A ECOLOGIA NA PRÁTICA FREEGANA:	
Referencial Teórico – Preceitos, Pressupostos e Pretensões	17
2.1. As Bases do Freeganismo: Conceito e Ideologia	17
2.2. Preceitos do Freeganismo: Contribuição para a Ecologia.....	18
2.3. Pressupostos Ecológicos dos <i>Freegans</i> : de Coletores a Produtores	24

2.4. Pretensões do Freeganismo: Mudança de Estilo de Vida.....	29
2.5. A Ética como Conceito na Base do Freeganismo Global	31
2.6. Breve Síntese	36
CAPÍTULO 3.	
FREEGANISMO PELO MUNDO:	
Outras Realidades	37
3.1. Freeganismo como Exploração Científica.....	37
3.2. Freeganismo: Multidisciplinaridade e Multidimensionalidade.	39
3.3. <i>Freegans</i> pelo Mundo: (In) visibilidade	43
3.4. Os <i>Freegans</i> em Portugal: o GAIA como um Ponto de Encontro.....	47
3.5. Breve Síntese	50
CAPÍTULO 4.	
RISCOS & SAÚDES NO CONTEXTO FREEGANO:	
Vulnerabilidade, Resistência e Aceitabilidade do Risco	51
4.1. Freeganismo e Riscos: a Saúde em risco ou Risco para a saúde?.....	51
4.1.1. O que é o “Mergulho no Lixo”?	52
4.1.2. Prevenção e Mitigação dos Riscos no Mergulho no Lixo	54
4.1.3. Técnicas do Mergulho no Lixo.....	55
4.1.4. Freeganismo e Vulnerabilidade	56
4.1.5. O Conceito Original de Riscos e as suas Apropriações	57
4.1.6. Resistência aos Riscos: uma Marca Simbólica do Freeganismo	64
4.1.7. Aceitabilidade dos Riscos: Ganhos e Perdas no Freeganismo.....	65
4.2. Freeganismo e Saúdes: um Desafio para as Autoridades em Saúde Pública	67
4.2.1. Os “S’s” da Organização Mundial de Saúde.....	68
4.2.2.1. Saúde: Estados Físico, Mental e Social	69
4.2.2.2. Segurança Alimentar: Ambiguidade, Análise Sensorial, Inocuidade e Literacia Alimentar	70

4.2.2.3. Saneamento: Surtos e Doenças	73
4.2.2.4. Saúde Urbana: Novos Desafios	75
4.2.2.5. Saúde Social: Equidade para os <i>Freegans</i>	76
4.3. Breve Síntese	78
 CAPÍTULO 5.	
SABERES FREEGANOS:	
Técnicas de Aplicação e Recolha, Tratamento e Análise dos Dados.....	79
5.1. Técnicas de Aplicação, Recolha e Escolha do Método Adequado ao Tema.....	79
5.2. Combinação de Diversas Estratégias Metodológicas para Obtenção dos Dados....	79
5.3. Serendipidades Encontradas na Investigação	80
5.4. Controvérsia na Estrutura do Questionário.....	81
5.5. Caracterização e Divisão da Amostra	83
5.6. Dimensão 1: Contexto Sociodemográfico da Totalidade dos Inquiridos	84
5.7. Dimensão 2: Conhecimento e Familiaridade dos Inquiridos com o Tema.....	88
5.8. Seleção dos Inquiridos Considerados Adeptos do Freeganismo	90
5.9. Dimensão 3: Regularidade da Prática Freegana	91
5.10. Dimensão 4: Motivação para a Adesão ao Freeganismo	92
5.11. Dimensão 5: Informação e Partilha da Recolha	92
5.12. Dimensão 6: Avaliação de Si Próprio e pelos Outros	94
5.13. Dimensão 7: Desistência do Freeganismo	95
5.14. Dimensão 8: Qualidade do Alimento Recolhido.....	96
5.15. Dimensão 9: (In) Segurança Alimentar	97
5.16. Dimensão 10: Freeganismo e Sociedade	99
5.17. Dimensão 11: Afetividade pelo Freeganismo	99
5.18. Dimensão 12: O Freeganismo Lá Fora	100
5.19. Dimensão 13: Mudança de Estilo de Vida	101

5.20. Dimensão 14: Riscos na Recolha.....	102
5.21. Dimensão 15: O Freeganismo Cá Dentro	103
CAPÍTULO 6.	
INTERPRETAÇÕES & INFORMAÇÕES IMPORTANTES:	
Resultados e Discussões, Conclusões Finais e Sugestões.....	104
6.1. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	104
6.2. Conclusões Finais e Sugestões	107
6.3. Limitações da Investigação e Recomendações.....	109
6.4. Futuras Investigações	110
BIBLIOGRAFIA	111
OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ACERCA DO FREEGANISMO .	116
REFERÊNCIAS DAS CITAÇÕES DA ABERTURA DOS CAPÍTULOS	116
LISTA DE APÊNDICES	i
LISTA DE ANEXOS	i
APÊNDICES	ii
ANEXOS	xvii
BASE DE DADOS (Ficheiro em CD).....	xx

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1: Comportamento Alimentar: um dos Problemas Sociais para a Ecologia	9
Figura 1.2: Desenho da Investigação – Fases do Estudo.....	15
Figura 2.1: Preceitos Ecológicos do Freeganismo.....	23
Figura 2.2: Pressupostos Freeganos: Coleta e Produção como Contribuição Ecológica	28
Figura 2.3: Freeganismo: outro Modo de Vida.....	31
Figura 2.4: Ética Freegana: uma Questão de Respeito	35
Figura 3.1: Cartazes do GAIA: Freeganismo em Portugal	48
Figura 3.2: Cartazes do GAIA: Freeganismo em Portugal	48
Figura 4.1: Um <i>Freegan</i> Consumindo Alimento Coletado do Mergulho no Lixo.....	53
Figura 4.2: Tipos de Riscos associados ao Freeganismo	63
Figura 4.3: Análise SWOT da Aceitabilidade dos Riscos para a Saúde na adoção do Modo de Vida Freegano	67
Figura 4.4: Articulação entre as Três Maiores Autoridades em Saúde ao Nível Nacional e Internacional	68
Figura 4.5: Os “S’s” da OMS adaptados ao Contexto do Freeganismo	69
Figura 5.1: Inquiridos Seleccionados e Considerados Adeptos do Freeganismo.....	91
Figura 5.2: Perceção dos Adeptos quanto à forma de Avaliação dos Não Adeptos.....	95
Figura 5.3: Desistentes do Freeganismo	95

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 5.1: Nacionalidade dos Inquiridos.....	85
Gráfico 5.2: Género dos Inquiridos.....	85
Gráfico 5.3: Idade dos Inquiridos.....	85
Gráfico 5.4: Frequenta algum Estabelecimento de Ensino?.....	86
Gráfico 5.5: Qual o Ano do Ciclo de Estudos ou Curso que Frequenta?.	86
Gráfico 5.6: Qual o Estabelecimento de Ensino?	86
Gráfico 5.7: Qual a sua Profissão?	87
Gráfico 5.8: Qual a sua Situação Profissional?.....	87
Gráfico 5.9: Estado Civil dos Inquiridos.	87
Gráfico 5.10: Neste momento com quem vive?.	87
Gráfico 5.11: Local de Residência dos Inquiridos.....	87
Gráfico 5.12: Conhece os Pressupostos dos Freeganismo?.	88
Gráfico 5.13: Acha que as crianças já deveriam ser orientadas para o Freeganismo? ...	93

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 3.1: Da Revisão da Literatura ao Estado da Arte	43
Quadro 3.2: Os <i>Freegans</i> no Mundo: (In) visibilidade nos Meios de Comunicação	47
Quadro 3.3: Convite para o “Jantar Popular” do Grupo GAIA.	48
Quadro 3.4: Outras Atividades do Grupo GAIA	49
Quadro 4.1.1: O que é “Mergulhar no Lixo”?	53
Quadro 4.1.2: Materiais Necessários para o “Mergulho no Lixo”	54
Quadro 5.1: Contexto Sociodemográfico da Totalidade dos Inquiridos.....	84
Quadro 5.2: Conhecimento dos Pressupostos do Freeganismo	89
Quadro 5.6: Outros Adeptos na Família.	93
Quadro 5.7: Partilha da Recolha com Outros.	94
Quadro 5.8: Informação sobre a Recolha na Partilha.	94
Quadro 5.10: Tipo de Cuidado que o Adepto tem no Mergulho no Lixo.....	97
Quadro 5.11: Perceção dos Adeptos sobre a Segurança Alimentar	98
Quadro 5.12: Perceção dos Adeptos sobre as Normas e Regras de Segurança Alimentar Legais	98
Quadro 5.13: Freeganismo <i>versus</i> Sociedade	99
Quadro 5.14: Freeganismo e Afetividade	100
Quadro 5.15: Freeganismo Lá fora e Cá dentro.....	101
Quadro 5.16: Mudança de Estilo de Vida.....	102
Quadro 5.17: Riscos na Recolha.	103
Quadro 5.18: Comunidade <i>Freegan</i>	103

LISTA DE ABREVIATURAS

ASAE:	Autoridade de Segurança Alimentar e Económica.
DGES:	Direção Geral de Ensino Superior.
ESAC:	Escola Superior Agrária de Coimbra.
ESAD:	Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos.
ESSALD:	Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias de Castelo Branco.
ESSL:	Escola Superior de Saúde de Leiria.
EU:	Instituto Universitário de Lisboa.
FAO:	<i>Food and Agriculture Organization</i> / Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação.
FBAUP:	Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
FCSH:	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
FCSH-UNL:	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa.
FCT-UNL:	Faculdade de Ciências e Tecnologia-Universidade Nova de Lisboa.
FEUC:	Faculdade de Economia Universidade de Coimbra.
GAIA:	Grupo de Ação e Intervenção Ambiental.
ICS-UL:	Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
INSA:	Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.
IPL:	Instituto Politécnico de Lisboa.
ISCA:	Instituto Superior de Contabilidade de Aveiro.
ISCTE:	Instituto Universitário de Lisboa.
ISPO:	Instituto Superior Politécnico do Oeste –Torres Vedras.
JP:	Jantar Popular.
ONGA:	Organização Não Governamental do Ambiente.
OPAS:	Organização Pan-Americana da Saúde.
UA/UM:	Universidade Aberta/Universidade do Minho.
UA:	Universidade de Aveiro.
UAUA:	Universidade Aberta/ Universidade de Aveiro.
UBI:	Universidade da Beira Interior.
WHO/OMS:	<i>World Health Organization</i> / Organização Mundial de Saúde.

INTRODUÇÃO

O trabalho de investigação que ora se apresenta foi realizado no âmbito do curso de mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos para obtenção do grau de Mestre em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos da Universidade Nova de Lisboa – FCSH.

Pretende abordar a problemática da prática do Freeganismo numa das suas vertentes: o “Mergulho no Lixo”, termo conhecido também por “*Garbage*”, “*Respigar*”, “*Dumpster Diving*”, “*Forrageamento*”, “*Pular*”, “*Skipping Waste*”¹, entre outros nomes atribuídos por atores sociais ao ato de adquirir alimentos por esta via residual visando um ativismo ecológico.

O grave e acentuado problema do desperdício causado pelas sociedades contemporâneas poderá ser uma das causas pelas quais alguns atores sociais – como os adeptos do freeganismo – elaboram estratégias que se inscrevem como Problemas Sociais Contemporâneos e onde uma das disciplinas como a Ecologia Humana tenta identificá-los e compreendê-los.

E é este aspeto que este estudo pretende explorar neste espaço. Não como forma de “descoberta” científica, mas como mais uma contribuição para o esclarecimento da sociedade portuguesa sobre o que é o “Freeganismo”, analisando as bases que fundamentam os seus preceitos, pressupostos e pretensões e que envolve uma problemática algumas vezes difícil de ser decifrada ou compreendida.

Ao não encontrarmos um material académico satisfatório sobre esta problemática que alcançasse a questão da saúde e dos riscos que correm os adeptos do freeganismo nas suas expedições pelos contentores de lixo, entendemos que o tema nos oferecia um amplo campo de investigação e acessos a outros campos de observações empíricas e teóricas diversificadas, segundo Baptista & Sousa (2011).

Considerando ser pertinente uma exploração mais aprofundada do tema no território português observou-se através das literaturas académicas que havia uma longa distância entre o freeganismo praticado em Portugal e o que é praticado e divulgado em outros países, começando pela forma como é representado.

¹ **Nota:** Os termos mencionados referem-se ao ato do “mergulho no lixo”, literalmente, mas diferem consoante o país onde é praticado, no Brasil este termo é considerado como “mergulho na lixeira”.

Ao justificar a escolha do tema foi possível também apresentar as problemáticas e os questionamentos que acompanham o interesse pela temática abordada na dissertação, os quais foram convertidos em questões de partida e servem como impulso inicial para as reflexões que principiam o estudo. Apresentam-se assim as principais indagações e objetivos gerais que nos interessa obter respostas para esta investigação:

- Identificar até que ponto o freeganismo é conhecido no meio académico escolhido para representá-lo em Portugal.
- Quais são as diferenças entre a representação do freeganismo em Portugal e a que podemos encontrar em outros países.
- Qual é a representação dos adeptos sobre a prática do “mergulho no lixo” em Portugal?
- Quais são as percepções dos adeptos que praticam o mergulho no lixo, sobre os riscos a que estão expostos.
- Quais são as consequências reais para a saúde dos adeptos que praticam o mergulho no lixo.
- Como se protegem os adeptos que praticam o mergulho no lixo ou como evitam correr riscos relacionados com a sua saúde.

Sabemos no entanto que nos seria impossível neste primeiro momento e espaço destinados a esta investigação abarcar todo o território português através de entrevistas pessoais. Por esta razão, optou-se por centralizarmos a investigação apenas nos núcleos do ensino superior nacional, que são as Universidades e Politécnicos Públicos e Privados atentando para que nenhuma instituição ficasse excluída do estudo e por outro lado, porque as novas tecnologias informáticas nos oferecem maiores possibilidades de mobilidade virtual.

Para dar resposta ao questionário elaborado na presente dissertação dar-se-ão a conhecer as hipóteses que pretendem ser investigadas em articulação com as teorias e os conceitos adequados que envolvem as investigações realizadas em outros países e em Portugal sobre o tema do freeganismo. Apresentamos, assim, aquelas que nos parecem passíveis de serem verificadas nesta investigação inicialmente exploratória:

- Hipótese 1: As informações que circulam no meio académico português são muito escassas acerca do freeganismo.

- Hipótese 2: As notícias que veiculam nos meios de comunicação em massa em Portugal, não são suficientes para a informação sobre o freeganismo.
- Hipótese 3: Em Portugal não há informações suficientes sobre o freeganismo para uma representação e distinção dos outros atores sociais que praticam semelhante ato, mas em outro contexto social.
- Hipótese 4: As perceções que os adeptos portugueses têm acerca do risco no freeganismo não diferem das perceções dos adeptos dos outros países.
- Hipótese 5: Independentemente da literacia que possuem sobre a segurança alimentar, os adeptos do freeganismo arriscam a sua saúde no mergulho no lixo.
- Hipótese 6: Os adeptos do freeganismo estão suficientemente informados sobre as proteções necessárias para a sua saúde na prática do mergulho no lixo.

A temática envolvida faz parte de um universo de teorias e conceitos que utilizam uma multidisciplinaridade e multidimensionalidade nos estudos apresentados nas áreas da Antropologia, da Comunicação e Cultura, do Marketing, da Sociologia, etc., onde algumas delas que poderão ser encontradas no capítulo sobre o estudo da arte desenvolvida na investigação. Assim, esta investigação começa a tomar uma forma muito prazerosa de reflexão no âmbito da Ecologia Humana e dos Problemas Sociais. Posto isto, a sua apresentação dar-se-á através de **seis** capítulos distribuídos na seguinte ordem: o **primeiro capítulo** é intitulado: “**Tabu Alimentar e Realidade Social**” e é dedicado às **Reflexões e Considerações Metodológicas**, onde serão considerados os conceitos que mais se enquadram ao tema, bem como a **Motivação**, o **Objeto** e os **Objetivos** da investigação, a **Problemática**, as **Questões de Partida** e as **Hipóteses**. A este conjunto de objetos nos quais se baseiam o estudo, apresentaremos também os instrumentos aplicados para a obtenção dos resultados pretendidos.

O **segundo capítulo** intitulado “**A Ecologia Humana na Prática Freegana**”, pretende demonstrar os principais **Referenciais Teóricos** que norteiam o freeganismo. Ou seja, os seus **Preceitos**, **Pressupostos** e **Pretensões** reconhecidos pelos seus adeptos. Consideramos importante este capítulo porque ele nos orientará sobre os pontos de vista da Ecologia Humana e dos Problemas Sociais Contemporâneos e nos indicará quais são as bases que apoiam e fomentam o freeganismo.

No **terceiro capítulo** sob o título de “**Freeganismo pelo Mundo**”, discorreremos sobre **Outras Realidades** que refletimos nas leituras efetuadas nos trabalhos académicos realizados em países diversos, na medida daquilo que nos foi facultado saber. Cabe-nos salientar a escassa literatura encontrada sobre o tema em Portugal e em idioma português, oferecendo-nos de antemão a oportunidade de contribuir singelamente para que outros investigadores expandam as suas pesquisas ou em última análise, contribuindo para que o tema sobre o freeganismo de alguma forma desperte o interesse dos alunos para futuras investigações, uma vez que Portugal ainda não ganhou expressão significativa nesta temática.

O **quarto capítulo**, ao qual atribuímos o título de “**Riscos e Saúdes no Contexto Freegano**”, tratarão propriamente da questão a que esta investigação se propõe: os riscos e a saúde. Relacionamos questões como a **Vulnerabilidade**, as **Resistências** e a **Aceitabilidade** dos riscos que envolvem a saúde dos praticantes do freeganismo. Vale lembrar aqui um dos primeiros critérios para uma investigação: “ninguém investiga bem um assunto de que não gosta” (Baptista & Sousa, 2011: p. 19).

No **quinto capítulo** que comporta o título de “**Saberes Freeganos**”, daremos conta das **Técnicas de Aplicação e Recolha**, bem como o **Tratamento** e a **Análise dos Dados** obtidos através dos instrumentos utilizados para a recolha das informações necessárias para a concretização desta investigação.

O **sexto capítulo** e último com o nome de “**Interpretações de Alguns Resultados com Informações e Reflexões Importantes**”, buscará expor através dos dados obtidos as principais **Interpretações dos Resultados** que se pode retirar desta investigação, as **Discussões** que lhe couberam, as **Considerações Finais** e as **Sugestões** consoante as representações que os inquiridos nos forneceram. Estudos sobre o comportamento humano envolvem mais do que uma problemática. Envolvem as emoções e a intimidade às vezes. Emoções de ambas as partes. Dos investigados – porque de certa forma entramos no “seu mundo” e do investigador – porque precisamos ter a sensibilidade de saber entrar “nesse mundo” e nos lembrarmos acima de tudo que nele habitam pessoas. Tais preocupações nos fizeram questionar sobre qual(is) método(s) mais adequado(s) deveríamos escolher para abordar questões tão complexas.

“Uma ciência empírica privada de reflexão e uma filosofia puramente especulativa são insuficientes, consciência sem ciência e ciência sem consciência são radicalmente mutiladas e mutilantes...”.

Edgar Morin, 1990.

Capítulo 1.

TABU ALIMENTAR E REALIDADE SOCIAL:

Considerações Reflexivas e Metodológicas

1.1. Contextualização do Tema na Ecologia Humana e nos Problemas Sociais

Este estudo enquadra-se no tema da Ecologia Humana por um lado pela evidência da relação do ser humano com o meio ambiente na esfera da alimentação e da preservação da via por onde provêm os alimentos que ele consome. Por outro lado relaciona-se com os Problemas Sociais Contemporâneos quando passamos a analisar as formas como estes alimentos são consumidos, embora esses problemas não sejam fatos exclusivos da sociedade contemporânea. Deste modo o tema oferece-nos uma ampla investigação nos diversos campos da observação empírica e teórica, não obstante as suas limitações quanto ao material de pesquisa académica sobre o freeganismo em Portugal. Quanto ao contexto português, Costa (2003) nos alerta que temos que ter em atenção as suas especificidades (Costa, 2003).

Pode-se encontrar através da revisão da literatura alguns estudos já publicados sobre o freeganismo em outras disciplinas e em outros países, como no *Marketing*, na Sociologia, na Economia, na Veterinária, na Antropologia, etc. porém com menor ênfase em Portugal e distanciando-se em parte da problemática supracitada. Isto deixa-nos campos a serem preenchidos com a investigação de estudos próprios que se pretende realizar, mas é claro que não será possível num percurso breve, abarcar todos os estudos que já se apresentaram sobre o tema. A escolha desta problemática teve várias fases de reflexão e uma delas condiz com as leituras efetuadas sobre o desperdício alimentar gerado pelos seres humanos e as suas consequências não só para o equilíbrio do meio ambiente, mas também para a preservação da vida humana, bem como as alterações antropogénicas motivadas pelo capitalismo e consumismo exigidos pela modernidade das sociedades contemporâneas.

Outra reflexão que influenciou e impulsionou as pesquisas, foram as sessões assistidas no Ciclo de Conferências sobre “O Futuro da Alimentação: Ambiente, Saúde e Economia” realizado de 9 de Março a 13 de Dezembro de 2012 pela Fundação Calouste Gulbenkian, onde se discutiram ideias sobre a redução do desperdício alimentar através da mudança de comportamentos e das escolhas alimentares entre outros temas relacionados com a alimentação Santos, J. *et al.*, Orgs., (2013).² Através deste conjunto de informações e das leituras e visitas na Internet sobre o assunto, destaca-se a mudança de comportamento pela prática do “mergulho no lixo” efetuada por um grupo de atores sociais que levam ao extremo as suas crenças e convicções em defesa da sustentabilidade. Um grupo de atores sociais denominado “*Freegans*”.

Na definição de Giddens (2004) vimos que um “movimento social é aquele considerado um agrupamento de grande dimensão de indivíduos que se juntam para procurar desencadear ou bloquear processos de mudança social e se baseiam em relações de conflitos com organizações cujos objetivos são opostos” (Giddens, 2004, p. 697). Por este motivo, para o nosso estudo em epígrafe, não adotaremos o freeganismo no sentido de um movimento social, mas sim como uma forma de ativismo social. Porque a nós parece ser mais pertinente, uma vez que não conhecemos a sua verdadeira expressão dentro das sociedades onde ele se insere, inclusive na portuguesa. Os atores sociais adeptos do freeganismo talvez não seriam expostos algumas vezes nos meios de comunicação de massa, se uma das suas práticas não despertasse certa “estranheza e repúdio” no paradigma atual da comensalidade humana, devido em parte à nossa “ideia de que o impuro é fruto do cuidado com a higiene e do respeito pelas convenções que nos são próprios” (Douglas, 1991, p. 19).

A divulgação através dos meios de comunicação (jornais, revistas, rádio, televisão e mais recentemente a Internet) em maior ou menor escala para levar as notícias ao conhecimento dos atores sociais sobre outros atores que consomem comida dos contentores de lixo, conquistam alguma condescendência nas sociedades onde vivem quando este é o seu único meio de sobrevivência, contudo, este não é o caso dos

² **Nota:** A princípio, um dos conferencistas convidados para este Ciclo de Conferências era o ativista e ecologista Tristram Stuart (por questões desconhecidas da autora desta dissertação, o convidado não compareceu).

adeptos do freeganismo ou pelo menos é o que a sua ideologia deixa transparecer, uma vez que no caso dos *freegans* dá-se o contrário. Dispondo de outras opções os adeptos optam por “viver” do lixo numa atitude de protesto e boicote contra o capitalismo moderno que causa o desperdício, desafiando as autoridades na área da saúde que visam o bem-estar da sociedade em geral. O capítulo quarto refletirá sobre estas questões. Todas elas configuram-se como um “Problema Social Contemporâneo real dentro da Ecologia Humana, mas ainda considerado “tabu”.

1.2. Tabu Alimentar no Contexto Freeganista

Na generalidade, pode-se definir por “Tabu” qualquer assunto ou comportamento inaceitável ou proibido numa determinada sociedade. É uma “interdição social”, ou ainda, um tabu é um assunto cuja discussão costuma ser evitada pela população em geral, por diversas razões: seja porque este seria alvo de opiniões contraditórias, porque se trata de um assunto que interfere com a sensibilidade das pessoas, porque causa uma polémica capaz de interferir com a moral e bons costumes da sociedade, por pudor ou educação, etc. segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, (2006), ou ainda:

*“Conforme estudos do psicanalista Sigmund Freud (final do séc. XIX/ início do séc. XX) e do antropólogo Lévi-Strauss (segunda metade do séc. XX), “Tabu” (palavra originária de um grupo aborígine austral) seria um sentimento social coletivo sobre um determinado comportamento ou assunto, seria uma ponte entre duas determinações comportamentais; uma biológica e outra cultural. Desta forma, tabu difere de “regras sociais”, as quais são um tipo de construção cultural pertencente a sociedades mais complexas e avançadas, como pode ser estudado no padrão social europeu”.*³

Todas estas razões parecem-nos simplistas e ao mesmo tempo complexas para contextualiza-las ao “tema do freeganismo”. E são. Então, vejamos como poderemos “considerar” o ato do mergulho no lixo para recolha e consumo alimentar, numa das práticas freeganista como um “assunto tabu” em algumas culturas. Segundo Elias, os tabus culturais contra o consumo de alguns animais, por exemplo, podem ser creditados à sua função de animal de estimação. Dentro de qualquer sociedade alguns tipos de carne serão considerados tabu simplesmente porque estão fora da definição aceite como género alimentício e não necessariamente porque sejam consideradas repulsivas ou no que diz respeito ao sabor, ao aroma, à textura ou à aparência, conforme Elias (2006).

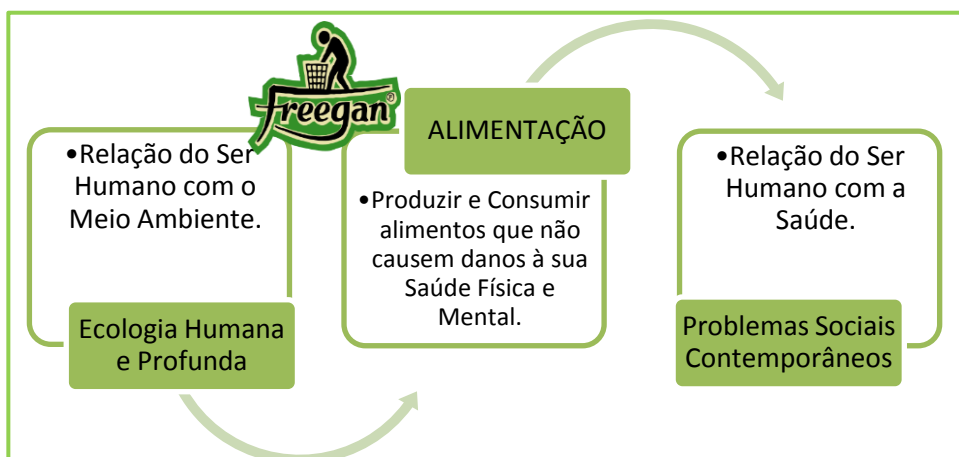
³ **Fonte:** Tabu - Recuperado em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabu>. Acedido em 25 de Janeiro de 2012.

Sem nos determos mais nas várias teorias e conceitos sobre o “tabu”, queremos acrescentá-lo neste tópico sobre as Considerações Metodológicas, porque em bem verdade é ele – o Tabu – que impulsionou e dirigiu os caminhos por onde este estudo deveria percorrer. Foi através dele que percebemos logo na primeira fase da investigação que não nos seria fácil seguirmos pelas “vias principais”, pois teríamos que seguir algumas vezes por “vias secundárias”, ou seja, através da elaboração de estratégias metodológicas para atingirmos os objetivos a que esta investigação se propôs, que é mostrar o freeganismo em Portugal. Por isso, resumidamente sobre o “tabu alimentar”, Garcia conta-nos que na história da alimentação, depois da chegada de Jesus Cristo, a alimentação humana “atinge a liberdade dietética e consequentemente para os seus seguidores abre-se um amplo e permissivo horizonte culinário, sem restrições: a partir deste momento acabam-se os alimentos puros e impuros. Todos, sem exceção, consideram-se bons e benéficos, cada qual, diz o novo credo, que coma o que deseja ou possa de acordo com a sua consciência...” (Garcia, 2000, p. 8).

Tendo em consideração a sensibilidade que o tema a ser investigado nos oferece a as dificuldades em estudá-lo na sociedade portuguesa nos vimos perante outra questão: qual o método a ser utilizado? De acordo com Sarmiento (2008), numa investigação poderá ser utilizado mais do que um método para que sejam respondidas as questões de partida. Assim, esta investigação utilizará um misto entre os Métodos **Dedutivo**, o **Indutivo** (em pequena escala) e o **Inquisitivo**, utilizando Dados e Fontes **Primária(o)s** e **Secundária(o)s** que também serão mistas, ou seja, **Qualitativa** e **Quantitativa** a fim de obter os melhores resultados possíveis.

A “realidade” empírica desta investigação coaduna-se perfeitamente com a questão do comportamento alimentar dos adeptos do freeganismo, pois antes de mais, trata-se de um Problema Social como o definimos anteriormente na “contextualização do tema”. A Figura 1.1. representa esta articulação entre as Ecologias Profunda e Humana e a questão do Comportamento Alimentar como Problema Social Contemporâneo inerente em todas às sociedades.

Figura 1.1: Comportamento Alimentar: um dos Problemas Sociais para a Ecologia.



1.3. Motivação para a Investigação

A primeira etapa desta investigação – que constituiu como é regra geral, a escolha do tema – traduziu acima de tudo a vontade de verificar se o assunto a ser investigado nos oferecia motivos reais e suficientes para uma dedicação e empenho que certamente passaria por muitas fases de dúvidas, incertezas e dificuldades dado a “delicadeza” com que o assunto nos apresentava. Neste sentido, esta etapa não nos ofereceu nenhum problema uma vez que aliada a experiência em trabalhar há muitos anos com a problemática do desperdício alimentar e com pessoas que necessitam da sua reciclagem para a sua sobrevivência. Contudo, verificar que existem pessoas que mesmo sem necessitar financeiramente, também recorrem a este meio para a obtenção de alimentos e outros bens, foi motivo para maiores reflexões.

Por isso a palavra “*Freegan*”, de repente se tornou tão interessante que motivou-nos a estudar este tema, desde que ele comportasse as teorias e os conceitos dentro da Ecologia Humana e dos Problemas Sociais Contemporâneos. O tema impeliu-nos a tamanha necessidade em saber como tal fato social era possível que a sua escolha considerada com muito respeito.

O passo a seguir dentro desta etapa seria a definição do **objeto de estudo** dentro da problemática do “Freeganismo” e com quais objetivos seria investigado.

1.4. Objeto e Objetivos da Investigação

Dentro da problemática escolhida na primeira etapa, ofereceram-se vários objetos interessantes de estudo, entretanto, eu só poderia escolher um. Foi assim que a prática do “mergulho no lixo” realizada pelos seus adeptos foi a escolhida como objeto de investigação para a dissertação que ora se apresenta. A investigação consistirá em resgatar a discussão (algumas vezes) crítica sobre o ato do mergulho no lixo praticado pelos adeptos do freeganismo e pretende contribuir para a compreensão que se interpõe nas relações entre a sociedade tradicional e o estilo de vida marginal que estas pessoas adotam ao consumirem alimentos retirados dos caixotes de lixo diretamente. Agora era preciso contextualizá-lo na Ecologia Humana e nos Problemas Sociais Contemporâneos e enquadrá-lo nos conceitos e nas teorias adequadas. Por esta razão, o primeiro conceito que poderia iniciar todo um processo de buscas que conduzissem a outros conceitos foi a questão do “Tabu Alimentar”, o qual procuramos expor sucintamente, enquadrando-o como uma “Realidade Social”.

A seguir, transformamos todas estas dúvidas da Problemática em Questões de Partida para que possam ser respondidas pelas Hipóteses formuladas.

1.5. Problemática, Questões de Partida e Hipóteses

a) Problemática:

A alimentação é um meio de sobrevivência muito influenciada pelo factor cultural, por isso pode-se dizer que o freeganismo não é praticado da mesma forma em todos os países. Em algumas partes do mundo, tradicionalmente, a questão de higiene e prevenção da saúde quanto à ingestão dos alimentos é levada tão a sério que órgãos do estado regulamentam seriamente o seu consumo e aplicam coimas para aqueles que os doam ou comercializam tais alimentos fora das condições reguladas na legislação. Assim, pensa-se que será útil investigar essa questão, na tentativa de analisar essa problemática e saber até que ponto ela pode ser considerada apenas como um “tabu” ou se existe um risco real para a saúde dos adeptos na coleta e consumo dos alimentos retirados do lixo. Com o progresso das pesquisas sobre o tema, observou-se que academicamente, Portugal ainda é pouco experiente em assuntos desta natureza, o que nos fez ter a intenção de contribuir para aumentar esta experiência, abrindo outras “portas” para futuras investigações académicas sobre o freeganismo nas suas diversas

vertentes. Contudo, para este estudo, elaboram-se algumas questões pertinentes que pretendem ser respondidas:

b) Questões de Partida:

- Questão 1: Identificar até que ponto o freeganismo é conhecido no meio académico escolhido para representá-lo em Portugal.
- Questão 2: Quais são as diferenças entre a representação do freeganismo em Portugal e a que podemos encontrar em outros países.
- Questão 3: Qual é a representação dos adeptos sobre a prática do “mergulho no lixo” em Portugal?
- Questão 4: Quais são as percepções dos adeptos que praticam o mergulho no lixo, sobre os riscos a que estão expostos.
- Questão 5: Quais são as consequências reais para a saúde dos adeptos que praticam o mergulho no lixo.
- Questão 6: Como se protegem os adeptos que praticam o mergulho no lixo ou como evitam correr riscos relacionados com a sua saúde.

Propomos entender e dar a conhecer como é que este processo de “coletar e consumir” alimentos descartados pela sociedade em nome uma “ideologia” poderá eventualmente afetar direta ou indiretamente a saúde dos adeptos e qual a percepção que eles têm sobre as questões formuladas.

Para responder tais questões, formulamos algumas hipóteses:

c) Hipóteses:

- Hipótese 1: As informações que circulam no meio académico português são muito escassas acerca do freeganismo.
- Hipótese 2: As notícias que veiculam nos meios de comunicação em massa em Portugal, não são suficientes para a informação sobre o freeganismo.
- Hipótese 3: Em Portugal não há informações suficientes sobre o freeganismo para uma representação e distinção dos outros atores sociais que praticam semelhante ato, mas em outro contexto social.
- Hipótese 4: As percepções que os adeptos portugueses têm acerca do risco no freeganismo não diferem das percepções dos adeptos dos outros países.

- Hipótese 5: Independentemente da literacia que possuem sobre a segurança alimentar, os adeptos do freeganismo arriscam a sua saúde no mergulho no lixo.
- Hipótese 6: Os adeptos do freeganismo estão suficientemente informados sobre as proteções necessárias para a sua saúde na prática do mergulho no lixo.

No início desta investigação, através das informações para chegar ao estado da arte, pareceu-nos “muito fácil” obter tais respostas. Mas logo percebemos que havia um “senão”, (que só descobriríamos quando nos deparámos pessoalmente com o objeto de estudo): a sensibilidade e a polémica que o tema apresentava, porque de alguma forma a investigação passaria por setores sensíveis da vida dos atores sociais envolvidos. E foi exactamente assim que aconteceu quando realizámos a aplicação do questionário pré-teste. Mas como contornar essa situação?

Mudando a forma como a investigação deveria ser conduzida. Redefinindo o Universo e Amostra e posteriormente (re) construindo um desenho metodológico que melhor se adaptasse a investigação. A seguir apresentamos estas definições.

1.6. Fase Exploratória como Definidora da Escolha do Universo e da Amostra

Em consonância com o foco da investigação e o género do tema, no “Desenho da Investigação” que apresentamos neste capítulo indicamos as etapas que estavam previstas para serem percorridas para o estudo, como acontece em um estudo exploratório. Contudo, após a fase exploratória realizada junto a alguns adeptos do freeganismo em Portugal para a aplicação do questionário pré-teste, verificou-se em primeiro lugar a impossibilidade e inviabilidade de um estudo baseado nas entrevistas pessoais com os adeptos, devido à dificuldade em encontrá-los e em segundo lugar, devido à dificuldade ainda maior para convencê-los a nos conceder a entrevista. Sendo assim, não obstante termos que nos reprogramar nesse percurso devido a alguns dados novos que nos foram surgindo neste caminho, tentamos manter tanto quanto possível a nossa linha de raciocínio sobre o material e o método escolhidos para atingirmos o objetivo proposto nesta investigação. Por isso, foi delimitado como universo do estudo o meio académico das **Instituições de Ensino Superior Públicas e Privadas do Território Português** (de acordo com a base de dados disponibilizadas e distribuídas

por estas instituições), com o intuito de abranger o máximo possível de indivíduos que pudessem dar respostas ao estudo, uma vez que:

a) Sobre o Universo da Investigação:

- O GAIA (Grupo de Ação e Intervenção Ambiental) foi concebido por universitários portugueses com o intuito inicial de divulgarem os pressupostos do freeganismo entre outras atividades do grupo conforme o **Anexo A – O que é o Grupo GAIA?**;
- O trânsito entre estudantes Erasmus é elevado, o que possibilita maior propagação e acesso às informações acerca do freeganismo (de Portugal e de outros países);
- Pelo tema ser considerado como estudo escasso ainda na sociedade portuguesa, vislumbrou-se a liberdade que os universitários têm para falar sobre ele;
- Um meio de representatividade das opiniões de todo o país reconhecendo não ser só este universo o mais apropriado para a sua perceção, mas levando em consideração a inviabilidade que uma demanda financeira num estudo junto à população em geral acarretaria nesta fase exploratória;
- O acesso ao universo para recolha da amostra por via dos meios eletrónicos, nomeadamente a Internet.
- O encontro de muitas identidades e o capital cultural dos inquiridos.

O meio académico é um dos mais acessíveis em termos de circulação de informações como já o dissemos e os seus atores sociais abrangem boa parte das características da sociedade portuguesa o que nos coloca de certa forma mais “à vontade” quanto a perceção do tema, a disponibilidade e o interesse em responder ao questionário. Assim, a amostra a ser retirada do universo escolhido serão:

b) Amostra escolhida:

- Todos os estudantes ativos na Instituição ou que façam parte da base de dados;
- Os estudantes participantes do Programa Erasmus;
- Os investigadores inscritos na Base de Dados da Instituição;
- Os professores da Instituição efetivos, assistentes, associados ou convidados;

- Os funcionários das Instituições inscritos na Base de Dados;
- Todos aqueles que a Instituição facultar das suas Bases de Dados.

1.7. Desenho Metodológico da Investigação

De acordo com os objetivos gerais, esta investigação realizar-se-á em **quatro fases principais**, sendo que a **primeira fase** diz respeito ao «**pólo epistemológico**», o que significa o “motor de pesquisa do investigador” que para esta investigação constitui o freeganismo; a **segunda** e a **terceira fases**, são os «**pólos morfológico e teórico**», que correspondem à “instância metodológica em que as hipóteses se organizam e em que os conceitos se definem”, aqui serão articulados aos contextos adequados no freeganismo; a **quarta** fase, o «**pólo técnico**», “estabelece a relação entre a construção do objeto científico e o mundo dos acontecimentos”, ou seja, será o método empírico com que trabalharemos as informações recolhidas para conhecermos e darmos respostas ao nosso objeto da investigação, segundo (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2005, p.17-27).

A estrutura da Metodologia Científica básica desta investigação segue as orientações de apresentação encontradas em Sarmiento (2008), em Ceia (2010) e são complementadas com as ideias de Silva & Pinto, (2005) e de Boudon (1990).

Apresenta-se na Figura 1.2, o “**Desenho Metodológico da Investigação**” com bases que obedecem aos Procedimentos por Etapas de Quivy & Campenhoudt (2005) e ao Modelo Dinâmico de Investigação segundo De Bruyne *in* Lessard-Hébert, Goyette & Boutin (2005), estando registadas todas as fases pelas quais passou a execução deste estudo:

Figura 1.2: Desenho da Investigação – Fases do Estudo.



A **Fase 1** constitui na escolha do tema a ser investigado e o enquadramento dentro da disciplina da Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos e nas Revisões de Literatura para se atingir o Estado da Arte realizadas através dos livros e da Internet na obtenção de dados de outros países onde o freeganismo é praticado. A partir deste pólo epistemológico, passou-se à **Fase 2**, onde consoante a motivação para a investigação, foram formuladas as questões de partida e as hipóteses através dos conceitos que comportam o tema do freeganismo. Esta segunda fase está articulada com a **Fase 3** que é composta pelas teorias mais apropriadas ao contexto do tema de modo a condizer com a problemática e as hipóteses. Na **Fase 4**, utilizamos como instrumento de recolha de dados a aplicação do **Questionário Pré-teste pessoalmente**, conforme **Apêndices 1A, 1B, 1C e 1D** mediante a condição do direito ao anonimato a um responsável por um grupo de freeganistas portugueses. Este adepto respondeu às questões relacionadas ao contexto com o intuito de indicar-nos como as questões e as respostas são compreendidas ou percebidas pelos adeptos, permitindo-nos evitar erros de vocabulário e de formulação e salientar recusas, incompreensões e equívocos, como recomendado em Quivy & Campenhoudt (2005). Realizou-se então a correção deste questionário aplicado consoante as observações feitas pelo inquirido quanto a sua estrutura, conteúdos e viabilidades das perguntas. Outro objetivo do pré-teste era o de tentar obter indicações sobre outros adeptos que pudessem responder ao questionário, uma vez que as dificuldades neste tipo de tema investigado consiste em encontrar atores

sociais dispostos a responder as questões, o que não aconteceu, ou seja, não obtivemos mais indicações de outros adeptos. Face a esta situação, divulgou-se o **Questionário Pré-teste através da rede social do Facebook** em forma de convite ao preenchimento, conforme os **Apêndices 2A e 2B**, o qual obtivemos poucas respostas, mas via endereço eletrónico criado para o efeito (os quais não utilizaremos na investigação uma vez que devido ao direito de anonimato não o poderemos anexar nesta investigação).

Construiu-se posteriormente o **Questionário definitivo “Saberes Freeganos” para aplicação *on-line***, através do instrumento do *Google Docs* de acordo com o **Apêndices 3A, 3B, 3C e 3D**.

A seguir enviamos por correio eletrónico a **Solicitação de Autorização para Divulgação da Hiperligação de acesso ao Questionário *on-line*** a todas as Instituições de Ensino Superior Público e Privado do País, de acordo com a Base de Dados da DGES (Direção Geral de Ensino Superior)⁴, de acordo com o **Apêndice 4A**, sendo que o **Apêndice 4B**, corresponde ao exemplo de algumas **Respostas da Solicitação e Autorização para Divulgação do Questionário** que recebemos de algumas Instituições, as quais também foram enviado o **Preâmbulo** como acompanhamento da solicitação de acordo com o **Apêndice 5**. Estipulou-se um prazo de aproximadamente um mês para as respostas. Do questionário aplicado *on-line* recolhemos 91 respostas recebidas dos inquiridos. Procedeu-se a seleção das respostas mais relevantes para o estudo, e que serão apresentadas no Capítulo 5, no Tratamento e a Análise dos Dados obtidos. Em seguida ter-se-ão Resultados, Discussões e Conclusões Finais, apresentados no Capítulo 6, onde se apresentarão as reflexões sobre o conteúdo analisado nos discursos dos inquiridos. Esta dissertação deixa-nos conscientes das várias possibilidades que poderá outras investigações debruçar-se sobre este tema do freeganismo em Portugal e que não se esgota nesta problemática, tampouco neste objeto, mas em muitos outros objetos interessantes que aqui não foram abordados.

A partir do próximo Capítulo 2, trataremos das teorias e dos conceitos que entendemos serem os mais pertinentes ao contexto do freeganismo para analisarmos os seus preceitos, os seus pressupostos e as suas pretensões e para refletirmos sobre como os adeptos o representam no seu modo de vida.

⁴**Fonte:** Base de dados da DGES. Acedido em 15 de Janeiro de 2013. (Informação completa na Bibliografia).

“Ceux qui ont la chance de pouvoir consacrer leur vie à l’étude du monde social, ne peuvent rester, neutres et indifférents, à l’écart des luttes dont l’avenir de ce monde est l’enjeu”.

Pierre Bourdieu, 1998.

Capítulo 2.

A ECOLOGIA NA PRÁTICA FREEGANA: Referencial Teórico – Preceitos, Pressupostos e Pretensões

2.1. As Bases do Freeganismo: Conceito e Ideologia

Neste capítulo, pretendemos dar a conhecer as características pelos quais são identificados os adeptos do freeganismo, associando alguns conceitos e teorias para refletirmos sobre os Preceitos, os Pressupostos e as Pretensões que pautam os seus discursos ideológicos ao criarem estratégias invulgares na luta quotidiana para a obtenção de alimentos descartados pela sociedade, por consideram ser um contributo para a sustentabilidade do ambiente na ótica da Ecologia Humana. O conceito da palavra “Freeganismo” e de onde provem o seu termo, é adotada neste estudo, pela definição retirada do endereço de *site* mencionado em nota de rodapé, contudo, ela pode ser encontrada, nos muitos endereços existentes na Internet com as mesmas particularidades.

O termo “*Freegan*” é derivado das palavras “*free*” (livre, grátis) e “*vegan*”. “*Vegans*” são pessoas que não consomem produtos de origem animal ou testados em animais num esforço para evitar a sua exploração. Já os “*Freegans*” levam isso mais adiante, reconhecendo que em uma economia industrial de produção em massa movida pelo lucro, assente na exploração de animais, de humanos e da terra esta exploração acontece em todos os níveis de produção (desde a aquisição da matéria-prima à produção e ao transporte) e em praticamente quase todos os produtos que compramos. Transformando essa ideologia numa espécie de “ativismo social” (embora alguns adeptos não o considerem como tal) em busca de atrair e mobilizar o maior número de

adeptos possíveis, que possam de alguma forma contribuir ou também aderir às suas ideias que consideram úteis para a ecologia, seja ela Humana ou Profunda.⁵

Os *freegans* podem ainda ser confundidos na contemporaneidade com outros atores que por força de uma conjuntura social e estrutural defrontam-se com fatores externos difíceis e às vezes impossíveis de controlarem em suas vidas (pobreza relativa), contrariando o paradigma da sociedade onde se inserem e dando vazão a admissão de que as nossas sociedades já admitem que a “globalização”, segundo Giddens, ainda que seja um termo muito discutido e contraditório quanto a sua aplicação, estimula, favorece e incentiva que “o conceito de modernidade de igual forma é defendida por trazerem por si só “estranhos” e “diferentes” modos de vida” (Giddens, 1999, p. 34).

Conscientes da dificuldade que é encontrada em compreender a prática do mergulho no lixo por si só, isto é, isolada das outras formas e práticas do freeganismo, optámos por expor também todos os princípios que identificam o conceito. A título de uma melhor compreensão sociológica associada a ecologia e de forma a dar sentido à nossa problemática, dividimos o conceito em três partes: **a)** os preceitos, ou seja, as ideias em que os *freegans* acreditam que podem fazer a diferença na ecologia com a sua participação; **b)** os pressupostos que querem dizer a forma prática pelas quais os adeptos se orientam e põem em prática tais ideias e **c)** as pretensões, que são os resultados a que pretendem alcançar através destas práticas.

2.2. Preceitos do Freeganismo: Contribuição para a Ecologia

Se a Ecologia Profunda que Aldo Leopold escreveu há mais de 40 anos, era baseada na preocupação com a necessidade de uma ética que abrangesse a Terra, os animais e as plantas numa articulação com os seres humanos que nela vivem, esta preocupação também foi partilhada tempos mais tarde com as de Arne Naess quando separou a ecologia defendida por ecologistas em dois conceitos, como sendo um “superficial” – que se limitava ao quadro moral tradicional, ou seja, a preocupação somente com a poluição e a preservação do meio natural – e o outro, como “profunda”,

⁵ Centro Universitário Ritter dos Reis: Curso de Pedagogia-Seminário de Filosofia Educação VI: Ciência, Ética e Sustentabilidade. Acedido em 30 de Setembro de 2012. Recuperado em <http://eticaesustentabilidade.blogspot.pt/2011/08/ecologia-profunda-freeganismo-e.html>.

dentro do movimento ecológico, onde os ecologistas procuravam preservar a integridade da biosfera no seu todo, segundo Singer (2002).

Em sua extensa e intensa consideração sobre as sociedades e o modo como estas “tratam” os seus *habitats*, Giddens examina as formas como estas sociedades se relacionam com o capitalismo, o industrialismo e a modernidade e as implicações que cada um deles trás para a população dessas sociedade que deles dependem e que os preceitos do freeganismo buscam ultrapassar de alguma forma nos três aspectos das sociedades contemporâneas nas quais vivem e convivem (Giddens, cit. em Goldblatt, 1996, pp. 87-112).

No primeiro inquérito sobre as Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente realizado em 1996 desenvolvido pelo ISCTE (Instituto Universitário de Lisboa) e pelo ICS-UL (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa), podemos observar que ficaram muitas questões para serem respondidas em futuras investigações, segundo os autores. Mas, “uma coisa clara resultou do inquérito...é que a preocupação ambiental se generalizou. Os portugueses sentem a saúde ameaçada, denunciam aspetos negativos ligados à sua vivência direta”, conforme Almeida, Org., (2000).

Neste contexto, podemos dizer que para os freeganistas a ecologia profunda faz parte de seus preceitos éticos, pois ainda de acordo com Singer “o bem-estar e o desenvolvimento da vida humana e não humana na Terra têm valor em si (sinónimos: valor intrínseco, valor inerente). Estes valores são independentes da utilidade do mundo não humano para finalidades humanas. A riqueza e a diversidade de formas de vida contribuem para a realização desses valores e também são valores em si. Os seres humanos não têm o direito de reduzir esta riqueza e diversidade exceto para satisfazer necessidades vitais” (Singer, 2002, p. 304).

Retomando às representações que a sociedade portuguesa faz sobre as práticas ambientais, vimos que o resultado do II inquérito, “não mudou muito, nem era esperável que mudasse”...o que mudou foram as novas informações relativamente às novas políticas e aos novos protagonismos de certos grupos sociais” (Almeida, Org., 2004, p. 377). Nestas mudanças, podemos incluir algumas opções de estilos de vida.

Os preceitos freeganistas passam também pela forma ecológica como radicalmente transformam os seus modos de vida para adentrar num outro, transformando esses modos em “estilo de vida”, onde estudos realizados por Linhares (2009) demonstram que “é influenciado por ideologias como o anarco-primitivismo, que prega o retorno ao natural e o fim do industrialismo. O freeganismo considera qualquer consumo prejudicial, ao passo que todas as empresas geram a exploração de animais humanos e não-humanos, além de provocarem problemas ambientais gravíssimos. O reaproveitamento de alimentos e objetos descartados no lixo seria a curto prazo a melhor forma de combater o desperdício gerado pelos padrões de alta rotatividade de mercadorias da sociedade de consumo. No entanto, o modelo de subsistência prezado pelo movimento a longo prazo não é o de simples «coletor», mas o de «produtor» de seus próprios meios de sobrevivência” (Linhares, 2009, p. 10). Neste sentido, os *freegans* vivem do desperdício alimentar alheio, adotando um estilo de vida próprio e marginal onde de acordo com Machado Pais (2009) “um estilo de vida marginal é um conjunto de práticas através das quais os atores sociais se esforçam por estilizar a sua vida, isto é, fazendo corresponder diferentes aspetos da sua alimentação, vestuário, habitação, etc., com modelos que não emanam necessariamente da cultura dominante ou da sua própria cultura” (Pais, cit. em Abonízio, 2009).

Grupos de interesse na ecologia humana, como os *freegans* dinamizam as suas ações algumas vezes baseadas em modelos vigentes em outras culturas, adaptam à sua realidade e são portadores de novos valores, de novas práticas sociais, de novos estilos de vida, de maneiras diferentes das até então prevalecentes, segundo Costa (2003).

Outra posição sobre “estilos de vida”, segundo Bourdieu é a de que “se deve evitar quer a ilusão objetivista – que consiste em considerar as estruturas sociais como uma realidade autónoma que se impõe aos atores sociais, sem ter em conta os processos que a partir da experiência e das ações dos sujeitos, geram as estruturas – quer a ilusão subjetivista – que atribui aos atores sociais uma autonomia absoluta, sem ter em consideração condicionamentos materiais e culturais que delimitam e orientam o seu agir. A relação sujeito-estrutura deve, portanto, ser entendida como uma relação de interdependência recíproca, reconhecendo que o agir não é nem uma pura reação mecânica, inteiramente dependente das normas, dos papéis, dos modelos culturais pré-estabelecidos, nem o puro resultado das intenções inconscientes e deliberadas dos atores

sociais. Sendo assim o ponto de encontro entre o agir e a cultura, segundo Bourdieu é o *habitus*” (Bourdieu, cit. em Crespi, 1997, pp. 131-135). Com estas afirmações podemos referir que os *freegans* podem ou não agir, conforme o seu *habitus*, quer dizer, de acordo com “as disposições duradouras que se vieram a formar na experiência prática da vida social e que se apresentam, ao mesmo tempo, como determinações estruturadas, enquanto resultado do agir histórico e das inter-relações dos sujeitos, e como dimensões estruturantes, enquanto geradoras das práticas e das representações individuais e coletivas, delimitando, os contextos sociais concretos, o campo das efetivas possibilidades de pensamento e de ação”, como nos orienta Bourdieu (Crespi, *ibid*; p.131).

Podemos dizer que os *freegans* agem de acordo com a sociedade em que se encontram e dentro de sua estrutura encontram formas de adaptação aos princípios gerais desta ideologia, mas que também podem agir nesta mesma sociedade com outras experiências adquiridas fora dela devido a “globalização”. Adotando com isto, um outro tipo de comportamento considerado como desviante para essa sociedade, porque só há desvio uma vez que há uma reação das autoridades em saúde e outras e da própria sociedade, pois se ninguém ligasse a este tipo de comportamento dos *freegans*, não seria considerado um desvio e isto só acontece porque quem faz o julgamento sobre este comportamento está de alguma forma intimamente envolvido no fenómeno, conforme Becker (2012). Neste contexto podemos então dizer que o comportamento alimentar dos *freegans* só é desviante porque causa de certa forma um constrangimento e repulsa na sociedade onde se inserem, uma vez que esta não procede da mesma forma no seu ato comensal habitual. “Muitas formas de comportamento tidas em estima elevada num dado contexto ou por um grupo, são olhadas negativamente por outros. Ainda na conceção de Lemert, para o contexto freeganista, o desvio pode ser considerado como “secundário”, já que “ocorre quando é posto um rótulo a um individuo que fez um determinado ato” (Lemert, cit em. Giddens, 2004, p. 689).

Contudo, embora os preceitos do freeganismo sejam divulgadas no *site* oficial criado com a finalidade de conhecimento e adoção de normas e regras para os iniciantes, há que se ter em consideração o fato de que o freeganismo não é praticado da mesma forma por todos os adeptos, pois ele tem gradações que subjazem à ideologia dependendo dos fatores culturais e das experiências adquiridas dos seus agentes.

Queremos com isto dizer, que a sua prática como é orientada e defendida pelos adeptos, pode ter variações dependendo do país onde o agente se insere e mesmo no caráter pessoal dos agentes, daí esta investigação focar o seu olhar nos *freegans* atuantes em Portugal, para tentar perceber se há e quais são as semelhanças ou diferenças com os *freegans* atuantes em outros países.⁶

Posto isto, vimos que estes dois eixos de análise – freeganismo enquanto ativismo social ou ativismo ecológico e ecologia humana – andam geralmente a par, mostrando que existe uma conexão muito próxima entre as representações ideológicas dos *freegans* e os seus preceitos que se articulam aos pressupostos da ecologia humana, onde de acordo com Craveiro & Pires (2011) a ecologia é a articulação entre os seres vivos e o ambiente onde vivem e onde mutuamente são dependentes um do outro por pertencerem à mesma cadeia de evolução nos ecossistemas. A Ecologia Humana deriva mais propriamente desta dependência do ser humano com o sistema natural onde habita segundo, Craveiro & Pires (2011). Desde os primeiros estudos de Durkheim, passando pela Escola de Chicago nos anos vinte, “está presente um filão de reflexões sobre a relação intercorrente entre sociedades humanas e o ambiente natural em que vivem”, onde devemos interpretar estas relações como evolucionistas. Muitas vezes conseguidas através de seus conflitos conforme (Mela, 1999, pp. 22-33). A Escola de Chicago nunca deixou de refletir sobre o papel antropológico que está em evolução contínua para que as espécies sobrevivam através de suas adaptações e mudanças numa escala universal, conforme Craveiro & Pires (2011).

Faz parte dessas mudanças antropológicas todo um processo civilizacional proposto por Elias, onde encontramos na conclusão da sua extensa investigação sobre a história da civilização humana uma visão do conjunto de todos esses movimentos passados nas transformações ocorridas. Quer pela evolução dos pensamentos do ser humano em relação à natureza, quer pelos próprios fenómenos naturais em si, que acumulam nos nossos espíritos e nas escrituras, saberes de erros e acertos que nos são transmitidos através de muitas gerações e que gradualmente se ordenam na conexão entre o que é natural e o que faz parte da produção humana e que só adquirem consistência à medida que as vemos em conjunto com os acontecimentos do nosso

⁶Site oficial da Organização Freegan. Recuperado em www.freegans.info.com. Acedido em 30 de Setembro de 2012.

próprio tempo. Independentemente dos aspetos culturais e biofísicos dos povos que podem situar-se no tempo-espaço diferentes, o resultado sempre levar-nos-á a uma mudança a curto, médio ou longo prazo, pois tal é a lei do progresso nos espíritos humanos, de acordo com Elias (2006).

Com isto, “no limite, pode argumentar-se que cada povo estaria adaptado a viver no seu ambiente próprio, tendo desenvolvido historicamente os laços instrumentais, e culturais resultantes dessa adaptação”, poder-se-ia dizer que numa sociedade consumista no ponto de vista dos *freegans* o mergulho no lixo pode ser um instrumento para a sua adaptação comensal (Craveiro & Pires, 2011, p. 5).

Na Figura 2.1. que apresentamos abaixo, poderemos verificar que os preceitos do freeganismo envolvem de uma forma geral as principais preocupações vigentes na sociedade contemporânea, não obstante elas sempre existirem, algumas vezes sob outros rótulos. Contudo, limitar-nos-emos em apresentá-lo tal qual extraímos da fonte indicada, sem nos ocuparmos dos conceitos que envolvem cada item, uma vez que o nosso objetivo central não passa pela análise dos mesmos.

Figura 2.1: Preceitos Ecológicos do Freeganismo.



Fonte: Adaptado do *site* oficial do freeganismo www.freegans.info.com. Acedido em 30 de Setembro de 2012.

“Cultural: Alimentação em grupos, individuais ou em família como forma de estar mais perto das pessoas.

Religioso: Muitos usam seu tempo livre para atuar como voluntários porque é eticamente correto, fazer campanha em prol de questões relacionadas a animais de estimação, realizar workshops sobre reparos e, é claro, procurar comida.

Económico: É claro que com a “pilhagem” de toda a sua alimentação, evitando comprar roupas, móveis e eletrônicos e talvez até ocupe uma propriedade abandonada, tem poucas despesas. Com a dependência financeira reduzida, os freegans podem escolher empregos que se harmonizem com crenças sociais e ecológicas do freeganismo. Geralmente acreditam que podem trabalhar menos e, às vezes, não trabalhar de forma nenhuma.

Político: Os freegans também acreditam que a sociedade depende excessivamente do petróleo. Alguns freegans convertem seus carros para funcionar com biodiesel. Outros caminham ou andam de bicicleta quando possível. Até sugerem caronas em carros e trens, duas alternativas não convencionais para as soluções de transporte verde padrão aos carros híbridos e às compensações de carbono.

Filosófico: Os freegans preferem não comprar. Eles resistem às atualizações eletrônicas e às mudanças na moda. Consertam o que já possuem. Fazem trocas entre si. Andam em busca do que precisam. E como a maioria das sociedades industrializadas produz muito lixo, os freegans geralmente podem passar bem confortavelmente com apenas alguma compra ocasional.

Fisiológico: Os freegans preferem ser seus próprios produtores por acreditarem que comer alimentos sem agro-tóxicos, etc., faz bem ao organismo”.⁷

2.3. Pressupostos Ecológicos dos *Freegans*: de Coletores a Produtores

Recorrendo ao estudo de Linhares (2009), como vimos o freeganismo insere-se numa contribuição ecológica tanto na sua participação enquanto “coletores” de resíduos descartados pela sociedade onde vivem através da sua prática do Mergulho no lixo e evitando o desperdício. Bem como “produtores” ecológicos nesta mesma sociedade, através dos pressupostos ideológicos de um “retorno ao natural” quando da produção dos seus próprios meios de sobrevivência pela via da alimentação, conforme Linhares (2009).

Os *freegans* enquanto coletores do que é descartado pela sociedade considerados como desperdício e gerador de um meio ambiente insustentável também buscam em paralelo produzir utopicamente um outro tipo de pegada ecológica mais voltada para a preservação ambiental. Porque para eles a contracultura, conforme Baudras (2009) “não é uma utopia que se projeta num futuro longínquo”, mas antes, algo que pode estar já sendo feito na atualidade, onde através de práticas específicas como é o caso da recuperação do que é desperdiçado pela sociedade (Baudras, *apud* Dicionário das Utopias, 2009, p. 84).

⁷Site oficial da Organização Freegan. Recuperado em www.freegans.info.com. Acedido em 30 de Setembro de 2012.

Estas práticas consistem em reaproveitar por exemplo, os alimentos que a sociedade descarta nos seus hábitos de consumo alimentares quotidianos. Porém, estes descartes (que podem ser também de outros produtos que não sejam só alimentares) não provém unicamente do uso doméstico, mas também e potencialmente dos mercados, supermercados e restauração em geral. Portanto, podem começar pelos próprios produtores agrícolas ou de toda uma cadeia alimentar, pois segundo Pires *et al* (2012):

*“No mundo ocidental comemos muito, comemos mal, e desperdiçamos muita comida. Nada de muito surpreendente: este é apenas mais um fenómeno próprio de uma sociedade que, sendo de consumo, é também de desperdício. É que, além do gasto inútil de recursos ambientais e económicos associados a qualquer forma de desperdício, no caso do desperdício alimentar somos ainda interpelados de um ponto de vista moral: o fato de milhões de toneladas de alimentos serem lançadas ao lixo anualmente, num mundo onde um sexto da população mundial passa fome, dificilmente nos pode deixar indiferentes. Como em tantos outros problemas colocados pelos sistemas de produção e consumo dos países ocidentais – em padrões que são cada vez mais globais – está em causa a dimensão ambiental, a pressão colocada sobre os ecossistemas pelo uso de recursos e pelos desperdícios gerados, e também uma dimensão de justiça, intra e inter-geracional. Ou seja, este é, tipicamente, um problema de sustentabilidade...como é comum nas questões de sustentabilidade, o fenómeno do desperdício alimentar deve ser avaliado também à escala global: em 2011, um estudo da FAO (Food and Agriculture Organization) revelou que um terço da produção alimentar em todo o mundo é desperdiçada. A investigação de Mena *et al.*¹⁰ cita vários estudos, indicando que entre 25% e 50% de toda a produção se perde ao longo da cadeia de aprovisionamento e consumo. A cadeia de aprovisionamento alimentar tem início na produção, englobando a atividade agro-pecuária e a piscatória. Alguns destes produtos são comercializados em fresco, outros seguem para a segunda etapa da cadeia que é a da indústria alimentar, composta por unidades de processamento que transformam e acondicionam os produtos, facilitando o transporte, distribuição e consumo. A terceira etapa é a da distribuição, que consiste na comercialização dos produtos frescos ou processados, fazendo-os chegar aos consumidores, última etapa da cadeia”* (Pires *et al*, 2012, p. 15-21).

Freeganista, investigador, ativista e autor de vários artigos e livros sobre o desperdício alimentar nas sociedades modernas, conforme já o citamos, Stuart investiga sobre o desperdício alimentar mundial. Publicada no livro *“Waste – uncovering the global food scandal”*, a investigação de Stuart dá-nos uma visão sobre a complexidade desta relação entre o ser humano, o capitalismo e as ecologias (profunda e humana) e nos alerta sobre:

“A ineficiência da indústria de alimentos, as injustiças sociais e os danos ambientais em que estamos inseridos, se perpetuam por meio da produção de alimentos, o que faz com que a abundância de comida desperdiçada seja tamanha que podemos levar para casa o que o comércio descarta. Em vez de ir para a lata do lixo, esse excesso deveria ser redistribuído antes da data de validade. É que na verdade, não deveriam nem mesmo produzir esse excesso. É uma comida em perfeito estado, dentro de um saco plástico, inteiramente embalada e descartada nos fundos da loja. São sacos e sacos de comida boa para o consumo. E existe a estimativa do desperdício em toda a cadeia de produção, comércio e consumo em casa, que é de 25% a 70%. Se levarmos em conta os níveis da colheita, processamento, distribuidor e finalmente o consumo

doméstico, verá que em todos os estágios da cadeia há desperdício” (Stuart, 2009, pp. 99-147).⁸

Na análise dos pressupostos de identificação do que é o freeganismo, adentraremos agora nas questões da participação efetiva dos freeganistas para a ecologia humana onde observamos que as alternativas estratégicas que os *freegans* adotam para viver baseados em uma participação limitada na economia passam segundo a sua filosofia, inclusive por não comprar ou comprar o mínimo possível, alimentos nas superfícies comerciais, evitando cada vez mais produtos industrializados e dando preferência enquanto produtores, aos alimentos produzidos em pequenas hortas nos quintais onde habitam, isto como forma de uma “agricultura de subsistência” e também como forma de boicotar algumas empresas e corporações, visando um universo maior neste boicote: todo o sistema económico em si.

Numa análise realizada por Baudrillard (2008) sobre a sociedade de consumo vigente na atualidade e na existência de uma “evidente abundância criada pela multiplicação dos objetos, dos serviços, dos bens materiais, originando como que uma categoria de mutação fundamental na ecologia da espécie humana”, vimos que segundo este autor, vivemos hoje, mais “rodeados” de objetos que da própria espécie humana, isto quer dizer que “começamos a viver menos na proximidade dos outros homens, na sua presença e no seu discurso; e mais sob o olhar mudo dos objetos obedientes e alucinantes que nos repetem sempre o discurso – isto é, o do nosso poder medusado, da nossa abundância virtual, da ausência mútua uns dos outros”. Esta análise permite-nos refletir sobre um dos aspetos do freeganismo, que visa o “retorno ao natural”, não só com relação ao consumo alimentar “saúdável”, mas principalmente ao convívio face-a-face como nomeadamente na comensalidade, sem que tenhamos que nos dispersar na atenção aos objetos que estão à nossa volta, mas dando mais atenção ao outro, como por exemplo, à família, aos amigos, daí a darem muito valor à questão cultural, conforme já mencionado (Baudrillard, 2008, pp. 13-16). Para os *freegans* o tempo que o ser humano gasta no trabalho para angariar dinheiro e obter produtos cada vez mais “supérfluos” por exemplo, não deixa margem para se dedicar à família e aos amigos. Entretanto, quando são necessários os consumos de bens inevitáveis, alguns adeptos menos radicais tentam apoiar o comércio local numa demonstração de generosidade, de interesse social, da

⁸ Estas são algumas das atividades que ativistas como Tristram Stuart promovem. Recuperado em <http://damnfoodwaste.com/>. Acedido em 03 de Julho de 2013.

liberdade e da ajuda mútua, ao contrário da atual sociedade baseada, segundo eles, no materialismo, na apatia moral, na competição, no conformismo e na cobiça, conforme leitura na investigação de Linhares (2009). Esse método de interação estudado por Barnard configura paradoxalmente o que os próprios *freegans* definiram como crucial para as suas ideologias: o anticonsumismo. O que vai de encontro ao estudo sobre a utilização dos média e ao encontro com os preceitos e os pressupostos anti-consumista admitido no freeganismo, segundo Barnard (2011).

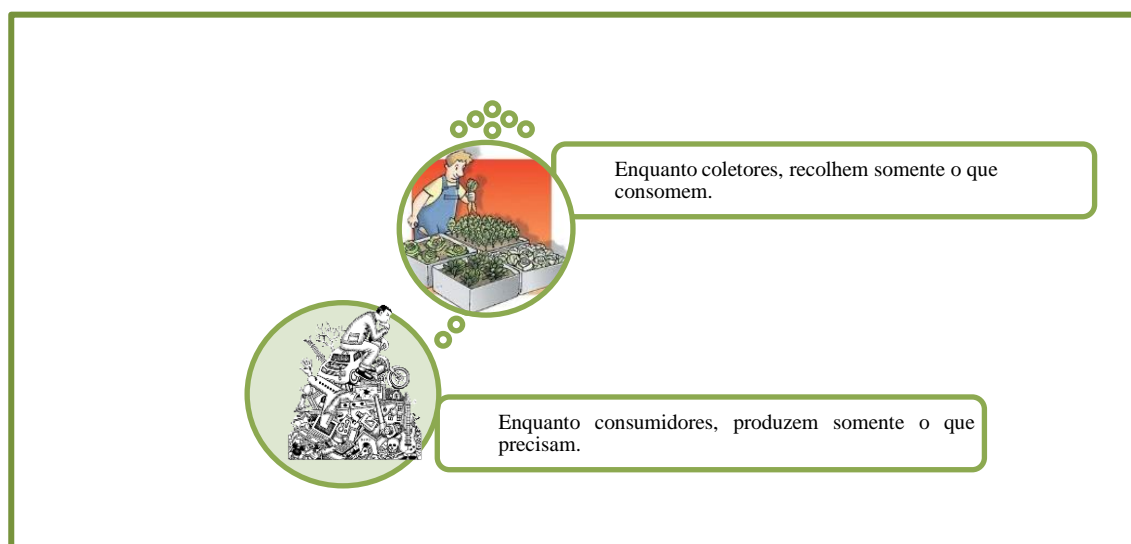
Na conclusão deste item sobre os pressupostos freeganos repensamos a teoria de Weber sobre as ações praticadas pelos *freegans* como uma modalidade a que considera “ação racional de valores”, como sendo o valor intrínseco do comportamento humano de um ponto de vista ético, estético ou religioso ou seja, dar-se valor “racional” às ações onde cada um elabora conscientemente os seus objetivos e os direciona orientados para fins determinados. Isto quer dizer, que para os freeganistas o valor consequente da recuperação daquilo que a sociedade descarta e dos quais se apropriam valoriza a sua pegada ecológica não só na sociedade onde vivem, como também para o planeta (Weber, *in* Dicionário de Sociologia, 2008, pp. 336-337). Esta reflexão nos leva a um outro ponto de vista que está relacionado com as questões da ética encontradas no freeganismo em quase todos os seus preceitos, pressupostos e também na sua pretensão, por envolverem os já citados aspetos da maioria das sociedades contemporâneas e nas quais muito se acredita já estarem em um estágio de “modernidade e globalização”.

Sobre estas duas questões: Ética e Cultura, é Singer um ambientalista que teoriza sobre a alimentação de animais, afirmando que “para a maioria das pessoas das modernas sociedades urbanas, a principal forma de contato com os animais não humanos é à hora das refeições”, esta é a forma mais básica que assenta na crença de que os animais existem para o nosso prazer e conveniência... o autor cita a título de exemplo que os Esquimós que vivem em ambiente onde os animais são sua fonte de sobrevivência, justificam-se dizendo que os seus interesses se sobrepõe as dos animais que matam” (Singer, 2002, p. 82). Embora as teorias de Singer incidam mais sobre os animais que consideramos como “normais” para o consumo humano, principalmente em sociedades modernas ocidentais, o que o autor defende para além dos direitos que os animais têm que é a vida, também o seu sofrimento como sendo abusivo e por este motivo podemos aplicar no caso do tráfico destas espécies e como as mesmas são

capturadas no seu *habitat* natural e transportadas até seus destinos. Todas estas preocupações vão de encontro as questões ambientalistas que os *freegans* também defendem. Relativamente à cultura, não é raro vermos reportagens sobre longínquos lugares do mundo com hábitos alimentares que para nós de outra cultura são muito estranhos. A questão da comida é cultural. Imaginemos, por exemplo, oferecermos carne bovina a um indiano. Além de não fazer parte do cardápio, podemos ofendê-lo, já que a vaca, para os hinduístas, é sagrada. Em compensação, ele não tem nenhum problema em comer ratos, que consideramos repugnantes e bem distante de nossa mesa. Se consideramos arroz e feijão indispensáveis, fora daqui, lá bem distante, comer um ou vários tipos de insetos pode fazer a diferença. O mesmo poderá acontecer com a prática do mergulho no lixo realizada pelos *freegans* e conseqüentemente depois o consumo resultante desta coleta, que pode ser precedida daquilo que eles – os *freegans* – consideram estar baseados numa ética.

A Figura 2.2. representa a ideologia freegana, uma vez que os adeptos do freeganismo consideram-se também produtores de alimentos mais saudáveis, para além das coletas que realizam, no intuito de contribuir para a diminuição do desperdício causado pela sociedade.

Figura 2.2: Pressupostos Freeganos: Coleta e Produção como Contribuição Ecológica.



2.4. Pretensões do Freeganismo: Mudança de Estilo de Vida

Num trabalho de investigação e participação ativa sobre o problema da fome no mundo realizado por Ravignan (2004), o autor refere que:

“Devido aos media, a fome dos outros está sem dúvida mais perto de nós do que nunca. Nas nossas vidas de ocidentais atarefados, só se apresenta, em geral, como uma má consciência um pouco vaga. No entanto ela é um dos sintomas mais graves da degradação da vida humana no nosso planeta, pelo que deveria logicamente, constituir uma base para qualquer reflexão política que se pretenda enraizada na realidade. Não é o que se passa, como bem o sabemos: determinado jornal consagrará ocasionalmente uma página à questão da fome, determinado político aludirá a ela num discurso, mas quase sempre como algo que se passa longe de nós, que não põe em causa a nossa vida, que não é, verdadeiramente, um problema nosso. As pessoas pouco numerosas, que estão persuadidas do contrário pretenderão, justamente, alertar a opinião. Nesse esforço, enfrentam vários obstáculos” (Ravignan, 2004, pp. 18-19).

Segundo o autor estes obstáculos começam pela falta ou má informação dos órgãos competentes sobre a real situação da fome no mundo. Ravignan, ainda discorre sobre o papel dos atores sociais que “pessoas de boa vontade (fora de contexto universitário ou governamental), apenas conseguem, de momento, desempenhar um papel de sensibilização da opinião; não chegam a permitir que as pessoas, ainda que o queiram, aprofundem os seus conhecimentos e alimentem a sua reflexão, a fim de assegurarem a transmissão de uma informação ainda excessivamente esporádica”. Este ponto de vista de Ravignan é importante para percebermos que o freeganismo tenta despertar através da mudança do seu estilo de vida a opinião pública sobre o desperdício alimentar que poderia colmatar uma boa parte da fome no mundo, através das suas práticas comensais que embora sejam consideradas “radicais”, talvez sejam o “limite” que se pode chegar para “cativar” as atenções para este flagelo mundial (Ravignan, 2004, pp. 18-19).

Com argumentos como o desperdício alimentar acentuado nas sociedades contemporâneas e a má distribuição de recursos para combater o flagelo da fome, os *freegans* ao adotarem modos ou estilos de vida diferentes, colocam-se algumas vezes à margem da sociedade a qual pertencem, assim, buscamos enquadrar o sentido de marginalidade aplicada ao freeganismo pelo artigo de Tavares, porque condensa o conceito tal e qual para o efeito desejado:

“Em seu estudo sobre as populações marginais, Robert Park (1978) faz referência sobre a marginalização social, considerando a sua interpretação tanto no plano individual quanto no plano coletivo. No plano individual, o conceito se aplica à pessoa que pertence a duas culturas, ou aquele que se encontra à margem do contexto social sem participar das oportunidades e privilégios, ou ainda, o conceito se aplica àquele sujeito que infringe a normas de conduta e aos princípios convencionalmente determinados pela sociedade, ou ainda o desajustamento psicológico que caracteriza a alienação. Em sua obra: Capitalismo e Marginalidade na América

Latina, Lúcio Kovarick (1975), afirma que, na esfera social, o conceito de marginalidade tem sido interpretado por duas vertentes teóricas: a do modelo funcionalista, que caracteriza-se pela falta de integração, e na dualidade entre as classes sociais, a exemplo da sociedade tradicional que se opõe à sociedade moderna; e a sociedade moderna e a marginal, que se opõem à sociedade integrada. Na esfera social, o conceito de marginalidade também se refere ao modelo de análise histórico – estrutural, que entende a marginalidade como resultado da própria estrutura vigente na sociedade, e é concebida como um fenómeno que se deriva de um tipo particular de inserção na estrutura social. Nessa análise, a estrutura económica e social se torna excludente, quando a industrialização gera ocupações que possuem um carácter marginal, auferindo uma remuneração financeira mínima aos trabalhadores”, segundo Tavares (2012).

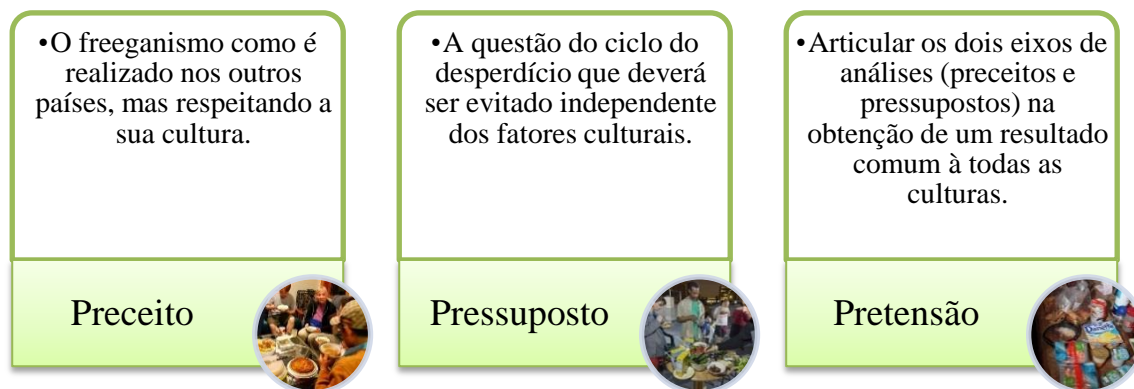
Contudo, optar por um estilo de vida considerado sociologicamente marginal ou no mínimo desviante, isto é, fora das regras e normas conforme já o dissemos, é também uma questão de liberdade de escolha uma vez que uma das suas práticas alimentares que configuram o “mergulho no lixo” à procura de géneros alimentícios descartados pelos cidadãos ou por empresas, implica uma escolha de “estilo de vida” e não uma imposição por necessidade económica.

Se nos anos 80-90 revirar as lixeiras em busca de comida, atravessar a cidade caminhando e só vestir roupas usadas, era chamado ou discriminado como os “sem-abrigo ou os relegados da sociedade”, na atualidade já não podemos nos esquecer que estes ideais tipo podem ser confundidos com outro grupo que embora tenham características semelhantes, de mendigos nada tem. Mesmo que na visão do senso-comum muitas vezes se desconheça a realidade dessas pessoas consideradas à margem do paradigma sociológico de pobreza, que segundo uma investigação de Magnet (2011) estão envolvidos em questões políticas e não propriamente humanitárias, injustiças ou desigualdades sociais, conforme Magnet (2001).

Assim, uma nova subcultura de mendigos por convicção ideológica começa a florescer: são os *freegans*, que de acordo com Baudras (2009), “a contracultura apresenta-se antes de mais sob os traços de uma categoria que cabe um pouco de tudo estendendo-se dos anos 50 ao início dos anos 70 e cujo campo de intervenções se define essencialmente pelas suas relações de antagonismo com uma cultura oficial”.

A Figura 2.3., demonstra que os Preceitos, os Pressupostos e as Pretensões da ideologia freegana, consiste numa outra filosofia do modo de viver que alguns atores sociais adotam para as suas vidas, independentemente da sua cultura (Baudras, *apud* Dicionário das Utopias, 2009, p. 83).

Figura 2.3: Freeganismo: outro Modo de Vida.



Até o momento esta dissertação procurou discorrer sobre temas já abordados nos outros estudos realizados sobre o freeganismo para dar sentido a problemática proposta, todavia, não podemos deixar de lado uma das questões mais importantes na ancoragem do freeganismo e que está presente direta ou indiretamente em todos os discursos que conseguimos aceder através da revisão de literatura que acentua uma das características básicas do freeganismo global: a Ética.

2.5. A Ética como Conceito na Base do Freeganismo Global

O motivo pelo qual este tópico sobre a ética freegana coloca-se nesta posição tem a ver com o fato de que os preceitos freeganos gerais, independentemente do país onde o freeganismo é praticado, têm por base obedecer uma ética na condução de seus modos de vida, respeitando todos os seres e em todos os seus *habitats*. A moral para os adeptos do freeganismo inscreve-se num código ético que pretende ser prático, ser pensado e refletido quando consumimos por exemplo que qualquer produto que coloque em sofrimento os seres humanos ou os animais é essencial abortar, porque apesar de consumirem carne, ao contrário dos vegans, os *freegans* boicotam qualquer tipo de especismo sistemático.

Para Singer (2002), “a alimentação não é a única área na qual o princípio na consideração de interesses, alargado para lá da espécie humana, tem implicações práticas. Há muitas outras áreas que levantam questões semelhantes. Incluindo o comércio de peles, a caça nas suas diferentes formas, os circos, as touradas, os jardins zoológicos e o comércio de animais de estimação. Os problemas filosóficos levantados

por estas questões não são muito diferentes daqueles que decorrem da utilização de animais na alimentação e nas experiências científicas” (Singer, 2002, p. 88).

Quando nos referimos à palavra “ética”, logo nos remetemos para a obra de Weber – “A ética protestante e o espírito do capitalismo” – talvez, porque são nestes escritos oriundos de um passado não tão distante assim, que o ser humano começou a refletir o que esta pequena palavra significa. Uma vez que de certo modo esta obra foca suas principais conclusões sobre a relação entre o surgimento e a evolução do capitalismo e o protestantismo (especificamente o calvinismo). Weber faz um extenso e profundo estudo relacionando as práticas industriais, agrícolas e comerciais vigentes na época no século XVIII, com a religião e suas diversas seitas. Estudos estes, que não podemos ignorar, uma vez que engloba também o capitalismo tão evitado pelos *freegans*. Contudo, não nos alongaremos nos pensamentos de Weber, mas sim na sua chamada de atenção para todos os pressupostos que a palavra “ética” traduz (Weber, *cit. em* Parkin, 2000, pp. 23-51).

Nas palavras de Kropotkine (2009), “a história do pensamento humano faz lembrar as oscilações do pêndulo e estas oscilações duram já há séculos. Depois de um longo período de sono, surge um momento de despertar. O pensamento liberta-se, então, das correntes com as quais todos os interessados – governantes, homens de lei, clero – o tinham cuidadosamente aguilhoado. Quebra-as. Submete a uma severa crítica tudo aquilo que lhe fora ensinado e põe a descoberto o vazio dos preconceitos religiosos, políticos, legais e sociais, no seio dos quais tinha vegetado. Inicia a sua investigação por vias desconhecidas, enriquece o nosso saber com descobertas imprevistas; cria novas ciências” (Kropotkine, 2009, pp. 33-42).

Isto nos remete aos dias de hoje, onde ela, a “ética”, “tornou-se corrente, talvez devido à sua ausência”, segundo Magalhães (2010) já no prefácio da obra, nos apresenta a sua reflexão acerca da ética como um paradoxo na modernidade onde é amplamente divulgado nos inflamados discursos políticos, sociais, educativos, médicos, biológicos, psíquicos e no caso dos *freegans*, ecológico. Mas que é raramente praticado. Os *freegans* nos chamam a atenção para este aspeto quando refletem sobre a sociedade de consumo. Parafraseando Magalhães perguntamos: para que serve uma reflexão sobre a ética? E é ele mesmo quem nos responde: serve para ajudar a desenvolver uma consciência moral competente no plano pessoal, profissional, social e cívico. A ética é

um conjunto de regras de urbanidade usadas como instrumento para proteger os direitos e também deveres dos atores sociais perante a sociedade em determinados contextos, promovendo o sentimento de dignidade moral” (Magalhães, 2010, pp. 7-13).

Assim, para Santos (2012), havemos de separar e definir conceitualmente os dois termos que refere que, “a ética é uma reflexão filosófica sobre a moral” e a “moral por seu turno, seria, neste sentido, o objeto desta reflexão, o objeto da disciplina filosófica chamada ética”. “Esta distinção funcional, faz da ética uma atividade do pensamento e da moral um objeto existencial (dimensão da vida) e social (normas morais)”. Contudo, segundo o autor, essa distinção não é consensual. De acordo com Santos ao analisarmos a questão da moral como sendo um “sistema de normas vigentes numa sociedade”, encontramos que “ela começa por ser algo positivo, embora de certo modo invisível. É o invisível que está por trás de uma ordem social visível, ou seja, é um modelo de comportamento considerado adequado e aceitável numa dada sociedade, numa dada época.

Este modelo pode ser explicitado como um sistema de princípios e normas sociais aceites, respeitadas e geralmente aplicadas pelos atores sociais que constituem essa sociedade. Os casos de não respeito ou violação, longe de implicar a invalidade dessas normas, justificam, com base nelas, comportamentos de crítica ou mesmo sanções em relação aos que as violaram. Assim concebida, a moral varia de uma época para outra, de uma sociedade para outra. O que encontramos não é uma moral mas *morais*. A moral de uma sociedade ocidental no século XXI, por exemplo, difere da moral «vitoriana» que vigorava no século XIX no mesmo sítio. Há comportamentos, nomeadamente em matéria de sexualidade, que, ainda há bem pouco tempo, eram objeto de codificação moral e que, nos nossos dias, deixam de o ser. Da mesma maneira, a moral ainda hoje em vigor nas sociedades de cultura islâmica é, no que toca à codificação das bebidas alcoólicas, da ocultação do corpo ou da sexualidade, bastante mais restritiva do que no Ocidente, onde a tendência é para uma indiferenciação, ou seja, uma não codificação moral nestas matérias” (Santos, 2012, pp. 39-45).

Sem nos aprofundarmos mais nas questões da “ética e da moral”, podemos juntar estes dois conceitos a um outro preceito que encontramos na ideologia freegana que é o da “solidariedade” estudada por Barnard (2011), que pode se encontrar tanto dentro do setor cultural quanto do económico e político como uma questão de ética

prática, pois quando os atores recolhem os resíduos alimentares, por exemplo e realizam a “pilhagem”, dividem-no não só entre si, como também com quem estiver disposto a participar desta experiência, convidando a quem “assiste” a tal ato para participar na comensalidade, embora com o objetivo de captar a atenção de outros futuros adeptos para o freeganismo (Barnard, 2011).

Sobre esta reflexão da divisão do que é encontrado nas várias expedições ao lixo realizadas pelos *freegans* encontraremos em Singer (2002) um princípio plausível de que “se estiver nas nossas mãos evitar que aconteça um grande mal, sem com isso sacrificarmos nada de importância moral comparável, devemos fazê-lo” (Singer, 2002, pp. 250-253).

Ora, para os *freegans*, é um grande mal o que a sociedade faz com os alimentos ao descartá-los quando ainda podem ser aproveitados e quando há tanta pobreza e fome no mundo, então porque não ajudar quem mais precisa? Mesmo que economicamente não lhes tenha “custado nada” esta “doação”.

Ainda que uma terceira premissa seja a mais controversa quando defende que apenas se pode impedir alguma pobreza absoluta sem o sacrifício de seja o que for de importância moral comparável uma vez que “evita assim a objeção de que toda a ajuda que eu puder dar não passa de «uma gota no oceano», porque a questão não é a de saber se a minha contribuição pessoal causará alguma impressão perceptível na pobreza mundial no seu todo (claro que não), mas se impede alguma pobreza, dado que qualquer pobreza absoluta é um mal, e não a quantidade total de pobreza absoluta” (Singer, *ibid*; p. 252).

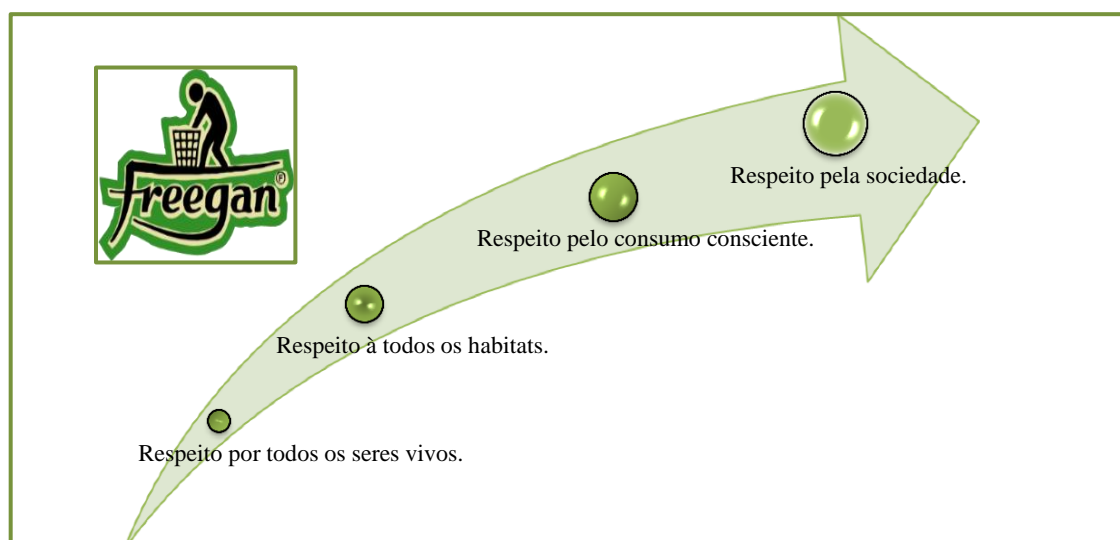
Para Campenhoudt 2012), “nas sociedades modernas, onde as trocas económicas são principalmente organizadas pelo mercado, temos tendência a subestimar a importância da dádiva. A troca de prendas, sob formas diversas, permanece certamente uma prática corrente no seio da família e entre conhecidos, mas também entre correspondentes anónimos. Conceder tempo a um amigo para o ajudar a mudar de casa ou a pintar o seu apartamento, convidar um colega para almoçar, subsidiar financeiramente uma associação caritativa ou militante, dar uma festa pelo casamento dos filhos, constituem apenas alguns exemplos da infinidade de dádivas que tecem o nosso quotidiano. Com a modernização e o mercado, a dádiva não desapareceu;

deslocou-se somente, recuou em certos setores para reaparecer noutros, por vezes de forma surpreendente” (Campenhoudt, 2012, pp. 137-138).

Este autor, retrata também o “espírito da dádiva”, estudado por Mauss, nas tribos da Polinésia e da Melanésia, onde um grande número de sociedades arcaicas realiza trocas sob a forma de dádivas, quando formulou a sua teoria sobre o “fato social total”, o qual não nos cabe aqui nos alongar, mas sim considerar que os *freegans* também praticam estas trocas para que de alguma forma se perpetue o espírito da dádiva.

A Figura 2.4., ilustra a ética que está intrinsecamente dissertada nos discursos dos *freegans* em todos os textos que foram analisados para este estudo.

Figura 2.4. Ética Freegana: uma Questão de Respeito.



2.6. Breve Síntese

Uma vez estipulado que o primeiro capítulo desta investigação consistiria na Metodologia aplicada neste estudo faremos uma breve síntese do que nos apresentou o segundo capítulo que ora acabamos de concluir.

Neste capítulo nos dedicámos a responder aos questionamentos sobre o que consiste a ideologia discursada no ativismo praticado por um grupo de atores sociais denominados “*freegans*”. Uma delas se prende com as questões ecológicas que se acentuam mais no sentido de “amenizar” o desperdício fabricado pela sociedade se transformando num dos preceitos que o freeganismo tenta levar adiante ao adotar normas e regras que buscam a homogeneização do que para alguns é considerado como “movimento”, enquanto para outros é apenas um “ativismo” isolado ou ainda mal divulgado.

Dentro destes preceitos, encontrámos os seus pressupostos que passam por algumas críticas pelo modo como são praticados pelo freeganismo por se desviarem das regras do paradigma consumista da sociedade moderna. Estes pressupostos visam atingir um objetivo maior. Pretendem alcançar um número maior de indivíduos que possam aderir a um outro modo de vida fugindo ao tradicional e se transformando num “estilo de vida”, com ideias e ideais voltados ao ecologismo profundo e humano que alguns atores sociais buscam transformar através de estratégias pouco vulgares dentro da sociedade.

São algumas dessas estratégias que causam maior “estranheza” na sociedade contemporânea e uma delas é o motivo desta dissertação: a prática do mergulho no lixo para obtenção de resíduos que a sociedade descarta. Na ótica dos *freegans*, muitos destes resíduos são tidos como “desperdício” e dentre eles, o mais grave é o alimentar.

Para os *freegans*, o aproveitamento ou reaproveitamento destes produtos, considerados “bens de consumo” devem ser respeitados dentro de uma ética que consideram ser essencial para a contribuição da sustentabilidade do planeta e que envolve toda a cadeia dos seres vivos.

Redirecionar o desperdício alimentar para outros fins é uma das suas pretensões.

“Every man is in certain respects a) like all other man, b) like some other man, c) like no other man”.

Kluckhohn e Murray, 1948.

Capítulo 3.

FREEGANISMO PELO MUNDO:

Outras Realidades

3.1. Freeganismo como Exploração Científica

Sem a pretensão de ter abarcado todos os estudos já realizados sobre o freeganismo nos diversos países em que ele já foi investigado incluindo Portugal, neste terceiro capítulo daremos um parecer sobre o Estado da Arte encontrado na Revisão da Literatura, disponibilizada nos meios científicos através das teses, dissertações, livros, revistas, *sites*, *blogs* e artigos a que se pode ter acesso.

Os trabalhos que referimos são unânimes em argumentar que o freeganismo expõe um assunto sensível, polémico e ainda pouco investigado cientificamente devido à multiplicidade dos pontos de vista pelos quais pode ser criticado. Compreendemos bem esta questão pelas dificuldades com que nos deparámos desde a revisão da literatura, praticamente toda em inglês e com realidades muito diferentes da portuguesa. Mas, para Campenhoudt (2012) é importante que as investigações pelas quais os domínios científicos se legitimaram ao longo de décadas na exploração dos problemas sociais não se restrinjam apenas por questões como a desviância, a pobreza ou a exclusão social, “distraindo-nos” de outras questões não menos importantes que ocorrem nas sociedades, como o freeganismo por exemplo.

Embora seja praticado por uma minoria numa escala mundial, o freeganismo articula-se com a perspectiva de Moscovici (2011), quando nos remete para o papel importantíssimo da influência social que alguns desses “movimentos” podem ter, sob duas teorias: “se tivermos como referencial os pressupostos da teoria funcionalista, estamos aceitando que a influência vem de cima para baixo, que os de cima e a maioria são sempre os bons e corretos, e os de baixo, quando não se conformarem a essas normas, serão desviantes, perigosos e terão de ser contidos. O equilíbrio da teoria

depende da maioria e dos de cima. Agora, se empregamos outra teoria, como a teoria da genética e da inovação, a questão da influência muda completamente de figura: estaremos supondo que é possível mudar, e que essa mudança pode vir de minorias e de baixo”. Para este autor, “a influência social converte-se em fator genuíno de mudança quando a minoria influencia a maioria por seu estilo de comportamento e pela consistência deste estilo que acaba criando conflito e dúvida entre os membros da maioria” (Moscovici, 2011 p. 7).

Podemos dizer que a situação do desperdício alimentar que está assente nos discursos dos *freegans* pode despertar nas sociedades a consciência sobre o problema da fome no mundo e a doação de bens alimentícios ao invés do descarte, e demonstrar efetivamente o problema do desperdício. Também podemos constatar que este tema pode ser explorado em muitas áreas do conhecimento, entrecruzando-se muitas vezes na produção dos saberes. Novamente Campenhoudt (2012) chama a atenção para os “modos de produção e de utilização dos conhecimentos, o poder dos especialistas, os meios de controlo tecnológico e as possibilidades de condicionamento das massas que nunca foram tão importantes, mas também que os modos de produção e de utilização do conhecimento nunca, como hoje, foram objeto de exames e de avaliações «a modernidade reflexiva)», de ações coletivas «os movimentos ecologistas ou antimundialização» e de politização «a sociedade de risco)»” (Campenhoudt, 2012, p. 297).

É neste sentido de reflexão da modernidade que Giddens (2005) afirma que a tradição dos conhecimentos não pode ser dissociada da modernidade uma vez que “podem encontrar-se muitas combinações do moderno com o tradicional nos contextos sociais concretos”. Adverte-nos que “toda a ciência assenta em areia movediça” (Karl Popper, cit. em Giddens, 2005, pp. 25-29). Isto para explicar que no conhecimento científico nada é certo, nada é fiável, mesmo que possa ser provado pelo esforço científico, porque a modernidade flutua em liberdade. Interessante e pertinente para este estudo a reflexividade de Giddens (2005) sobre o papel da produção de conhecimentos científicos, assim é que o autor define que “nenhum saber nas condições da modernidade, é saber no “antigo” sentido, onde “saber” é ter certeza e isto aplica-se tanto às ciências naturais como às sociais”. Contudo, no caso das ciências sociais há considerações a fazer, visto que ela pode ser conjugada e auxiliada por outras ciências e

que em alguns casos pode ser testada empiricamente pelo próprio comportamento dos agentes envolvidos.

Estas discussões sobre a produção dos conhecimentos científicos remete-nos para o alerta de que investigar este grupo ou até mesmo um só dos seus elementos, não é tarefa fácil, uma vez que mesmo tendo como objetivo principal a divulgação dos seus preceitos, em Portugal, por exemplo, as suas ações nunca decorrem num mesmo local, colocando-se como a primeira barreira sobre o «terreno» para o investigador e a investigação.

A problemática dos riscos para a saúde no mergulho no lixo ainda não está bem definida nos trabalhos analisados no âmbito da ecologia, pois o único argumento que se pode encontrar é de que em relação a esta prática alimentar, os adeptos mais experientes costumam tranquilizar os recém-chegados garantindo que nunca tiveram uma intoxicação alimentar devido às suas “expedições noturnas”.

3.2. Freeganismo: Multidisciplinaridade e Multidimensionalidade

Começamos pelo estudo realizado por Linhares no âmbito da Comunicação e Cultura que objetivou investigar a atuação de três estilos de vida adotados por atores sociais que tem como resistência a sociedade de consumo (o veganismo, o freeganismo e o yomago) e os seus pontos de combate explicando cada um deles. A atenção central recaiu sobre a questão política de tais movimentos analisados pela autora numa visão da comunicação e cultura, media e mediação e as suas conclusões são a de que o ativismo anticonsumismo ainda sobrevive aos tempos que correm muito por conta de novas estratégias elaboradas por seus adeptos em lutas cada vez mais desafiadoras. Outra conclusão da autora é que a maioria dos adeptos se reúnem por paixões comuns em rituais e emoções compartilhadas, contudo, o movimento é fragmentado e esta fragmentação decorre de um maior ou menor grau de radicalismo de seus adeptos com o objetivo de desafiar o capitalismo e a economia e destruir o sistema que é importante para proporcionar legitimidade e direção de ambas as ações políticas e estratégias de consumo alternativos, segundo Linhares (2009).

Pentina (2010) investigou o processo de construção coletiva de identidade e aplicabilidade das dimensões de resistência ao fenómeno freegan, para responder a

questão: é objetivo do freeganismo a transformação da sociedade ou encontrar soluções individuais para necessidades individuais? Este estudo ocorreu num contexto de *Marketing*, onde a parte importante e o contributo para a perceção do que é o freeganismo explica-se e muito bem pela forma elaborada como a autora o tipifica. Os motivos ecológicos também estão referidos no trabalho, embora, muito palidamente, talvez pelo fato de que o trabalho se insere na área disciplinar do *marketing* e tendo sido utilizados alguns recursos teóricos da antropologia, sociologia e outras áreas multidisciplinares. A conclusão da autora neste estudo é a de que o freeganismo está evoluindo de uma forma desorganizada para organizada tendo nas redes sociais uma grande participação nessa difusão. Conclusão coerente com os outros autores dos trabalhos aqui apresentados.

Outra investigação relevante é a que Le Grand (2010) procura responder sobre o funcionamento do grupo “GAIA”, um grupo português criado por estudantes universitários que realiza um Jantar Popular (JP) num espaço onde para além do jantar, discute políticas relacionadas ao movimento *vegan* e toda a sua dinâmica. Por sua vez, a componente prática deste estudo teve como cerne o trabalho de campo efectuado por esta autora, como participante temporária numa zona *vegan* (Le Grand, 2010). Este estudo foi investigado no âmbito da disciplina de Antropologia.

Citando outra investigação sobre o freeganismo, mas na perspectiva da Sociologia, Barnard (2011) conclui que o aspeto central e mais repelente deste estilo de vida é o de comer alimentos desperdiçados e descartados, que muitas vezes encontram nos contentores de lixo espalhados pelos centros urbanos, na busca de uma identidade alternativa às tradicionais. O autor serve-se da dramaturgia conceituada por Goffman para explicar tais comportamentos adotados pelos freeganistas. A descrição sobre a prática do “*Dumpster Diving*” é pormenorizada e acompanhada de uma análise sobre a angariação de novos adeptos através de toda uma encenação dos atores sociais mais experientes nesta prática e a sua atenção em não captar alimentos que não estejam bons para o consumo ou com as embalagens danificadas, bem como a separação de comestíveis de outros itens jogados fora pelas lojas porque apenas estavam com a sua validade para prescrever. Mas não refere a ocorrência de algum caso de doença causada aos *freegans* por consumirem tais alimentos.

Relata o discurso político inflamado dos *freegans* sobre o capitalismo enquanto empilham os alimentos nas calçadas e os distribuem entre si e também com os assistentes da plateia numa ideia de “solidariedade” e de conscientização para minimizar a pegada ecológica. Segundo o autor, a escassa literatura sobre o “*Dumpster Diving*” reflete também sobre a ação coletiva desta prática que é fortemente dependente e alimentado na atualidade pela tecnologia e pela mídia, onde as decisões são feitas por correio eletrônico, por eventos divulgados através das redes sociais, por telefone e pelo *site* do grupo (já aqui mencionado), o que segundo o autor, contradiz com a ideologia freegana sobre o consumo capitalista. Também é enfatizada a estigmatização que ocorre acerca do freeganismo, considerado muitas vezes como “abominável” pela própria sociedade. Um exemplo da regra estritamente observada na prática de comer na frente das câmaras de TV durante as explorações ao lixo parece indicar que o grupo rejeita quase todas as normas convencionais de higiene alimentar. É importante ressaltar que para o autor, a sua revisão de literatura que sugeria a ênfase na ingestão de alimentos desperdiçados, acabou por ser a componente menos atraente na mensagem que captou dos *freegans*. Levando o autor a sugerir que seja refletido em outros trabalhos o primado da preocupação sobre a ingestão de resíduos ou uso impróprio e as suas consequências, inclusive de desconforto psicológico ligado ao item funcional do lixo, porque como tal, as explorações ao lixo é um evento com diferentes significados segundo Barnard (2011). Esta sugestão do autor remete-nos para o estudo que ora se apresenta nesta fase exploratória.

Num outro estudo também de âmbito Sociológico, Corman faz uma comparação da vida quotidiana dos *freegans* com a vida animalizada dos “guaxinins”, da América do Norte. Onde são considerados como verdadeiras pragas que reviram os caixotes de lixo urbanos em busca de alimentos, fazendo com que os habitantes de algumas cidades cheguem a colocar cadeados nos caixotes de lixo para evitar que os animais os revirem durante a noite e deixem as suas calçadas e quintais sujos e contaminados. Por outro lado, o autor compara a cultura desses animais com a dos *freegans* no seu modo de agir, pois os guaxinins quando são tratados com humildade e afabilidade, dão abertura a uma sociabilidade dócil como o ser humano através dos seus sinais não-verbais.

Encontramos neste trabalho um discurso relacionado com parasitas, vermes e sujeira que se articulam com outros sobre delinquência social, raça e classe. Tais

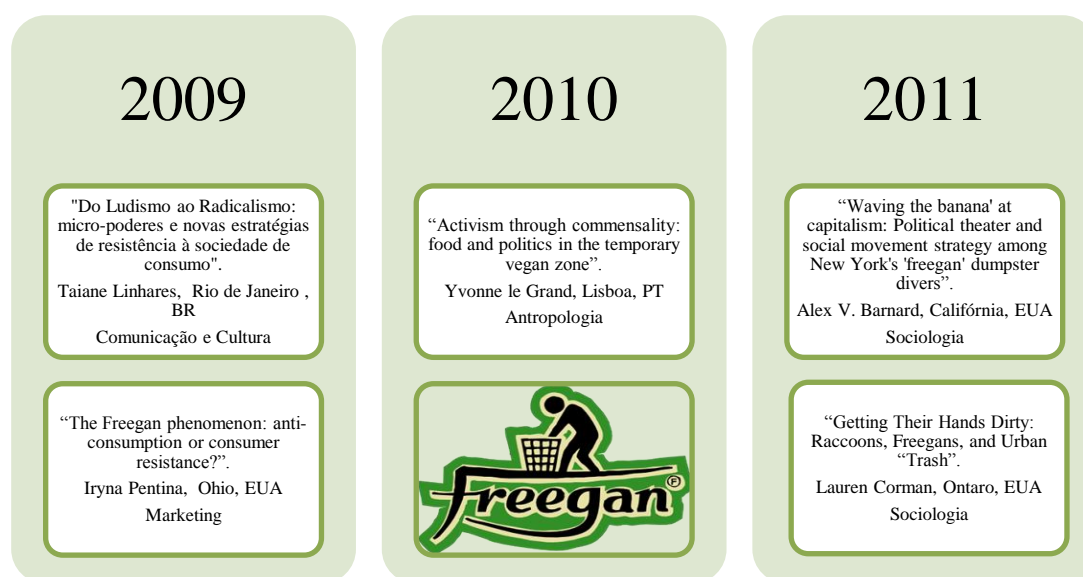
comportamentos sugerem a dúvida relacionada ao freeganismo quando um dos preceitos está relacionado com a problemática não só do consumo verde como também da contaminação do ambiente perante a sujeira visível que se instala quando acontece o mergulho no lixo urbano, segundo Corman (2011). Não há para o autor, o conhecimento de dados quantitativos sobre a prevalência do comportamento freegano. Talvez pelo fato de que os *freegans* optarem por não colocar a sua ideologia totalmente em prática por causa das barreiras psicológicas ou sociais encontradas na modernidade – o que possivelmente pode explicar o que ocorre com o freeganismo em Portugal – e finaliza sugerindo que o freeganismo apresenta uma gama enorme de potenciais áreas de estudo, tais como as relações freeganas num determinado espaço urbano, a ética com respeito aos animais e o uso performativo dos resíduos.

Grande parte das informações que encontramos sobre o freeganismo são matérias produzidas por jornalistas dos diversos órgãos de comunicação social internacional, bem como gravações realizadas pelos próprios adeptos do ativismo.

Os “mergulhadores do lixo” – *freegans* – são habitantes de um mundo problemático em que os conflitos entre as suas ideologias, que consideram serem portadoras de boas práticas ecológicas e úteis ao planeta, podem ser incompreendidos pelos outros atores sociais que contribuem para a reprodução cada vez maior de uma sociedade capitalista. É através destas práticas que os *freegans* constroem a sua identidade, ainda que enquanto grupo social possam ser estigmatizados ou excluídos na sua própria cultura, construindo com isto, mecanismos de reprodução socioeconómica e espaços simbólicos e relacionais de sobrevivência com dinâmicas e características próprias.

No Quadro 3.1. identificamos as investigações referidas que nos serviram de “bússola” para o este estudo e a partir delas ingressaremos no “mundo dos *freegans*” onde pretendemos obter outras informações importantes para o nosso estudo, porém por se tratar de um “mundo virtual”, onde as “coisas e as pessoas” se deslocam com muita rapidez e onde os *freegans* se deslocam com mais rapidez ainda, não temos nenhuma garantia de que os encontraremos à nossa espera nos mesmos locais indicados.

Quadro 3.1: Da Revisão de Literatura ao Estado da Arte.



3.3. *Freegans* pelo Mundo: (In) visibilidade

Quando iniciamos uma busca pela Internet sobre o freeganismo, surpreende-nos a quantidade de *sites* e *blogs* onde podemos encontrar a reprodução dos preceitos, dos pressupostos e das pretensões dos adeptos sob o ponto de vista do senso-comum, bem como as opiniões que nos remetem sempre para um mesmo sentido: a questão do consumo, do capitalismo, do desperdício, da higiene ou da falta dela no consumo alimentar dos *freegans*. Enfim, de tudo aquilo que na nossa sociedade muitas vezes desconhecemos sobre o que algumas pessoas são capazes de fazer para irem ao encontro das suas convicções e ideologias.

A leitura que se faz sobre os materiais encontrados sobre este tema fora de Portugal (e agora também aqui), algumas vezes nos colocam diante da questão de como isto é possível? Podemos em algumas vezes nos “chocar” e em outras até “aceitar” de alguma forma, que tais imagens não nos firam a sensibilidade, ao vermos por exemplo, os pães sendo retirados de sacos de lixo e sendo consumido no próprio local da recolha

Contudo, temos que ter em conta que o que para nós pode parecer no mínimo estranho, em outra cultura tal acontecimento seja visto com mais naturalidade. É assim, que em alguns países, mais do que em outros, os *freegans* já não deixam de se fazer notar aos olhares atentos não só da comunidade local, como também começam a ter

mais visibilidade global, é por isso que quando adotamos o pensamento de Bourdieu *“Ceux qui ont la chance de pouvoir consacrer leur vie à l’étude du mondesocial, ne peuvent rester, neutres et indifférents, à l’écart des luttes dont l’avenir de ce monde est l’enjeu”*⁹, não queremos apenas prestar uma singela homenagem ao autor que tanto contribuiu para a sociologia, mas também concordarmos com ele, pois na realidade, o nosso quotidiano é rodeado de pequenos fenómenos realizados por pessoas tão comuns que já nem nos damos conta da lógica do “Cisne Negro” referida por Taleb (2011).

Taleb (2011) alerta-nos sobre as possibilidades de nos depararmos com fatos inusitados no nosso quotidiano, onde “um Cisne Negro é um acontecimento altamente improvável que reúne três características principais: é imprevisível; produz um enorme impacto; e, após a sua ocorrência, é arquitetada uma explicação que o faz parecer menos aleatório e mais previsível do que aquilo que é na realidade. O incrível êxito do *YouTube* é um Cisne Negro, assim como o 11 de Setembro. Porquê razão não temos consciência do fenómeno dos cisnes negros antes da sua ocorrência?” – uma parte da resposta, segundo o autor, reside no fato de os seres humanos estarem absolutamente programados para aprender coisas específicas quando, pelo contrário, deveriam concentrar-se em generalidades. Somos, portanto, incapazes de avaliar verdadeiramente as oportunidades, demasiado vulneráveis ao impulso de simplificar, narrar e classificar, para além de não sermos suficientemente abertos para recompensarmos aqueles que conseguem imaginar o “impossível”, conforme Taleb (2011).

Poderemos verificar que a análise sobre o repúdio em comer alimentos desperdiçados e descartados pela sociedade é encontrado na leitura de Elias (2006), sobre a genealogia dos conceitos de cultura, de civilidade, de poder estatal, dos hábitos e dos gostos quotidianos daquilo que nos é vedado ou permitido e que nem sempre é fácil distinguir entre boas e más maneiras na atualidade, segundo Elias (2006).

Uma das razões da existência desta investigação, foi a “curiosidade” em saber se o freeganismo que é praticado em Portugal acontece da mesma forma como em outros países ou se há diferenças significativas na sua prática.

Vimos que a base do freeganismo começa pelo inconformismo de um grupo ou de um indivíduo que se “afasta” do padrão de vida da sociedade em que se insere,

⁹**Fonte:** Terra Livre: Geografia, movimentos sociais e teoria.

Recuperado em www.agb.org.br/files/TL_N19.pdf. Acedido em 16 de Junho de 2013.

conforme Moscovici (2011), “a não conformidade é igualmente considerada como um protesto, uma rutura das relações e não como uma atitude que leva a modificar estas relações: o anticonformismo implica um movimento sistemático de afastamento em relação às expectativas sociais”, isto para explicar que quando os atores sociais já não se conformam com a sociedade de consumo, como é o caso dos *freegans*, optam não só por “construir” um mundo ou pelo menos um outro modo de vida baseados numa espécie de “desvio” daquilo que a sociedade espera deles. Ou seja, que se comportem como o padrão vigente da sua cultura e assim acabam por se tornarem uma minoria que com ideias de protestos tentam influenciar a maioria, conforme Moscovici “a influência pode intervir quando há de um lado, uma fonte e, de outro, um alvo. Utilizando uma analogia com os processos de comunicação (Rommtwert, 1954), poder-se-ia dizer que a fonte é o emissor de informações normativas e o emissor de influência, enquanto que o alvo é o recetor de informações normativas ou o recetor de influências. Em contrapartida, cabe fazer um importante esclarecimento: a influência, como a transmissão de informação, processa-se de modo assimétrico. Ela é exercida da fonte para o alvo da interação, mas não no sentido inverso” (Moscovici, 2011, pp. 13-16).

Nos discursos correntes sobre a prática do reaproveitamento ou do descarte de alimentos pela sociedade, os *freegans* encontram dois “alvos sensíveis” a estas informações sobre o capitalismo: por um lado os miseráveis que dependem das sobras para a sobrevivência quotidiana e por outro os “solidários” ao movimento por também estarem inconformados com a sociedade.

Poderemos perceber através do estudo de Barnard (2011) que os discursos políticos inflamados promovidos pelos seus adeptos para captar a atenção e a solidariedade do público, passam por outras duas vertentes. O conflito por um lado, pois não conseguem a atenção e a aprovação total da sociedade durante a pilhagem dos alimentos adquiridos nos contentores distribuídos nas cidades ou mesmo quando coletam os alimentos diretamente dos supermercados ou produtores e por outro lado; a dúvida da sociedade se este é mesmo um caminho viável na contribuição para a diminuição do capitalismo e consequentemente para a sustentabilidade do ambiente, conforme Barnard (2011).

Neste contexto, para Bourdieu (2011) “são os agentes que através das estratégias que empregam na luta simbólica, procuram levar a melhor na sua imposição das visões

idealistas das causas pelas quais lutam, utilizando-se dos vários campos nos quais estão implicados, porque eles agem. Os agentes são confrontados com múltiplas situações sociais que colocam os seus sentidos práticos à prova e os fazem evoluir. O sentido prático está na origem do «interesse» em agir. Não se trata apenas de interesse material do *homo economicus*, nem de um dado inato, mas de um processo evolutivo que o arrasta a comprometer-se, a «investir» numa prática, numa relação, a tomar e a defender «posições» a «representar» (Bourdieu, 2011, pp. 53-56).

Com relação ao termo empregado algumas vezes neste estudo – ator social – ainda segundo Campenhoudt (2012) refere-se a “figura individual, mas mais frequentemente coletiva, portadora de um sentido mobilizador e definida em relação a um desígnio que lhe é próprio. Um ator existe a partir do momento em que uma força social tenta fazer valer um certo ponto de vista no espaço público. O ator social não existe no entanto senão através dos indivíduos concretos, mas subsume-os num objetivo de transformação social. No sentido mais corrente, chama-se ator social a um indivíduo ou grupo, cuja ação participa na configuração de um sistema social” (Campenhoudt, 2012, p. 299), é neste sentido que esta investigação se utiliza deste conceito algumas vezes.

Com isto podemos concluir neste item, que o estilo de vida que os *freegans* adotam é uma escolha e não uma “imposição” da sociedade. Mesmo que esta escolha não seja por ela – a sociedade – compreendida, ignorada ou até mesmo confusa.

Porém, como nada na Internet é estático, pode-se verificar durante esta investigação que há toda uma dinâmica em torno dos endereços mencionados nos *sites* em português. Ou seja, os *freegans* se deslocam virtualmente muito rapidamente, dificultando as informações sobre as suas atividades, o que não acontece nos países onde o freeganismo já está enraizado há mais tempo ou, pelo menos, durante o período desta investigação nas muitas vezes em que foram consultados os mesmos endereços eletrônicos indicados neste estudo.

No Quadro 3.2., observa-se que no *site* formal organizado pelos *freegans* e mantido com a participação de adeptos e interessados no assunto, as atividades são dinâmicas e durante o período deste estudo muitas vezes o consultámos e sempre nos surpreendemos com as novidades sobre novas atividades.

Quadro 3.2: Os *Freegans* no Mundo: (In) visibilidade nos Meios de Comunicação.



Fonte: Informações adaptadas e traduzidas pela aplicação Bing da Microsoft, do *site* oficial do freeganismo: www.freegan.info – Acedido em 13 Agosto de 2013.

- Imagens da página do site criado pelo movimento. Este endereço eletrónico disponibiliza todas as informações sobre a filosofia *freegan*.
- Agenda sobre dia, local e hora para o "forrageamento/mergulho no lixo/respigo".
- Endereços dos núcleos de freeganistas espalhados pelo mundo.

3.4. Os *Freegans* em Portugal: o GAIA como um Ponto de Encontro

Primeiramente foi a partir da Internet que esta investigação procurou obter respostas mais diretas sobre o tema do freeganismo em Portugal, visto que o único estudo académico encontrado em português discursava sobre os preceitos, os pressupostos e as pretensões do freeganismo. Ao acedermos ao *site* do Grupo GAIA referenciado no estudo de Le Grand (2009), obtivemos algumas indicações sobre o funcionamento do grupo e as suas atuações e atividades conforme podemos observar no Quadro 3.3, sobre o Jantar Popular, porém quanto as indicações de adeptos que nos pudessem conceder entrevistas, tornou-se improdutivo. Contudo, devido a insistência investigadora do trabalho que ora se apresenta, no dia 13 de Junho de 2013, se realizou um encontro “tipo informal” com um dos membros da associação, o qual pode nos preencher o questionário pré-teste e também nos confirmou a dificuldade em encontrar adeptos para realizarmos mais entrevistas, isto fez com que alterássemos a nossa metodologia inicial e elaborássemos outra, que ora apresentamos neste estudo.

Quadro 3.3: Convite para o “Jantar Popular” do Grupo GAIA.

Jantar Popular 9 Fev: Freeganismo – Terça, 2012-02-07 17:46 – Cecília

“O jantar popular desta semana vai ser diferente: por entre vídeos e conversas, há a oportunidade de teres uma refeição em que todos os ingredientes vêm dos contentores. O lixo do luxo, ou o luxo do lixo. Juntas-te ao festim? O fabuloso e cintilante mundo dos supermercados e centros comerciais esconde um outro: o da exploração de trabalhadores, destruição da natureza, perigos para a saúde... a enumeração segue até quisermos (...).

Pergunta: E se, simplesmente, deixarmos de participar? Bem no estômago da voracidade do consumo capitalista – as grandes cidades – pessoas organizam-se e encontram tudo aquilo de que precisam para viver, sem comprarem nada. No lugar de contribuir para um sistema absurdo, escolhe-se viver do seu desperdício absurdo.

Respirar ou reciclar, skipping ou dumpster diving, são muitos os nomes e são mais as formas.

O jantar popular desta semana vai ser diferente: por entre vídeos e conversas, há a oportunidade única de teres uma refeição em que todos os ingredientes vêm dos contentores.

O lixo do luxo, ou o luxo do lixo. Juntas-te ao festim?

O Jantar é servido às 20h, no RDA 69 (Rua Regueirão dos Anjos, nº 69). A conversa começa às 21h30.

A partir das 16h vamos estar a cozinhar, todas as mãos são bem-vindas! (...)

Fonte: Adaptado do *site* oficial do GAIA: <http://gaia.org.pt/node/16209>. Acedido em 30.05.2013.

Nas Figuras 3.1. e 3.2. apresenta-se o símbolo do GAIA, que faz apelo a novos adeptos.

Figura 3.1. e 3.2: Cartazes do GAIA: freeganismo em Portugal.



Fonte: Imagem extraída do *site* oficial do GAIA: <http://gaia.org.pt/node/16209>. Acedido

Este trabalho procurou esta associação como fonte inicial de informações sobre o freeganismo em Portugal, uma vez que o Grupo GAIA é um indicador do movimento que se faz sentir um pouco por todo o país, entretanto a sua expressão, ainda é muito inferior frente aos outros países onde o freeganismo é mais reconhecido e não tanto confundido com a mesma prática do “mergulho no lixo”, mas em outro contexto.

No Quadro 3.4., verificam-se outras atividades promovidas pelo grupo (embora mais antigas), mas sempre com discussões políticas e com destaque para o tema do desperdício num sentido de crítica à sociedade de consumo na qual Portugal se insere.

Quadro 3.4.: Outras actividades do Grupo GAIA.

Cinema Comunitário: como viver dos desperdícios do capital (Porto - CasaViva)

Quinta, 2010-04-08 18:44 — Taborda - 6ª, 9 abril 22h00 entrada livre - <http://gaia.org.pt/node/15439>

Todos os dias, toneladas de alimentos, objectos e outro "lixo" são rejeitados pelo circuito comercial por razões pouco ou nada justificáveis, excepto pelo desperdício inerente desta sociedade de consumo e sobre-produção que nos rodeia. Para um freegan, free de livre, rejeitar o capitalismo e todas as suas formas de exploração passa também por procurar e reaproveitar esses desperdícios, comuns da máquina produtiva capitalista. Este mês, o Cinema Comunitário é sobre respigagem, reciclagem, freeganismo, skipping, dumpster diving ou simplesmente sobre lixo. A primeira sessão é dedicada mais ao humor, à loucura e à música; na segunda, passamos um documentário sobre grupos que se dedicam a reciclar e distribuir comida livremente. Se chegares à hora de jantar podemos ainda criar e trocar receitas entre comida salva de ir parar a um aterro sanitário ou algo pior...

***The Collector*, de Martin Hampton** Documentário, 2003/2006 [27' Francês, legendado em inglês]

Durante 50 anos, Christian colecionou coisas que outros deitavam fora. O presidente da câmara municipal tentou proibi-lo, mas ele continuou o seu trabalho à noite, para evitar ser visto. Louco, desesperado pelo desperdício da vida moderna, trabalhou 365 dias por ano para salvar coisas que ainda acreditava serem úteis, guardando-as na sua casa ou em locais que só ele conhecia. A sua enorme coleção de frigoríficos, televisões, brinquedos, sapatos, livros, etc., que guarda uma história dos hábitos de consumo da sua cidade, é considerada por alguns como um enorme trabalho artístico. Mais sobre Christian: <http://fatratas.net/entrez-chez/christian-g/>

***Surfing the Waste: A Musical Documentary About Dumpster Diving*, de Paul Aflalo** - Musical/Documentário, 2006 [19' Inglês]

Uma viagem musical com um grupo de dumpster divers nos becos de Montreal. Entre música e dança, um grupo de amigos, fala do desperdício, da alegria de reutilizar o lixo de outros e discute a filosofia de viver dos excessos da sociedade. Saltando de contentor em contentor estes jovens conseguem comida, mobiliário, roupa e divertimentos que nunca teriam se os tivessem de comprar. www.surfingthewaste.com

6ª, 23 abril 22h00 entrada livre - **Skipping Waste**, de Lily Barlow - Documentário, 2009 [42' Inglês]

Cadeias de supermercados dominam a venda de comida. Bananas da Colômbia e abacates do Brasil enchem contentores do lixo por toda a Europa. Estes hábitos de consumo insustentáveis criam quantidades enormes de lixo, desperdício de petróleo e aterros sanitários descontrolados. Procurando desesperadamente uma alternativa, os dumpster divers (salteadores dos contentores ou os respigadores, em bom português) começam a aparecer nas ruas, alimentando muitos com a comida encontrada, em iniciativas como Comida, Não Bombas! (Food Not Bombs). Skippin Waste segue algumas destas comunidades em França e Holanda, enquanto eles resgatam e reutilizam o que a sociedade capitalista considera "lixo". www.trashwiki.org/en/Skipping_Waste. **Fonte:** Adaptado do *site* do GAIA.

3.5. Breve Síntese

Neste capítulo procurámos dar uma visão geral sobre os trabalhos que mais relevo proporcionam ao nosso tema sobre o freeganismo. Entretanto, temos a consciência de que poderá haver outros trabalhos científicos que também se enquadram na nossa problemática, mas a que não tivemos acesso ou conhecimento.

Contudo, no momento e por razões de objectividade, a Revisão de Literatura e o Estado da Arte encontrados nos meios académicos foram suficientes para termos uma maior compreensão sobre o que é o freeganismo, onde e como ele é praticado e também suficientes para adaptarmos à sociedade portuguesa, onde se observa que é ainda um tema pouco investigado. Como vimos, a prática do freeganismo em Portugal vem ganhando expressão desde 1996 com a organização do Grupo GAIA, porém, esta é a informação que se pode obter para este estudo, não descartando a hipótese destas práticas terem começado mais cedo no país uma vez que não encontrámos outros registos anteriores da atividade. O importante para esta investigação é saber que ela existe também em Portugal, embora não seja conhecida pela maior parte dos cidadãos portugueses. Outra afirmação que podemos fazer é que ela já foi divulgada algumas vezes pelos media e as informações sobre os seus Preceitos, Pressupostos e Pretensões estão ao alcance de todos com incidência nos meios eletrónicos.

Se por um lado, o freeganismo é razoavelmente difundido nos países onde é praticado, em Portugal dá-se o contrário: dificilmente se consegue encontrar adeptos dispostos a falar ou esclarecer sobre o assunto. E a pergunta que nos inquieta enquanto investigadores das Ciências Sociais é muito simples de formular: “Porquê?”, porém a resposta poderá ser bem mais complexa: “existem muitos fatores associados a esta (in) visibilidade. Estas (in) visibilidades poderão eventualmente serem respondidas neste estudo após a análise das questões respondidas pelos inquiridos.

Concluído este capítulo com as análises que conseguimos fazer quando nos propusemos a refletir sobre o fenómeno do freeganismo, passaremos no capítulo seguinte a analisar também as implicações que podem ocorrer na saúde dos adeptos do freeganismo decorrente da prática do “mergulho no lixo”, que é uma das práticas mais conhecidas do freeganismo e é o nosso foco de estudo nesta investigação.

“La souillure elle-même est à peine une représentation et celle-ci est noyée dans une peur spécifique qui bouche la réflexion: avec la souillure nous entrons au règne de la Terreur”.

Ricoeur, 1960.

Capítulo 4.

RISCOS & SAÚDES NO CONTEXTO FREEGANO:

Vulnerabilidade, Resistência e Aceitabilidade do Risco

4.1. Freeganismo e Riscos: a Saúde em risco ou Risco para a saúde?

Podemos dizer com as reflexões que se seguiram anteriormente sobre as bases idealistas do freeganismo, que parte do título desta investigação sobre o comportamento alimentar dos adeptos já foi respondida. Entretanto, a **“saúde em risco e risco para a saúde”** possuem igual significado no contexto freeganista? Para refletirmos sobre esta questão dedicaremos o capítulo que ora se apresenta com o objetivo de analisá-las sob duas perspectivas.

Em primeiro lugar colocar a **“saúde em risco”** está mais relacionado com o **“mergulho no lixo”** propriamente dito, uma vez que nem todos os adeptos se acautelam para tal ato com as devidas medidas de segurança. Alguns não seguem as orientações sugeridas nos diversos **“guias/manuais”** elaborados por adeptos mais experientes sobre este assunto, onde é recomendada uma série de medidas de prevenção ou de mitigação dos riscos associados diretamente ao mergulho no lixo.

Em segundo lugar, o **“risco para a saúde”**, refere-se propriamente ao fato dos adeptos consumirem os alimentos coletados diretamente do lixo através do mergulho e cabe-nos salientar neste ponto que, durante todo este estudo, ao utilizamos o termo **“mergulho no lixo”** queremos dizer expressamente que é o ato de coletar os alimentos diretamente de dentro dos caixotes ou contentores de lixo (entrando neles ou não), diferentemente dos adeptos estarem à espera que alguém os coloque próximo delas. Esta distinção se faz necessária para que não haja equívocos sobre os vários tipos de perigos que se apresentam a partir do próprio recipiente de onde os adeptos retiram os alimentos. Para falarmos sobre os **“riscos”** a que estão sujeitos os adeptos, precisamos

também falar sobre a “saúde”, porque ambos estão intrinsecamente ligados, conforme os conceitos que serão abordados neste capítulo.

Procuraremos explorar a utilidade do conceito de *risco* e suas apropriações relacionando-o com algumas reflexões sobre os conceitos de *saúde*. E isto envolve a vulnerabilidade, a resistência e a aceitabilidade dos riscos a que os adeptos do freeganismo se expõem, independentemente da sociedade, do país ou da cultura onde ele é praticado. Embora, saibamos que a cultura exerce uma influência significativa em tais comportamentos, em todas elas a questão da alimentação e da saúde é um ponto pacífico para todo e qualquer ser vivente. Posto isto, este capítulo terá dois momentos de reflexão: um primeiro momento onde daremos ênfase aos conceitos dos Riscos decorrentes do mergulho no lixo e num segundo momento incidir-se-á sobre as questões das Saúdes – visto que a saúde não se limita a um único conceito – onde trataremos da eventual afetação que estes riscos podem causar à ela (s). Entendemos, contudo, que antes de adentrarmos aos dois conceitos mencionados, faz-se necessário dar conta do significado literal do “Mergulho no lixo” que em verdade é a razão principal desta investigação.

4.1.1. O que é o “Mergulho no Lixo”?

Até este momento o presente estudo procurou expor as razões objetivas que motivam a análise da prática do mergulho no lixo, porque como, já foi referido, é sobre ela que encontramos uma via de exploração que não nos satisfaz totalmente nos estudos que pesquisamos para o estado da arte. Contudo, muito se falou até agora sobre o “mergulho no lixo”, mas o que é exatamente isto? Quem o faz? Será que são só os *freegans* ou os catadores de lixo, os mendigos ou os necessitados em geral? E, para quê estas pessoas recorrem a este meio no contexto freegano?

O Quadro 4.1.1. que se apresenta a seguir foi elaborado a partir de um dos endereços eletrônicos sobre “**o que é**”, “**por quem**” e “**para quê**” o freeganismo pode ser praticado. Nele podemos verificar que esta prática pode ter vários significados e objetivos, conforme a resposta obtida no mesmo quadro. Tal prática não está restrita apenas aos *freegans*. Ela pode envolver também indivíduos que desconheçam a palavra e o sentido ideológico que esta prática tenta demonstrar. Daí algumas vezes confundirem-se com os outros atores sociais que muitas vezes são considerados

“concorrentes” devido a sua situação económica, mas que também estão expostos aos mesmos riscos.


Quadro 4.1.1.: O que é “Mergulhar na Lixeira”?

<p>“Uma pergunta: mergulhar no lixo é:</p> <ul style="list-style-type: none">a) um desportob) um <i>hobby</i> de pessoas alternativasc) um estilo de vida com consciência ambiental	<p>A resposta certa é:</p> <p>todas as alternativas ao lado. Como diz o nome, mergulhar no lixo (ou Dumpster Diving, no termo em inglês) é o processo de procurar no lixo – não necessariamente nas lixeiras – coisas úteis ou de valor. Acredite ou não, essa é uma atividade que está se tornando comum e feita por pessoas normais em vários países. Seja para procurar objetos para a casa, encher o frigorífico ou fazer algum dinheiro com o lixo de outras pessoas, esse guia mostra as dicas para se dar bem mergulhando no lixo. Lembre-se, o "lixo de uma pessoa é o tesouro de outra!".</p>
---	--

Fonte: Adaptado a partir do endereço: <http://pt.wikihow.com/Mergulhar-no-Lixo>.

Quando falamos em “risco” nesta investigação, não consideramos apenas aquele em que temos a noção de que se comermos comida estragada ou em mau estado de conservação mesmo que seja por cinco segundos apenas, estaremos vulneráveis a eles (uma vez que este fato não é exclusivo no caso do freeganismo), conforme Carrol & Vreeman (2010). Consideramos também outros tipos de riscos que são mais “perceptíveis” ao contacto com as lixeiras ou contentores, onde adeptos ou não do freeganismo estes atores fazem as suas “excursões”. Conforme podemos observar na Figura 4.1.1. retirada de um dos vários endereços eletrónicos que encontramos sobre o freeganismo, e a qual dá-nos a ideia dos potenciais riscos que podem correr os adeptos ao consumirem alimentos coletados nessas condições, embora alguns não os admitam.

Figura 4.1.: Um Freegan Consumindo Alimento Coletado no Mergulho no Lixo.

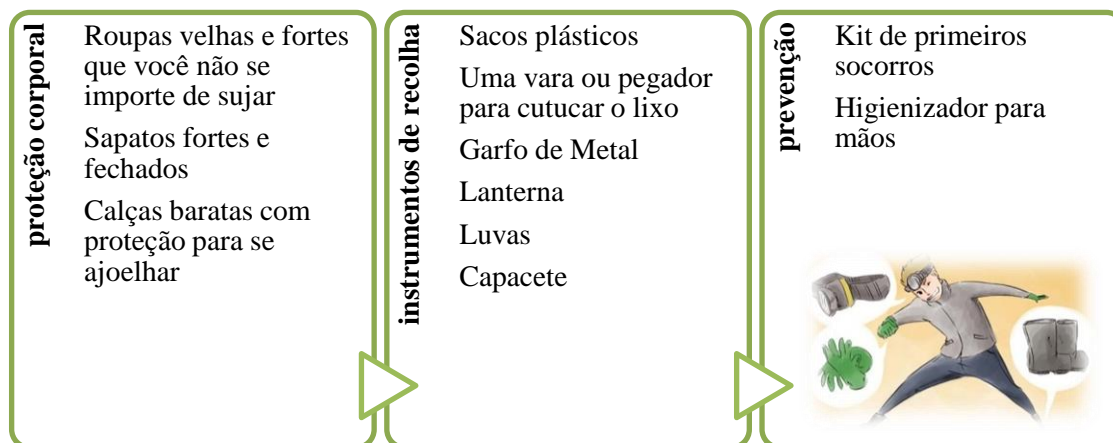
	<p>Segurança alimentar</p> <p>É seguro ingerir alimentos de um depósito de lixo? Muitos <i>freegans</i> declaram que nunca ficaram doentes por causa de alimento coletado adequadamente limpo e cozido.</p> <p>A contaminação por bactérias, que é a causa da maioria das doenças sangüíneas, pode ocorrer em qualquer ponto: na colheita, durante o transporte ou (surpresa) enquanto permanecem em depósitos de lixo. As bactérias se multiplicam muito rapidamente na zona de perigo entre 4° e 60°C.</p> <p>Fonte: Adaptado do site http://pessoas.hsw.uol.com.br/freegan2.htm.- Acedido em 15/01/2013.</p>
---	---

4.1.2. Prevenção e Mitigação dos Riscos no Mergulho no Lixo

Na intenção de prevenir e mitigar os riscos no mergulho no lixo, os *freegans* mais experientes disponibilizam através da Internet, informações sobre os materiais adequados para a prática. Segundo os adeptos mais entendidos, os riscos ocorrem desde possíveis cortes de unhas, torções, acidentes com facas, vidros e outros objetos cortantes descartados pelas pessoas sem um maior cuidado em provocar acidentes a si ou a outrem, até o consumo dos alimentos que podem provocar intoxicação, infecção ou qualquer outro tipo de contaminação, etc.

Neste estudo, a nossa reflexão recairá sobre os tipos de saúdes inerente a todos os cidadãos e que as autoridades competentes tentam controlar através de normas e leis, mas que devido aos vários tipos de desvios por parte de alguma minoria de cidadãos, acabam por se tornar um desafio constante para elas no sentido de evitar que quando ocorra um caso com algum tipo de consequência, não se estenda por toda uma comunidade. No Quadro 4.1.2., com informações também extraídas de um endereço eletrônico encontramos algumas indicações sobre os materiais que os adeptos devem usar como forma de prevenir eventuais riscos a que estão expostos.

Quadro 4.1.2.: Materiais Necessários para o “Mergulho no Lixo”.



Fonte: Adaptado a partir do site: <http://pt.wikihow.com/Mergulhar-no-Lixo>.

Entretanto, algumas dessas indicações são ignoradas pelos adeptos, que nem sempre podem estar preparados quando surgem oportunidades do mergulho imprevisto em lixeiras “tipo surpresas”, ou seja, aquelas que surgem inesperadamente. Sobre estes riscos que podem causar lesões “visíveis e invisíveis”, “previstos e imprevistos” na saúde dos adeptos que passaremos a refletir, buscando identificar o que é considerado

“mito” do “que é o perigo real” no mergulho no lixo. Por outro lado também refletiremos sobre as indicações, as normas, as regras e/ou as leis que são ignoradas ou contestadas pelos adeptos do freeganismo algumas vezes, porque eles não as vêem como “proteção”, mas sim como “desafios” para conquistarem seus “tesouros”.

4.1.3. Técnicas do Mergulho no Lixo

Apresentamos no **Anexo B** – Técnicas de Mergulho no Lixo, desta investigação, elaboradas pelos adeptos mais experientes e disponibilizadas em alguns endereços eletrônicos, bem como no próprio *site* oficial sobre o freeganismo, de onde foram extraídas.

Adotámos o texto no idioma português do Brasil por nos parecer a tradução que melhor se adapta à realidade portuguesa, entretanto, as mesmas técnicas são apresentadas na obra de Hoffman (1993) – “*The Art & Science of Dumpster Diving*”, um jornalista gonzo que escreveu uma espécie de “bíblia do mergulho no lixo”. Estas “técnicas” requerem todo um acompanhamento teórico que as justifiquem e portanto poderemos encontrar as teorias correspondentes no mesmo anexo. Tais teorias visam responder as questões do “**porquê**” mediante tantos riscos que se corre no mergulho, “**como é que**” os adeptos podem com o auxílio do guia minimizar tais riscos. Alertamos contudo, que nem todas essas técnicas podem ser adaptadas ao contexto português devido as próprias discussões culturais que estão subjacentes.

Assim, podemos dizer que os riscos associados à vulnerabilidade que alguns adeptos adquirem ao “não seguir” tais regras ou normas indicadas pelos *freegans* mais experientes, fazem parte do seu quotidiano e estão constantemente sendo postos a prova conforme discursaremos no próximo ponto.

4.1.4. Freeganismo e Vulnerabilidade

Quando nos dedicamos ao conceito da palavra “Risco”, tivemos em conta que a própria palavra em si já comporta o risco de ser criticada na sua análise, justamente por ser um conceito polivalente e polissémico dentro das suas várias modalidades, daí referimo-nos como “conceitos”.

Como conceito de polivalência, o risco poderá ser contextualizado no freeganismo da mesma forma que é contextualizado nos estudos sobre os catadores de

lixo, porém com objetivos efetivamente mais plausíveis para a sociedade que aos dos *freegans*, pois trata-se de uma questão de mera sobrevivência.

Como conceito polissêmico contextualizado ao freeganismo pode-se dizer que a palavra “risco” comporta um outro sentido. E, este está mais ligado ao “desafio”, onde o espírito de sobrevivência não está tão presente mais sim, o sentido de “estímulo”. Esta é uma das razões pelas quais devemos diferenciar estes dois conceitos no caso do freeganismo.

Nos dias que correm não são poucos os cientistas sociais que se debruçam sobre a questão dos mais variados tipos de riscos que envolvem a saúde humana – e não só – numa espécie de alerta contra maiores danos individual e coletivamente. Agora os riscos já não estão presentes só para e nos grupos vulneráveis, mas também e principalmente para e naqueles que sempre imaginaram estar acima de qualquer problema que a “natureza” lhes pudessem oferecer.

Todos nós, seres humanos habitantes deste planeta estamos sujeitos aos mesmos riscos, porém o que nos diferencia uns dos outros e nos torna vulneráveis, muitas vezes são as nossas opções.

A globalização segundo Giddens (2004), é o que nos faz não sermos tão diferentes quanto pensávamos dos povos de outras terras. Agora todos temos as mesmas possibilidades e praticamente os mesmos riscos associados. Talvez a única diferença nestes riscos, esteja nas questões culturais e no modo como cada sociedade enfrenta os seus “fantasmas”. Uma das consequências da globalização, segundo o autor, é que ela afeta praticamente todos os aspetos do mundo social por ser um processo aberto, contraditório, dinâmico e de difícil controlo, acarretando novas formas de risco, onde a grande quantidade de fatores desconhecidos complica a tarefa dos cientistas na análise precisa dos riscos e põe em causa os resultados, por exemplo, relativamente aos problemas de riscos associados a comida manufaturada que na atualidade têm sido dada uma maior atenção e sendo repassadas algumas dessas descobertas através dos meios de comunicação, conforme Giddens (2004). Resumidamente, neste sentido referimos que ser freegan em Manhattan ou em qualquer outro lugar do mundo pode não ser o mesmo que ser *freegan* em Portugal, pois esta condição está intimamente ligada ao fator cultural, ou seja, na forma como os adeptos se representam e como se vêem representados pela sociedade a que estão inseridos, lembrando-nos de que o

freeganismo se transporta através dos seus adeptos onde quer que estejam muito por conta do fator “globalização”.

Importa a seguir referirmos sobre o conceito “original” de riscos e as suas apropriações.

4.1.5. O Conceito Original de Riscos e as suas Apropriações

Neste item, veremos que a palavra “risco” está representada em diversas teorias e pode ser adaptada para quase todos os setores da vida quotidiana. Sendo assim, buscámos apresentar apenas aquelas que mais se ajustam ao nosso tema e que têm algo que nos faça refletir quando pensamos no freeganismo.

Dado o seu carácter polissémico que se vulgarizou e se estendeu a vários domínios, o conceito original de *Riscos*, agora já apropriado por vários autores e para vários contextos, “adquiriu expressões durante os séculos XVI e XVII nas viagens dos exploradores que iam a todas as partes do mundo, segundo Giddens (2010). Na sua origem, a palavra “*riscos*” incluía a noção de espaço. Mais tarde, com a sua apropriação nos investimentos e sistemas bancários, juntou-se também a noção de tempo. Em síntese, o risco está associado às ideias de “probabilidade e incertezas”. O risco refere-se a perigos calculados em função de probabilidades futuras que segundo Giddens (2010), não existia nas civilizações antigas dado que os povos não pensavam em riscos, uma vez que se baseavam nas ideias de “destino”. Portanto, risco passou a ser uma ideia da modernidade.

No sentido etimológico, o termo *risco* deriva do italiano *risicare*, que significa *ousar*. Ousar não constitui uma fatalidade, antes uma opção perante a oportunidade de obter maiores benefícios. Nesta perspectiva, o risco é encarado de forma positiva, como uma expectativa de ganho pelo simples ato de se arriscar, de se optar por «ir a jogo» Frade (2009).

Quando unimos a palavra risco na sua forma epistemológica com a forma etimológica faz-nos todo o sentido aplicá-la ao freeganismo, sem medo de errar, como aconteceu no estudo de Linhares (2009), sobre o ludismo que a autora associou à situação do freeganismo.

Na leitura bourdiana sobre o jogo do lixo, Rosado (2009) faz uma investigação metafórica interessante sobre o jogo no campo do lixo que segundo Bourdieu, este jogo:

“Surge como uma configuração de relações socialmente estabelecidas, pela distribuição das diversas formas de capital – simbólico, cultural, espacial, económico – os agentes participantes do campo, no jogo da reciclagem, são munidos com as capacidades adequadas ao desempenho das funções e às práticas que o atravessam. É o momento de reafirmar o pensamento de Bourdieu, sob suas formas variadas, como aplicável no âmbito da educação ambiental e da geografia em pesquisas especialmente ligadas à investigação empírica. Este autor abriu um campo de investigação que abarca vários setores de manifestação da ação social, numa busca por entender os sentidos dos elementos contemporâneos da vida social de instituições e de sujeitos, que são bem pertinentes, com as ressalvas já salientadas, a pesquisas que contemplam o universo da catação de lixo”, segundo Rosado (2009).

Uma análise muito importante sobre “riscos” e que se enquadra no contexto do freeganismo é a que explica Frade (2009) quando aborda três vertentes do risco: **a) abordagem psicológica** do risco também conhecida como análise psicométrica ou cognitiva que “centra-se nas preferências dos indivíduos”. No entanto, defende que a ação humana é moldada pelas perspectivas que cada indivíduo tem do que são as consequências mais prováveis das suas decisões, **b) abordagem sociológica** que envolve seis perspectivas teóricas:

1) Teoria do ator racional (Dawes): “toda a atividade social resulta da vontade deliberada dos atores sociais (indivíduos e organizações) de satisfazerem os seus interesses, para o que mobilizam os meios necessários para tal. Assim, no domínio do risco, quando um ator individual ou institucional considera que um certo risco prejudica os seus interesses, apela (ativamente) à tomada de medidas políticas que impeçam ou limitem esse risco. Esta postura pode, todavia, entrar em rota de colisão com os interesses de outros atores que beneficiam da atividade que dá origem ao risco (...)”.

Poderíamos perceber esta teoria na prática, se atores sociais freeganos entrassem em conflito de interesses ou disputas com os outros atores sociais que realizam as mesmas práticas mas por motivos de sobrevivência. Os chamados “catadores de lixo”, por exemplo, que sobrevivem da recolha de resíduos quer para consumo próprio, quer para revendas. Mas os *freegans* não aderem a estas competições, pelo contrário, é do interesse do freeganismo a colaboração com esses atores numa espécie de solidariedade, dispondo-lhes das recolhas excedentes do mergulho. Em alguns casos, considerados como uma “espécie de desvio” dentro do próprio freeganismo, alguns adeptos revendem produtos coletados.

2) Teoria da mobilização social (MacCarthy e Zald; Watts): “lida com o risco partindo da resposta a duas questões principais: a primeira diz respeito à determinação das circunstâncias em que os indivíduos ou os grupos sociais decidem agir, designadamente quando esteja em

causa um risco; a segunda é a de quais são as condições estruturais necessárias para que a sua ação seja bem-sucedida e eles atinjam os seus objetivos (...)”.

Consideramos que essa teoria se enquadra no freeganismo porque as circunstâncias que determinam as ações dos adeptos, segundo seus pressupostos, são as de uma “emergência ecológica” pela sustentabilidade do planeta, e para eles a estrutura da sociedade vigente coloca em risco toda essa sustentabilidade através do desperdício, do qual, contudo, dependem embora esta perspectiva não esteja presente recorrentemente nos seus discursos.

3) Teoria organizacional (Perrow): “baseia-se em dois aspetos estruturais das organizações – rotina de tarefas e difusão da responsabilidade – para mostrar que o risco real pode ser subestimado por uma análise estritamente técnica, onde o elemento humano é secundarizado (...)”.

Podemos pensar nesta teoria aplicada ao freeganismo porque uma das instruções que encontramos no “guia” elaborado pelos veteranos (Anexo 2), sugere no item 4, por exemplo que se faça registos dos locais de depósito e consequentemente dos produtos depositados, o que nos remete para a questão da organização e rotina da prática do mergulho no lixo em determinados locais (super/hipermercados, restaurantes). Assim, a possibilidade do risco acaba por ser muitas vezes negligenciada, pois os adeptos já presumem o que podem encontrar por já conhecem a qualidade dos produtos nos locais onde habitualmente realizam o mergulho.

4) Teoria dos sistemas (Luhmann): “o risco representa um perigo que é escolhido por um ator social. Segundo ele, o oposto de risco não é segurança, mas perigo, enquanto ameaça exterior, isto é, aquela que tem origem no ambiente que envolve os sistemas sociais. Os sistemas sociais formam-se a partir da fixação de normas sociais que delimitam os sistemas face ao ambiente que os rodeia (...)”.

Torna-se também mais interessante esta teoria aplicada ao freeganismo, porque pelos seus discursos, podemos notar que para os adeptos, o risco maior que correm não está na recolha e consumo dos bens adquiridos, mas está mais em deixá-los “inundando” e poluindo o planeta, entretanto, numa simples reflexão poderíamos dizer que ao deixarem de existir tais desperdícios, também deixaria de existir o freeganismo, pois se a estrutura social consumista que fomenta o desperdício, segundo os adeptos, deixar de existir conforme suas pretensões, não seria mais necessário tais pressupostos.

5) Teorias neo-marxista e crítica (Escola de Frankfurt; Habermas; Dombrowski): “o que importa não é tanto a compreensão das experiências e políticas de redução do risco, mas a sua dimensão emancipatória, ou seja, como dotar os diferentes grupos sociais do poder necessário para serem eles a determinar o seu nível de risco tolerável (...)”.

Esta teoria está muito presente na participação voluntária dos adeptos do freeganismo, quer dizer, não há pelo que se percebeu nas leituras efetuadas, um “compromisso” obrigatório com a causa dentro do próprio grupo, o que poderá ser uma das razões pelas quais o freeganismo não é considerado como um “movimento”, pelo menos em Portugal. Em outras palavras, cada qual age individualmente e quando lhes é conveniente, inclusive muitas vezes na “obscuridade”.

6) **Teoria construtivista social (Johnson e Covello; Bradbury; Wynne):** “considera o risco como uma construção social determinada pelas forças estruturais da sociedade. Cada grupo social efetua essas construções segundo os seus interesses e valores grupais ou institucionais e procura depois colocá-los na linha da frente da agenda política (...)”.

Neste sentido, podemos observar a criação da associação do GAIA, como um meio “político” para a defesa dos interesses dos adeptos associados. E pode ser por esta razão que às vezes encontramos algumas das suas expressões (embora tímidas ainda), numa espécie de “incorporação” noutros grupos associativos quando acontecem outras manifestações populares e/ou sindicais no país.

“Todas estas perspetivas comungam do entendimento de que as consequências reais (risco objetivo) são sempre mediadas por interpretações sociais (percepções) e modeladas pelos valores e interesses de cada grupo social. Por isso, uma análise probabilística do risco deve ser acompanhada das leituras específicas que dele são feitas pelos grupos e instituições que se movimentam e operam num dado espaço ou arena”.

Retornando à última das três abordagens sugeridas por Frade (2009), temos que **c) abordagem cultural dos riscos**, refere que “enquanto a análise sociológica do risco relaciona as construções sociais do risco com os valores e interesses dos indivíduos ou dos grupos sociais, a teoria cultural, de matriz antropológica, defende que são os padrões culturais que estruturam as opções dos indivíduos e dos grupos/instituições, levando-os a aceitar determinados valores e a rejeitar outros. São esses valores assim selecionados que determinam a percepção do risco. Cada sociedade produz o seu próprio entendimento do mundo, do ambiente que a rodeia, e esse entendimento influencia por sua vez a escolha dos riscos que captam a atenção e mobilizam os membros da sociedade”.

Por isso as relações entre esses dois aspetos, da cultura por um lado e da maneira de se alimentar por outro, sempre existiram e foram motivos de apreciações e também de controvérsias desde a conquista do fogo até aos dias atuais ou “modernos”.

Dentro do prisma que definimos como modernidade, a questão da alimentação e como nos apropriamos dela depende de técnicas desde a produção dos alimentos

propriamente dita até seu consumo. Depende também das suas estruturas sociais, das suas representações dietéticas e religiosas, da visão do mundo e do conjunto de tradições construídas lentamente no decorrer dos séculos. Contudo, em quase todas as culturas ou sociedades há o problema do “desvio” daquilo que se convencionou chamar de “natural”. Neste caso, do paradigma de comensalidade do ser humano no seu cotidiano passando a ser considerado muitas vezes como “aberrante” consumir determinados tipos de alimentos e em determinadas circunstâncias, pois eles – os alimentos – não refletem somente a satisfação de uma necessidade fisiológica, idêntica em todos os seres, mas também refletem a diversidade de culturas e tudo aquilo que contribui para modelar a identidade e tradição de cada povo.

Por se tratar de assunto tão polêmico, quanto o mais conhecido deles na prática freegana: a coleta e (re) aproveitamento dos alimentos retirados e consumidos do lixo por pessoas que não necessitam “obrigatoriamente” deles para sua sobrevivência, voltamos as análises dos riscos.

Para Adams (2009) os riscos considerados “voluntários”, referem aqueles que podem ir desde o controlado pelo indivíduo, até aquele que ele não pode controlar. Ao analisarmos os tipos de riscos que Adams teoriza, verificamos que no contexto do freeganismo: “Se uma questão não pode ser resolvida pela ciência, somos obrigados a nos apoiar no julgamento, uma espécie de combinação de instinto, intuição e experiência. Alguns consideram que essa situação nos dá grande liberdade: todas as partes interessadas se sentem livres para argumentar a partir de suas crenças, preconceitos ou superstições. É nesse círculo que encontramos os mais duradouros e acirrados debates, já que riscos virtuais podem ou não ser reais, mas as crenças sobre eles têm consequências concretas” (Adams, 2009, pp.15-19).

Sobre os riscos virtuais a que o autor se refere, podemos associá-los com a incerteza de que os *freegans* podem ou não comprometer a sua saúde na prática do “mergulho”, pois este tipo de risco pode acontecer também pela ignorância ou por desconhecimento das regras determinadas aos iniciantes, quer dizer, pela iliteracia, uma vez que há regras elaboradas e divulgadas pelos veteranos. Assim, segundo Adams (2009), um risco pode ser definido por três perspectivas: **a) Voluntário**: que é um tipo de risco associado ao desafio e o prêmio maior é a descarga de adrenalina que pode ser gerenciado, pois é um risco considerado “percebido”. No freeganismo fica evidente que

o “prêmio maior” considerado pelos adeptos é não só a adrenalina de não ser “descoberto” pelas autoridades e pela sociedade, como também o boicote ao capitalismo através da recuperação daquilo que a sociedade descarta e que com essa recuperação evitar a produção excedente, **b) Involuntário:** são os riscos que não podemos controlar nem optar e que dependemos da probabilidade de passarmos por eles sem que algo nos aconteça. Isto quer dizer que para os adeptos atingirem o objetivo idealizado é necessário que se corra riscos, mesmo sem os desejar, pois acredita-se que não é de sua consciência que os adeptos menos experientes mergulhem numa lixeira quando percebem que há um perigo eminente, **c) Imposto:** é um tipo de risco que também pode ser percebido por aquele que o impõe e não tanto pelos que estão expostos. Estes riscos são menos tolerados, pois estão associados a opções.

No contexto do freeganismo poderíamos citar aqui a título de exemplo, o fato das empresas de restauração e hotelaria, que provocam danos nos seus produtos residuais, como forma de impedir que as pessoas os reutilizem.

Não só para os *freegans*, como também para uma parte da sociedade, estes riscos são menos toleráveis porque não se compreende que num mundo onde há tanta miséria e fome, não haja uma forma de reaproveitamento dos resíduos por parte destas instituições. Na Figura 4.2. representamos os tipos de riscos analisados e que se enquadram no tema do freeganismo segundo Adams (2009).

Figura 4.2: Tipos de Riscos Associados ao Freeganismo.



Fonte: Elaborado com base em (Adams, 2009, pp.15-19).

Segundo Beck (2011), “contra as ameaças da natureza externa (risco fabricado/produzido), aprendemos a construir cabanas e acumular conhecimentos, mas diante das ameaças da segunda natureza absorvida no sistema industrial, vemo-nos praticamente indefesos. Perigos vêm a reboque do consumo cotidiano. Eles viajam com o vento e a água, escondem-se por toda a parte e, junto com o que há de mais indispensável à vida – o ar, a comida, a roupa, os objetos domésticos –, atravessam todas as barreiras altamente controladas de proteção da modernidade. Quando, depois do acidente ações de defesa e prevenção já não cabem, resta (aparentemente) uma única atividade: desmentir, um apaziguamento que gera medo e que associado ao grau de suscetibilidade generalizada condenada à passividade, alimenta a sua agressividade. Essa atividade residual, diante do risco residual realmente existente, encontra na inconcebibilidade e impercetibilidade dos perigos seus cúmplices mais eficazes” (Beck, 2011, pp. 23-28).

Os riscos que as sociedades correm hoje podem ser considerados “naturais” ou “fabricados/produzidos” e isto quer dizer que teremos de analisar a questão da prática alimentar freegana nas duas vertentes do risco.

Poderemos encontrar aqui um forte indício de que os riscos de uma alimentação considerada insegura são produzidos pelos próprios atores sociais quando optam por não seguir determinadas regras de segurança, principalmente os adeptos mais vulneráveis ou inexperientes. Por esta razão, pensamos que a desconstrução das regras e normas elaboradas pelos adeptos experientes que apresentamos no Anexo 2, são

importantes para concluirmos este item e darmos legitimidade à nossa questão de partida sobre os riscos relacionados com a saúde e vice-versa.

4.1.6. Resistência aos Riscos: uma Marca Simbólica do Freeganismo

Este item procurará articular e analisar os riscos que os adeptos do freeganismo estão sujeitos não só ao optarem por um estilo de vida comensal considerado marginal, mas principalmente ao “quebrarem” ou “resistirem” a algumas regras, normais ou leis erigidas pelas instituições sociais de proteção à saúde e conferidas a todos os cidadãos.

Nos últimos anos, um pouco em decorrência da atual conjuntura que o mundo atravessa e também pelo advento da comunicação social, vimos conhecendo o outro lado de práticas quotidianas alimentares que individual ou coletivamente a maior parte das sociedades nunca ouvira falar, embora elas sempre tivessem existido desde os primórdios da humanidade. O “freeganismo” pode ser uma delas, embora como acontece com a evolução natural das sociedades, pudesse ter tido outras denominações.

Se perguntarmos entretanto, se alguém já ouviu falar de pessoas que comem comida do lixo, certamente ouviremos muitos “sins”. Todavia, a percepção da sociedade sobre estas pessoas passam por atribuir-lhes estigmas como: “pobres”, “sem-abrigo”, “desajustados sociais”, “mendigos” e às vezes até, “doentes mentais”, porque uma das ideias que se têm sobre estas pessoas é que elas são as mais vulneráveis vítimas dos sistemas sociais vigentes que as colocam em situações de exclusão. Outros até podem associar esta prática a uma espécie de “fetiche”, ou a alguma “patologia associada a tal comportamento”. Se dissermos porém, que há pessoas que não precisam ou que não têm necessidade desta prática, mas que fazem-as por questões filosóficas e ideológicas, a outra questão que se coloca talvez seja: como é que se é capaz de tornar a saúde vulnerável por uma ideologia ou correr riscos por ela?

Marandola & Hogan (2006), afirmam que “a vulnerabilidade é um fenómeno expressivo da modernidade tardia, característica da forma de enfrentar o perigo nas diferentes escalas. Penetrando em todos os campos da vida social, risco e incerteza tornaram-se palavras-chave para compreender as dinâmicas espaço temporais contemporâneas, demandando um olhar abrangente da vulnerabilidade em sua multidimensionalidade inerente. O diálogo interdisciplinar é o caminho para a reflexão sobre suas dimensões”, segundo Marandola & Hogan (2006). Por esta razão, numa ótica da Ecologia da Saúde voltaremos o nosso olhar e refletiremos nesta parte do trabalho

sobre estas questões, tentando analisar sobre como é que a(s) prática(s) consideradas ecológicas por este grupo, resistem e até mesmo desafiam as normas de segurança alimentar e sanitária adotadas pelos governos mundiais na prevenção da saúde. Expondo algumas vezes as suas vidas a algum tipo de risco e construindo em torno de si uma “marca simbólica de resistência” que diverge dos paradigmas estipulados pelas maiores autoridades mundiais em saúde. Isto nos leva a indagar, porquê que os adeptos aceitam correr tais riscos? Quais são os limites aceitáveis para se permitir esses riscos? No ponto seguinte, analisaremos sucintamente a “aceitabilidade” do risco pelos adeptos do freeganismo.

4.1.7. Aceitabilidade do Risco: Ganhos e Perdas no Freeganismo

Quando discutimos sobre todas estas teorias, verificamos que na sua maioria não deixam a questão da “saúde e do ambiente” de lado, pois também já referimos que ambas são dissociáveis dos riscos. Algumas dessas teorias foram elaboradas a partir do advento da Revolução Industrial que contribuiu para que algumas práticas alimentares se tornassem mais agressivas e incontroláveis envolvendo os diferentes segmentos sociais. A preocupação com a qualidade de vida deu lugar à concorrência desenfreada pelo mercado, por sua vez, cada vez mais consumista (Adams, 2009).

De igual forma a aceitabilidade dos riscos causados pela (in)segurança alimentar por parte da sociedade e dos próprios adeptos coloca em “jogo” não só a obtenção dos alimentos, mas sim toda uma “técnica” com regras e normas a serem seguidas dentro do próprio freeganismo, bem como as teorias que se constroem em torno das tragédias humanas relacionadas à ignorância e ao desrespeito às normas de conduta de segurança estabelecidas pelas autoridades competentes no assunto. Do lado do bem, essas teorias podem auxiliar e até mesmo prevenir eventuais catástrofes oferecendo-nos um potencial de aprendizado e a possibilidade de escolhermos um outro caminho menos doloroso para a humanidade. Entretanto, a consciência, a liberdade e a responsabilidade de cada um também não se dissociam das nossas escolhas para uma vida mais segura e mais digna. Resta-nos então, saber escolher o que queremos ter e saber muitas vezes calcular e gerir o risco, ponderando o que se ganha e o que se perde quando decidimos enfrentá-lo. Todavia, as teorias vão mais além e também abordam extensivamente sobre a questão cultural abrangendo a alimentação, a qualidade de vida, a educação nutricional, as distinções, os gostos, e o descarte consciente.

Para Bourdieu, as práticas quotidianas não obedecem a regras pré-estabelecidas. Para melhor compreender como tais práticas se definem voltamos ao conceito do *habitus*, definido como sendo um sistema de disposições decorrente de experiências passadas, duráveis (portanto, inscrito na construção social da pessoa) e transponíveis (trafegam de um campo para o outro), e que estimulam nos atores sociais as suas percepções e ações. Apropriando-nos do sentido de campo que ainda podemos encontrar neste mesmo autor, verificamos que diferentes posições sociais no interior dos campos indicam variações de estilos de vida. O gosto, as escolhas e as preferências dos indivíduos, aparentemente voluntárias, são construídos simbolicamente como sinais da posição social, *status* e de distinção, conforme Bourdieu (2010). O estilo de vida que os *freegans* adotam, guarda estreita relação com a opção pelo tipo de alimentação e também com o gosto, pois na comida, mesclam-se muitos valores, inclusive simbólicos que são o foco central do freeganismo, em consideração ao desperdício alimentar ao qual são posicionalmente contra.

Quando os adeptos percebem que possuem controlo suficiente sobre possíveis perigos, estão dispostos a aceitar correr os riscos para obter os benefícios desejados. No entanto, estes controlos têm que se basear em *informações*, em *avaliações* e em *percepções* para que eles tomem uma decisão nem contra, nem a favor do objeto “arriscado”.

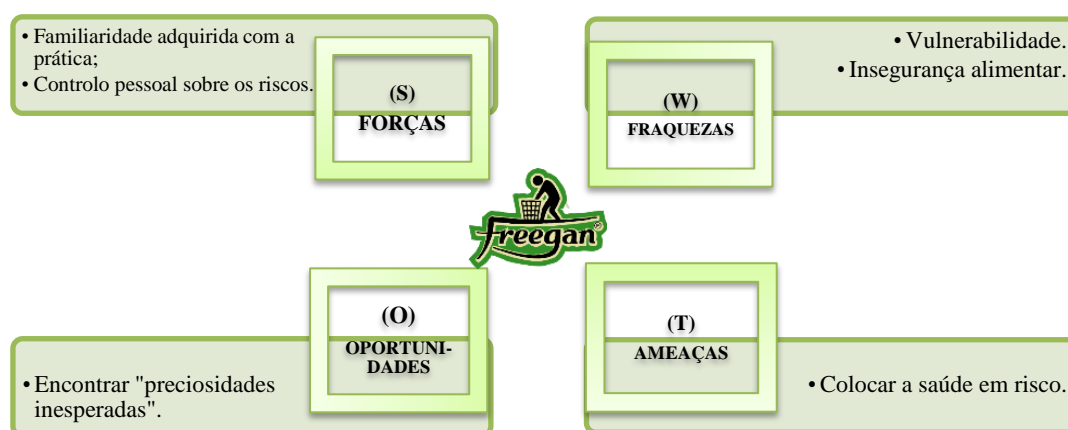
Sobre as *informações* referentes aos riscos que os adeptos correm na prática do mergulho no lixo, já os expusemos anteriormente. Relativamente as *avaliações*, pensamos que elas estão explícitas no capítulo sobre os preceitos, pressupostos e pretensões freeganas. E, sobre as *percepções* que os seus adeptos têm destes riscos, podemos reler o ponto deste estudo sobre as “técnicas” ou ainda sobre as “prevenções”.

Por mais que tentemos negar, o ser humano é fascinado pela noção de risco, conforme Adams (2009). O risco nos torna prevenidos, mas é também o maior responsável pelo prazer que sentimos quando superamos com êxito um desafio. O ambientalista e geógrafo britânico acredita que o fascínio pelo risco estimula as soluções para superar desafios, o que pode ser aplicado além do gerenciamento estratégico empresarial, também nas nossas vidas, Adams (2009).

Com base nas teorias e conceitos apresentados, elaboramos através da Análise SWOT uma representação na Figura 4.3, sobre a aceitabilidade dos riscos relativamente

ao freeganismo e perguntamos: que fatores influenciam a aceitação do risco pelos adeptos na prática do mergulho no lixo? Quais são os agravantes desta aceitabilidade e quais os atenuantes que o suportam? A seguir iniciaremos a análise teórica sobre a questão da Saúde.

Figura 4.3: Análise SWOT da Aceitabilidade dos Riscos para a Saúde na Adoção do Modo de Vida Freegano.



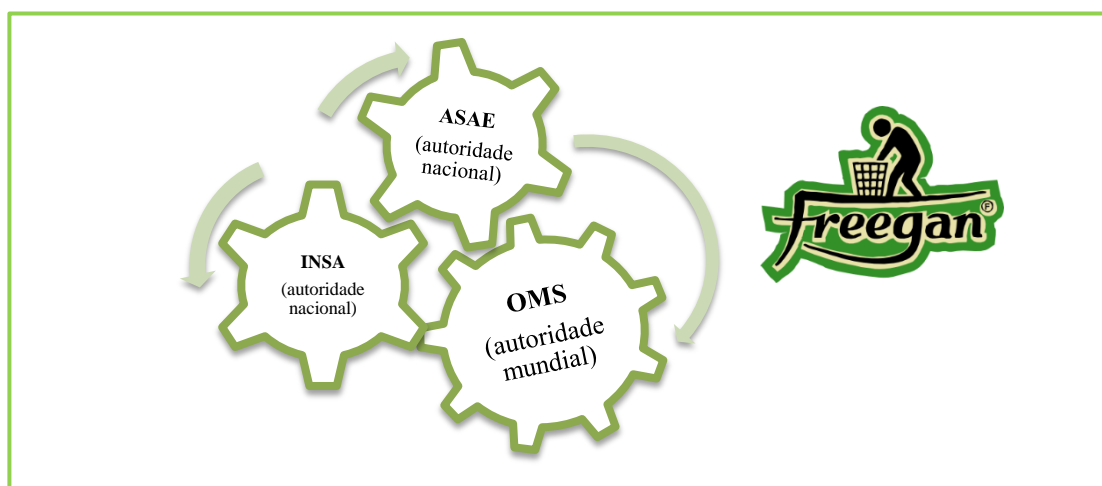
4.2. Freeganismo e Saúde: um Desafio para as Autoridades em Saúde Pública

Uma vez adotadas estratégias não convencionais para a aquisição dos alimentos que consomem, os adeptos do freeganismo configuram um desafio para as autoridades em saúde pública quando não obedecem às suas regras elaboradas. A análise crítica em torno do comportamento da prática de comensalidade praticada no freeganismo, relaciona-se com a questão da saúde não só dos seus adeptos individualmente, mas também com uma questão que vai mais além: o fato de partilharem as suas coletas em grupo vai ao encontro com o conceito de saúde pública e as transformações e evoluções no setor sanitário ocorridas nas últimas décadas, visto que uma das causas mais preocupantes para os médicos e para os profissionais do saneamento no combate às doenças causadas por determinados fungos, vírus, germes e bactérias causadas por determinados alimentos podem provocar eventuais casos de morte. Adotaremos as legislações da OMS (Organização Mundial de Saúde) porque compreendem os aspetos fundamentais do freeganismo no tratamento e consumo das coletas ou recolhas dos alimentos dos seus adeptos. Entretanto, para que estas leis sejam cumpridas, cabe a cada país eleger os seus órgãos executivos e judiciários competentes a fim de proteger a saúde dos seus cidadãos. Por isto, em Portugal, recorreremos às maiores autoridades do setor alimentar como indicativo das maiores autoridades em Saúde e Segurança

Alimentar que relacionaremos com as definições sobre saúde da OMS são: **a) a ASAE** (Autoridade de Segurança Alimentar e Económica), órgão que fiscaliza e autua as irregularidades encontradas no setor alimentício inclusive e **b) o INSA** (Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge), entidade responsável por pesquisar, analisar e detetar a qualidade dos alimentos apreendidos pela ASAE, inclusive.¹⁰

A Figura 4.4., representa a articulação entre as Três Maiores Autoridades em Saúde que operam ao nível nacional e internacional. Esta articulação funciona como uma “engrenagem” no sentido de que uma instituição atuante ao nível local reporta as ocorrências encontradas para outra instituição de controlo nacional e esta por sua vez poderá ter que reportar a uma instituição a nível global. Contudo, esta articulação poderá ocorrer em sentido inverso em algumas situações de epidemia, por exemplo.

Figura 4.4.: Articulação entre as Três Maiores Autoridades em Saúde ao nível Nacional e Internacional.

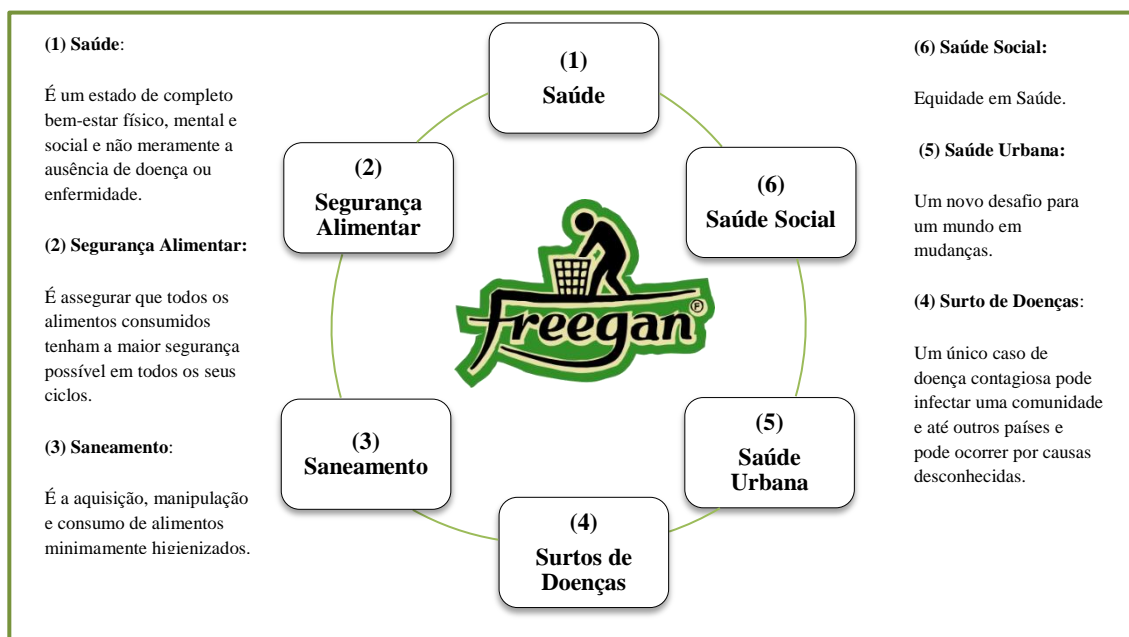


4.2.1. Os “S’s” da Organização Mundial de Saúde

Uma vez que a questão do desvio está presente no paradigma da comensalidade freegana, adaptaremos as definições sobre a Segurança Alimentar e a Saúde sob as orientações destas autoridades, a partir da elaboração da Figura 4.5. Dedicaremos este ponto aos conceitos sobre a Saúde, do ponto de vista da OMS, e faremos um paralelo sobre a problemática da afetação da saúde dos adeptos do freeganismo na ingestão de alimentos considerados impróprios para o consumo.

¹⁰ **Fonte:** ASAE, INSA e OMS. Acedido de Janeiro a Julho de 2013. (Informação completa na Bibliografia).

Figura 4.5.: Os “S’s” da OMS Adaptado ao Contexto do Freeganismo.



4.2.2.1. Saúde: Estados Físico, Mental e Social

É conveniente e importante referir em primeiro lugar, como é que a OMS interpreta as condições de saúde em que o ser humano deve viver:

“A Saúde é um Estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade. Citação bibliográfica para esta definição é: preâmbulo da Constituição da Organização Mundial da Saúde tal como adotado pela International Health Conference, Nova Iorque, 19 de Junho – 22 de Julho de 1946; assinado em 22 de Julho de 1946 pelos representantes dos 61 Estados (registos oficiais da Organização Mundial da Saúde, n. 2, p. 100) e entrou em vigor em 7 de Abril de 1948. A definição não foi alterada desde 1948”. Segundo a definição da OMS (2013).

Neste sentido podemos referir que o freeganismo ainda poderá ser melhor investigado nas áreas competentes sobre a saúde. Contudo, referindo apenas o que nos importa para esta investigação, através da revisão de literatura observámos que não há registos de incidentes maiores sobre a saúde dos adeptos do freeganismo nestas leituras, conforme citação do artigo de Tibbetts (2013):

“Eskow believes the health risks are greater for dumpster divers who eat discarded food out of necessity — such as homeless people — than they are for freegans, who often forage in groups, wear protective gear, have homes where they can wash their finds, and are generally younger, healthier, and therefore more immune to illness than those who live on the streets” .

Acreditamos que os adeptos se inserem nas definições da OMS relativamente à boa saúde do ser humano dentro dos parâmetros estabelecidos ao nível global, uma vez que relativamente ao estados de saúde a) Físico, os estudos já pesquisados revelam que

os adeptos são na sua maioria, jovens, **b)** As suas opções revelam um certo grau de estado de consciência ecológico que por sua vez é mentalmente são e **c)** as suas condições sociais não se prendem exactamente como as dos sem-abrigo, mendigo, etc., que dependem muitas vezes da ajuda do Estado, segundo Tibbetts (2013).

4.2.2.2. Segurança Alimentar: Ambiguidade, Análise Sensorial, Inocuidade e Literacia Alimentar

A OMS administra os complexos temas sobre a alimentação e sobre as decisões que reconhece a Segurança Alimentar como uma das funções essenciais de saúde pública. Engloba ações destinadas a assegurar que todos os alimentos sejam o mais seguro possível, visa com isto que as ações e políticas de Segurança Alimentar abranjam toda a cadeia alimentar, porque segundo este órgão,

“As doenças transmitidas por alimentos tomam-se um grande problema sobre a saúde. Milhões de pessoas adoecem e muitos morrem como resultado de comer o alimento não seguro. Profundamente preocupado com isso os Estados-Membros adotaram uma resolução em 2000 para reconhecer a Segurança Alimentar como uma função essencial de saúde pública. A Segurança Alimentar engloba ações destinadas a assegurar que todos os alimentos sejam o mais seguro possível. Ações e políticas de segurança alimentar precisam cobrir toda a cadeia alimentar, desde a produção ao consumo”, conforme a OMS (2013).

Relativamente as premissas da OMS sobre a Segurança Alimentar mundial, no de Portugal, estas são asseguradas pela ASAE. Esta entidade enquanto reguladora dos vários aspetos que orientam a nutrição portuguesa, também é objeto de articulação entre as opções que os adeptos do freeganismo fazem enquanto sujeitos singulares e as representações que podem também incluir a discussão sobre a saúde pública.

Historicamente as epidemias muitas vezes começam por um simples caso de infeção alimentar e podem espalhar-se por uma comunidade e quiçá por um ou mais países como veremos no item sobre o saneamento e surtos de doenças desta investigação. Durante séculos a humanidade se deparou com o problema da segurança do alimento que consumia, ou seja, em detrimento do tipo de alimentação que se apresentava à época, qualquer que fosse o alimento, a questão da “validade” esteve sempre presente, mesmo que ainda não se utilize este termo. Muitos atores sociais desapareceram da sociedade por consequências que foram atribuídas àquele que ora é fonte de vida, ora causa de morte: os alimentos. Contudo, nas últimas décadas e nomeadamente no pós-iluminismo onde o progresso através das novas tecnologias levou mais informações às sociedades, a preocupação com a forma como os atores

sociais consomem seus alimentos está cada vez mais em voga. E aumenta a vigilância e controlo com o que se come em praticamente todas as sociedades humanas e cada uma dessas sociedades tem uma missão de proteção para a sua população. É neste sentido que a ASAE em Portugal, tem como missão:

“A fiscalização, a avaliação e a comunicação aos seus cidadãos, dos riscos encontrados na cadeia alimentar; bem como pela disciplina do exercício das atividades económicas nos setores alimentar e não alimentar português, mediante a fiscalização e prevenção do cumprimento da legislação reguladora das mesmas, regendo-se pelos princípios da independência científica, da precaução, da credibilidade e transparência e da confidencialidade, criados através do Decreto-lei nº 237/2005 de 30 de Dezembro, e organicamente reformulada no âmbito do PRACE pelo Decreto-lei nº 274/2007 de 31 de Julho. Ainda encontramos na carta de conduta ética deste órgão que em termos genéricos a ASAE desenvolve as suas ações como autoridade de fiscalização e investigação, de polícia económica, de controlo de mercado e de avaliação de riscos”. ASAE (2013).

Assim, podemos referir que para a ASAE, o fenómeno do freeganismo é um problema social de difícil solução devido à falta de controlo que não consegue exercer sobre os adeptos, uma vez que é praticamente impossível acompanhá-los em suas práticas, como vimos num dos itens revelados no “guia” do mergulho no lixo. Isto nos faz concordar com todas as investigações académicas que tivemos acesso e com as conclusões unânimes que chegaram: não é possível realizarmos um estudo quantitativo sobre o freeganismo, independentemente do objeto que escolhermos para analisar.

a) Ambiguidade em Segurança Alimentar: Quando nos referimos a segurança alimentar e incluímos nela a ambiguidade nas “conquistas” dos alimentos que são consumidos pelos *freegans* através da recolha nas lixeiras. Estamos conscientes de que esta afirmação é complexa e que por isso mesmo está sujeita a controvérsias tanto por parte dos adeptos (que defendem que nada nos garante a segurança daquilo que estamos comendo mesmo quando adquiridos pelas vias “normais” no produtor ou distribuidor devido aos vários mecanismos e tecnologias que são empregadas desde a sua origem), como também pelos especialistas das diversas áreas da alimentação e da saúde ao promoverem que:

“Os perigos alimentares têm sido referidos, ao longa da História, como um problema para a saúde do Homem e muitos dos problemas de segurança alimentar, actualmente identificados, não são de agora. Embora esteja a ser feito um grande esforço, por parte das entidades governamentais de todo o Mundo, no sentido de promover a melhoria da segurança da cadeia alimentar, a ocorrência de doenças de origem alimentar continua a ser um problema significativo de saúde pública, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento. Estima-se que, anualmente, 1.8 milhões de pessoas morram devido a doenças

*diarreicas, que na maioria dos casos, estão ligadas a alimentos ou água contaminados. A preparação higiênica dos alimentos pode prevenir a ocorrência da maioria destes casos.*²⁸

b) Análise Sensorial: Entendemos que neste estudo faz todo o sentido, referirmos como é que os adeptos do freeganismo conseguem analisar e separar os alimentos que recolhem da lixeira para consumi-los. É por esta razão que o conceito mais apropriado para resolver esta questão prende-se com o conceito de “análise sensorial”. Embora a Análise Sensorial na atualidade seja considerada uma disciplina académica na área da engenharia alimentar que envolve instrumentos adequados às medições, desde a antiguidade é o meio pelo qual os seres humanos fazem as suas escolhas alimentares. Assim, fomos buscar no trabalho de Esteves (2009) que:

*“Apesar da evolução tecnológica, alguns estímulos apenas são percebidos pelos sentidos enquanto outros são demasiado complexos para os instrumentos de análise. A Análise Sensorial pode aplicar-se na análise e desenvolvimento de (novos) produtos, em testes de tempo de vida útil de produtos, controlo de qualidade da matéria-prima/produto final, em testes de mercado; na investigação em Psicofísica, etc. **Sentidos:** A percepção sensorial dos alimentos está intimamente relacionada com os sentidos (paladar, olfacto, visão, etc.). A relação entre um estímulo físico e a resposta fisiológica é pouco conhecida. Mas a percepção das características dos alimentos parece ocorrer da seguinte forma: 1º a aparência através da visão; 2º odor, aroma e/ou fragrância percebidos pelo olfacto; 3º a consistência e a textura relacionadas com o tato; e 4º o sabor ou o "flavour" percebidos em conjunto pelo paladar e/ou olfacto (estes últimos são designados pelos autores anglófonos como "chemical senses" (Esteves, 2009, p. 5).*

c) Inocuidade dos Alimentos: Ao incluirmos sucintamente o argumento que ora se apresenta sobre a inocuidade dos alimentos no contexto freeganista fizemo-lo porque acreditamos que segundo a conceção da FAO (*Food and Agriculture Organization*), poderíamos contribuir para a informação de que as análises sobre a inocuidade que se faz na cadeia alimentar, não é objeto exclusivo dos profissionais envolvidos nas atividades que envolvem a alimentação. Como podemos verificar este tema também diz respeito a todos os cidadãos consumidores, incluindo os adeptos do freeganismo porque uma das suas práticas consiste na distribuição dos alimentos que também recolhem diretamente dos produtores, aos “mais necessitados”, conforme as reflexões que fizemos neste estudo sobre a solidariedade como uma questão de ética para os *freegans*.

De acordo com a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde), temos que:

“De acordo com a abordagem atual da segurança dos alimentos, o controlo da qualidade e da inocuidade deve ser realizado em toda a cadeia alimentar desde a produção, armazenagem, distribuição, processamento até o consumo do alimento in natura ou processado – sendo responsabilidade de todos os profissionais envolvidos nessas atividades, órgãos governamentais e também dos consumidores. A análise de risco possibilita o estabelecimento de padrões,

²⁸**Fonte:** Cinco Chaves para uma Alimentação mais Segura. Recuperado em www.who.int/foodsafety/consumer/5keys/en/index.html. Acedido em 05 de Fevereiro de 2013.

diretrizes e de outras recomendações relacionados a segurança dos alimentos, colaborando para a proteção da saúde do consumidor e para o comércio internacional. A análise de risco é uma ferramenta para o processo de tomada de decisão sobre questões de segurança dos alimentos. Através de sua aplicação, são identificados os diferentes pontos de controle na cadeia alimentar, as opções de intervenções e os custos e benefícios de cada medida, permitindo o gerenciamento eficiente dos riscos, conforme FAO & WHO (2006).

d) Literacia Alimentar: Qual é o papel que o conceito da literacia implica no freeganismo? Para este estudo implica no modo como os adeptos selecionam os alimentos embalados que recolhem da lixeira e de como os avaliam e tomam a decisão entre consumir ou não determinado produto consoante o prazo de validade, por exemplo. Ou dos componentes químicos de conservação ou ainda da higienização apropriada, etc., pois a iliteracia poderá aumentar o grau de risco do consumo alimentar de determinados produtos. Conforme estudo de Luís (2010):

“A utilização da literacia, nomeadamente da literacia em saúde, irá consistir numa consciencialização da importância, a nível pessoal e coletivo, das decisões tomadas e consequente empowerment do indivíduo nos domínios da promoção da saúde e sua relação com a vida diária (Kickbusch, 2007). A literacia em saúde dá ao indivíduo a capacidade de aceder, compreender e agir na informação de saúde (Kondilis, 2007)...No que respeita à alimentação pode-se mesmo falar de uma literacia alimentar (Wiserearth, 2007), que se refere ao nível em que um indivíduo é capaz de obter, processar e compreender informação básica sobre a alimentação de modo a tomar decisões apropriadas para a sua saúde. A literacia alimentar inclui a compreensão da informação contida nos rótulos e conhecimentos de nutrição (Luís, 2010, p. 29).

4.2.2.3. Saneamento: Surto e Doenças

O interesse relacionado ao saneamento no contexto do freeganismo, surgiu a partir dos vários vídeos assistidos sobre o tema e também pelo trabalho de campo, quando presenciei por duas vezes a prática do “mergulho no lixo” realizadas por alguns adeptos num supermercado situado na zona de Lisboa. A OMS (2013) define que:

“O saneamento geralmente se refere ao fornecimento de equipamentos e serviços para a eliminação segura de dejetos humanos. A falta de saneamento é das principais causas de doença mundial e melhorar o saneamento básico é conhecido por ter um impacto benéfico sobre a saúde em famílias e entre comunidades. A palavra “básico” também se refere a manutenção das condições de higiene, serviços, como lixo e águas residuais”.

Portanto, a nossa dúvida sobre como é realizada a higienização dos produtos coletados no “garimpo ou mergulho”, ainda persiste, uma vez que pelos vídeos assistidos sobre o tema, o saneamento nos parece que fica muito aquém do que é exigido pelas autoridades em saúde e vigilância sanitária, como é o caso da ASAE que fiscaliza toda e qualquer atividade relacionada ao consumo alimentar em Portugal.

A questão do saneamento é importante no combate aos surtos de doenças e epidemias, contudo, é público e notório que as lixeiras e contentores espalhados pelo país podem conter microrganismos que levam ao aparecimento de infeções alimentares quando ingeridos em grande número ou quando há presença de toxinas e é por isso que as doenças alimentares constituem uma das principais preocupações ao nível da saúde pública. Ainda segundo a definição da OMS (2013):

“Um surto de doença é a ocorrência de casos de doença de que normalmente seriam esperados numa Comunidade definida, área geográfica ou temporada. Um surto pode ocorrer numa área geográfica restrita, ou pode estender por vários países. Ela pode durar por alguns dias ou semanas, ou por vários anos. Um único caso de uma doença infecciosa longo ausentes de uma população, ou seja causado por um agente (por exemplo, bactéria ou vírus) anteriormente não reconhecido em que a comunidade ou área ou o aparecimento de uma doença previamente desconhecida, pode igualmente constituir um surto e deve ser reportado e investigado” (OMS, 2013).

É neste sentido que buscamos no INSA que é o órgão português tem como missão em articulação com a ASAE:

“Enquanto Laboratório do Estado, contribuir para ganhos em saúde pública através de actividades de investigação e desenvolvimento tecnológico, actividade laboratorial de referência, observação da saúde e vigilância epidemiológica, bem como coordenar a avaliação externa da qualidade laboratorial, difundir a cultura científica, fomentar a capacitação e formação e ainda assegurar a prestação de serviços diferenciados, nos referidos domínios (INSA, 2013).

Por essas razões, fomos buscar neste órgão as directrizes relacionadas com a higiene e os riscos que a falta dela e a falta de saneamento em geral podem causar no manuseio e consumo dos alimentos coletados ou adquiridos pelos *freegans* nos diversos pontos em que o mergulho é praticado, uma vez que na maior parte das informações que se pode obter, ela ocorre nas lixeiras ou contentores de lixo disponíveis no lugares próximos aos supermercados, hipermercados, restaurantes, cafés, e outros estabelecimentos de restauração, o INSA (2013) ainda refere que:

“A doença de origem alimentar foi definida pela OMS como a doença de natureza infecciosa ou tóxica causada por, ou que se pensa ser causada por, consumo de alimentos ao água, que é reconhecida como a maior causa internacional de mortalidade e prejuízo económico. Estes tipos de infeções compreendem uma interação entre o hospedeiro, o organismo patogénico e o alimento contaminado ingerido, que pode levar a eliminação do patogénico pelo hospedeiro ou pelo aparecimento de doença ou morte no hospedeiro. As infeções de origem alimentar tem sido a maior causa de doenças humanas durante séculos, apesar de se manterem subnotificadas e a sua verdadeira incidência desconhecida. Estas infeções adquiriram dimensão internacional devido não só a globalização como as alterações climáticas, de tecnologia alimentares, de hábitos sociais, demográficas e económicas. Para além das infeções habituais é necessário estar alerta para as infeções emergentes quando surgem novos patogénicos ou patogénicos conhecidos com novas características ou em veículos inesperados, diferentes hábitos alimentares e mudanças na produção e mercado internacional alimentar (...) há vários fatores que apesar de poderem ser prevenidos, podem contribuir para a ocorrência de toxinfecções alimentares: ingredientes crus contaminados (incluindo água), refrigeração ou armazenamento

inadequados, alimentos insuficientemente cozinhados, contaminação cruzada de alimentos crus para os cozinhados, pouca higiene pessoal dos manipuladores ou das instalações ou ainda pessoal não treinado (...) a resistência aos anti-microbianos é também um problema de segurança alimentar, representando um risco direto quando o patógeno resistente se encontra no alimento ingerido ou indiretamente quando a resistência é transmitida de uma bactéria comensal do alimento para uma bactéria patogénica para o homem”.

A outra questão que suscita dúvidas é o fato dos adeptos alegarem que os alimentos estão “salvos” pelas embalagens. Segundo Ferrão, Ribeiro, & Silva (2005), as embalagens dos bens alimentares e bebidas têm múltiplas funções e são um elemento fundamental na proteção e conservação dos produtos, do confinamento e manuseamento, mas elas também devem ser alvo de análise dos consumidores. Portanto, esta é uma questão fundamental que pretende ser encontrada nos discursos dos *freegans*.

4.2.2.4. Saúde Urbana: Novos Desafios

No Relatório Mundial de Saúde de 2008, na área dos Cuidados de Saúde Primários, como o título de “Os desafios de um mundo em mudança” elaborado pela OMS (2013):

“As pessoas não pensam na saúde apenas em termos de doenças ou traumatismos, mas também em termos daquilo que apreendem como sendo perigoso para a sua saúde ou para a saúde da sua comunidade¹¹⁸. Enquanto que as explicações políticas e culturais sobre riscos em saúde são muito variáveis, existe uma tendência geral e cada vez maior para responsabilizar as autoridades pela proteção contra ou por uma resposta rápida a esses perigos¹³⁶. Esta é uma parte essencial do contrato social que legitima o Estado. Os políticos dos países ricos, tal como os dos pobres, correm riscos cada vez maiores se ignorarem o seu dever de proteção das populações perante os perigos que se lhes apresentam: testemunhem as repercussões negativas, em termos políticos, da má gestão do desastre associado ao furacão Katrina, nos Estados Unidos, em 2005, ou da crise de recolha de lixo, em Nápoles, Itália, em 2008. O acesso à informação sobre riscos para a saúde no nosso mundo globalizador, é cada vez maior. O conhecimento está a expandir-se para além da comunidade dos profissionais de saúde e especialistas científicos. As preocupações sobre os riscos para a saúde já não estão limitadas à agenda tradicional da saúde pública em melhorar a qualidade da água que se bebe e o saneamento para prevenir e controlar doenças infecciosas. No despertar da Carta de Otava para a Promoção da Saúde, em 1986¹³⁷, existe um leque muito mais amplo de temas que constituem a agenda da promoção para a saúde, incluindo a segurança alimentar e os riscos ambientais bem como os estilos de vida coletivos e o ambiente social que afetam a saúde e a qualidade de vida¹³⁸. Recentemente, esta agenda foi complementada com preocupações crescentes sobre os riscos para a segurança dos doentes¹³⁹. A urbanização é uma das principais tendências globais do século XXI que tem um impacto significativo sobre a saúde. Até 2050, mais de 70% da população mundial viverá nas cidades. Os fatores que influenciam a saúde urbana incluem a governação urbana; características da população; o ambiente natural e construído; desenvolvimento social e económico; serviços e gerenciamento de emergência de saúde; e segurança alimentar. Enquanto cidades podem trazer oportunidades, eles também podem trazer desafios para melhorar a saúde.

Para este estudo, o freeganismo poderá se enquadrar num novo “desafio” para as autoridades em saúde, já que a incidência pelo que se constatou na revisão de literatura, é de que ele é mais praticado nas zonas urbanas, onde há maiores condições de recolha e por outro lado, onde poderá haver também melhores condições de higiene, em contrapartida, também é onde se encontram as maiores possibilidades de uma contaminação que poderá ultrapassar a questão da saúde pública.

4.2.2.5. Saúde Social: Equidade para os *Freegans*

Os determinantes sociais da saúde são as condições em que as pessoas nascem, crescem, vivem e trabalham, incluindo o sistema de saúde que favorecem todas estas condições. Estas circunstâncias são moldadas através da distribuição de dinheiro, poder e recursos em níveis globais, nacionais e locais, que são eles próprios influenciados por escolhas políticas. Os determinantes sociais da saúde são principalmente responsáveis por desigualdades de saúde – as diferenças injustas e evitáveis no estado de saúde visto dentro e entre países. A articulação da equidade em saúde está intimamente relacionada com os “riscos para a saúde e a saúde em risco” que esse trabalho se propôs investigar.

Isto prende-se com o fato de que dependendo da cultura dos seus adeptos, há por vezes, determinadas resistências para práticas quotidianas como a de ir ao médico ou comprar remédios, por exemplo, quando eventualmente ocorre uma situação de intoxicação alimentar leve – uma vez que um dos preceitos do freeganismo é o cultivo e consumo de ervas medicinais produzidos em suas próprias hortas, enquanto produtores.

É com elas que dentro do grupo tentam combater as infeções (por exemplo), que possam surgir em decorrência da ingestão de algum alimento impróprio para o consumo, por que acreditam que só podem consumir o que seja “natural”. A esse fenómeno Foucault, segundo estudos de Linhares (2009), chamou de “artes da existência”, isto é, “práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo”. (Linhares, 2009).

É inevitável a consideração de componentes culturais, éticos e políticos em qualquer avaliação que se faça sobre o freeganismo.

Após longo mais necessários esclarecimentos sobre as duas questões fundamentais neste trabalho: o Risco e a Saúde, o capítulo cinco, serão dados a conhecer o freeganismo na realidade portuguesa e verificar pelas respostas recolhidas através do Questionário, se as nossas hipóteses correspondem e respondem ou não as nossas indagações e inquietações sobre o fenómeno que ora vos apresentámos.

4.3. Breve Síntese

Neste longo mais importante capítulo que ora finalizámos, procurámos demonstrar a complexidade de informações que envolvem o tema do freeganismo quando refletimos sobre o conceito de Risco e de Saúde e os articulámos para analisar sobre a implicação que ambos têm no modo de vida dos seus adeptos.

Todas as teorias sobre os Riscos que ora foram apresentadas são relevantes para a compreensão das implicações que o ato de praticar o “mergulho no lixo” pode desencadear numa sociedade e não só dentro do núcleo freeganista. Embora outros atores sociais o pratiquem por diferentes motivos, esses atores também estão expostos aos mesmos riscos, contudo, o que está em discussão nesta investigação é objetivamente a aceitabilidade destes riscos em detrimento da afetação para a saúde dos adeptos.

Por este motivo, apresentámos o literal significado do “Mergulho no Lixo” e as técnicas divulgadas pelos adeptos veteranos na intenção de precaver eventuais riscos e consequentemente os danos que eles possam causar na saúde dos adeptos.

Longe do pragmatismo que o fenómeno por si só apresenta, conseguimos legitimá-las através das preocupações que despertam para as autoridades competentes na vigilância e preservação da saúde pública e que não deixam de ser também preocupantes na saúde individual dos adeptos.

As preocupações das autoridades em saúde pública abrangem vários campos da saúde humana relacionados com a segurança alimentar que é controlada pela OMS, ASAE e INSA no caso português e também estão direta e indiretamente relacionadas com as questões da saúde quanto aos surtos de doenças que eventualmente possam atingir a comunidade e se expandir, principalmente no contexto dos desafios urbanos que a contemporaneidade aliada a globalidade enfrenta. E, quando nos referimos aos “desafios”, queremos lembrar que o freeganismo praticado na “obscuridade” torna-se ainda mais preocupante para estas autoridades.

Quando falamos sobre a vulnerabilidade dos adeptos do freeganismo queremos nos situar naqueles adeptos que mesmo tendo uma literacia alimentar satisfatória sobre o assunto não tomam algumas precauções no sentido de mitigar danos à sua saúde física e mental a curto ou longo prazo baseados em experiências próprias ou de outrem.

“Não há verdade psicológica que não seja particular, mas por outro lado não há arte que não seja geral. Todo o problema reside precisamente nisso – como expressar o geral através do particular – como fazer que o geral exprima o particular”.

André Gide

Capítulo 5.

SABERES FREEGANOS:

Técnicas de Aplicação e Recolha, Tratamento e Análise dos Dados

5.1. Técnicas de Aplicação, Recolha e Escolha do Método Adequado ao Tema

Cientes de que um tema difícil de ser abordado como este requer uma “certa sensibilidade” por parte do investigador e dos métodos e técnicas que ele opta por utilizar para a obtenção dos dados junto ao universo escolhido, procurámos ajustar o Método Qualitativo (objetivamente) e Quantitativo (subjetivamente) às técnicas mais utilizadas em Ciências Sociais. Embora esses métodos e técnicas consistam quase sempre nas entrevistas em profundidade ou nos questionários aplicados diretamente a um certo número de participantes a fim de obter alguma representatividade, no caso desta investigação exploratória procurámos ajustá-las através do questionário *on-line*, uma vez que não nos foi possível realizar as entrevistas desejadas. Conforme Guerra (2010), em estudos como este “não faz muito sentido falar de amostragem, pois não se procura uma representatividade estatística, mas sim uma representatividade social (Guerra, 2010, p. 40). Neste sentido, para extrair a mensagem contida nos discursos abertos dos inquiridos por via do questionário aplicado *on-line*, esta investigação procurou abranger o maior número de perguntas possíveis e pertinentes ao tema a fim de conseguirmos as respostas mais adequadas que pudessem equivaler as entrevistas em profundidade.

5.2. Combinação de Diversas Estratégias Metodológicas para Obtenção dos Dados

Devido as diversas implicações que o tema nos apresenta e buscando compreender através da relação implícita ou subconsciente que está nas respostas dos inquiridos objetivando uma validação por coerência interna na sua fundamentação, estamos cientes dos riscos que corremos em alguns momentos, por perguntas que não possam ser bem-sucedidas nas suas respostas, o que nos leva a acreditar que o estudo

poderá ser estendido para vários outros caminhos futuros da investigação científica colmatando estas lacunas. Assim, conjugando o método qualitativo objetivamente com o quantitativo subjetivamente, o que nos importa saber não é exatamente quantos responderam satisfatoriamente as questões colocadas, mas sim e sobretudo, como é que poderemos considerar tais respostas. Isto nos leva à uma outra questão analítica: a de que é necessária uma análise personalizada e pormenorizada do conteúdo de cada uma das respostas, conseguida neste caso, através de uma das técnicas sugeridas por Bardin (2004), como a utilização de uma grelha semântica.

5.3. Serendipidades Encontradas na Investigação

A aplicação do questionário *on-line* às Instituições de Ensino Superior Público e Privado Português para recolha da representatividade das opiniões sobre o tema, ocorreu após verificarmos que ao contrário do que era esperado na investigação, ou seja, de que conseguiríamos adeptos dispostos a nos fornecerem entrevistas pessoais mediante o anonimato, o mesmo não aconteceu. Diante de tal fato, a motivação para a investigação sobre o freeganismo em Portugal foi fomentada pela originalidade que o estudo nos oferecia e por outro lado, o fato de que o Grupo GAIA foi criado por estudantes universitários que conhecem e algumas vezes praticam o freeganismo, o que nos surpreendeu pelo fato deste grupo não ser mencionado pelos adeptos no questionário.

Estas informações, proporcionou-nos ainda uma nova linha de raciocínio para compreender como é que o freeganismo é percecionado por atores sociais no universo universitário português que não sejam considerados adeptos, o que corrobora uma das hipóteses deste estudo de que as informações acerca do freeganismo são escassas não só neste meio como também por uma boa parte da sociedade portuguesa, embora haja algumas notícias veiculadas sobre ele pelos média.

Por isso, consideramos que esta questão configurou para este estudo, como um caso de “Serendipidade”, onde segundo Costa *in* Merton (1985):

“Por vezes, a pesquisa empírica em sociologia tráz fatos inesperados que, pela sua importância e significado estratégico, são mesmo capazes de reorientar o sentido da investigação reformulação de hipóteses e teorias. A isto chamou de serendipidade» (serendipity). Num texto acerca da influência da pesquisa sociológica diz Merton que a «pesquisa empírica frutífera não somente comprova hipóteses teoricamente derivadas, como também dá origem a hipóteses novas. Isto pode ser chamado o elemento de 'serendipidade' da investigação, ou seja, a descoberta, por casualidade ou por sagacidade, de resultados válidos que não eram procurados». Especifica Merton que o padrão de serendipidade «se refere à experiência

bastante comum da observação dum dado imprevisto, anómalo e estratégico, que se transforma em causa para o desenvolvimento de nova teoria ou para a ampliação de uma teoria já existe e traz surpresas. Origina uma pressão sobre o investigador «para que dê outro rumo à pesquisa, a em duas fim de ampliar a teoria». Sendo este tipo de situação de pesquisa suficientemente importante para merecer uma designação própria.

Por esta razão concordamos com Merton, pois o fato de nos termos surpreendido com o número de inquiridos que desconheciam o tema, fez-nos alterar o rumo da investigação quanto ao tratamento e a análise dos dados obtidos e verificar a necessidade de classificar as respostas dos inquiridos em categorias de análise. Ou seja, os inquiridos adeptos do freeganismo que nos poderiam dar as respostas à nossa questão de partida sobre os riscos para a saúde causados pelo mergulho no lixo e pelo consumo dos produtos recolhidos e os respondentes espontâneos do questionário que não conheciam o tema total ou parcialmente. Esta segunda categoria, mesmo assim se interessaram em preencher o questionário até a última questão, inclusive realizando pesquisa na Internet para se inteirar sobre o tema, o que demonstra a pertinência e importância do estudo sobre o freeganismo em Portugal. Diante deste fato inusitado, a investigação revestiu-se de certezas dos campos que abre para futuras investigações ou continuação da mesma na procura de mais respostas sobre o fenómeno do freeganismo na sociedade portuguesa.

5.4. Controvérsia na Estrutura do Questionário

a) O Pré-teste: Foi na aplicação do pré-teste que verificámos que o questionário seria aplicável à nossa amostra escolhida e que respondia efetivamente aos objetivos do nosso estudo. Através do pré-teste foi possível também realizar uma primeira análise e detetar os erros de redação, de estrutura, de tempo de preenchimento, do método e principalmente da taxa de resposta; clarificando, desmultiplicando as questões, testando a sua formulação e a ordem das perguntas e melhorando os termos e as palavras, antes de o lançarmos *on-line*, de acordo com Ghiglione & Matalon (2005).

b) O Questionário Definitivo: O retorno à escrita da dissertação e melhoria do instrumento de recolha dos primeiros dados através desse pré-teste fomentou a estratégia de que as perguntas não deveriam ser feitas linearmente para que não influenciassem as respostas.

c) A Estrutura do Questionário: Utilizando como material de recolha de dados a entrevista não dirigida e não presencial, ou seja, o questionário de aplicação *on-line*, procurámos dentro do possível corresponder às teorias sobre a ordem das perguntas, mas tendo em conta que estas dependeram da notoriedade do tema e da sua penetração na vida dos inquiridos. Assim, estruturámos as perguntas da seguinte forma: **a)** utilizamos uma linguagem acessível para evitar a desmotivação do inquirido devido a duração do preenchimento que varia entre 30 a 40 minutos; **b)** evitámos algumas perguntas diretas por vezes demasiado intimistas que poderiam causar desconforto, embaraço ou constrangimento ao inquirido, **c)** inserimos perguntas do tipo introdutórias para dar ao inquirido a sensação de controlo sobre o assunto, **d)** tentámos evitar a utilização de conceitos abstratos de forma a que todos os que estivessem interessados percebessem do que se tratava com uma aproximação equilibrada em certas questões e evitando com isto a iliteracia entre os entrevistados, **e)** para conseguirmos respostas objetivas tentámos evitar inundar o inquirido com instruções, uma vez que um dos nossos objetivos era perceber entre outros aspetos, qual a representação que os indivíduos não adeptos têm sobre o freeganismo, **f)** para evitar generalizações e distorções de ambas as partes, quer por parte do inquirido, quer por parte do investigador, inserimos perguntas que embora pareçam redundantes, funcionam apenas como uma forma de confirmarmos a posição do inquirido e **g)** no sentido de deixarmos o inquirido mais à vontade para responder as questões abertas deixámos um espaço razoável para a escrita espontânea.

Quanto às respostas de carácter mais fechadas e muito específicas, procurámos manter uma boa relação com o inquirido aplicando questões mais relevantes para o nosso estudo, inserindo-as ao longo do questionário para que o inquirido não se retraísse ao falar sobre aspetos que para ele eram mais sensíveis e importantes (Stake, 2009). Há que se referir três aspetos importantes no questionário: **1)** a ausência estratégica da questão típica “é adepto ou conhece o freeganismo”, **2)** a obrigatoriedade na maioria das respostas, uma vez que aceitassem o preenchimento e **3)** o fato de que o inquirido tinha a liberdade de abandonar o preenchimento se assim o desejasse.

5.5. Caracterização e Divisão da Amostra

Tendo como intuito identificar por um lado a percepção que os atores sociais adeptos do freeganismo têm sobre eles próprios e sobre o ativismo e, por outro lado, identificar a percepção que o universo académico português tem sobre os pressupostos que envolvem o freeganismo e sobre os respectivos adeptos, foram utilizadas algumas estratégias para tratamento de dados junto dos atores sociais inscritos nos bancos de dados das Instituições do Ensino Superior Público e Privado do Território Português. Mediante as informações reunidas, pretendeu-se perceber se as hipóteses formuladas correspondem ou não às expectativas iniciais desta investigação. Entretanto, para se chegar aos resultados foi necessário separar e agrupar as informações por “dimensões”, para um melhor entendimento. Porém, devido a serendipidade encontrada na recolha, subdividimos estas dimensões em dois grupos, ou seja: as **Dimensões 1 e 2**, dar-nos-ão o **Contexto Sociodemográfico da Totalidade dos Inquiridos Respondentes** e a partir da **Dimensão 3**, teremos efetivamente o tratamento e as análises que respeitam somente aos indivíduos considerados “**Adeptos do Freeganismo**” e que também serão considerados através de “dimensões numéricas e temáticas.

Com o propósito de conhecer as principais características de todos os inquiridos que responderam ao questionário aplicado *on-line* no universo escolhido e investigar o alcance do tema acerca do freeganismo junto aos mesmos (adeptos ou não), disponibilizados nas bases de dados destas instituições, foi possível recolhermos 91 respostas válidas para o nosso estudo, uma vez que: **a)** sobre o dimensionamento da amostra não foi estipulado um número mínimo ou máximo de respostas, **b)** para a duração do período da pesquisa foram estipuladas quatro semanas, que corresponderam aos meses entre Julho e Agosto (período em que se ponderou uma maior disponibilidade dos atores sociais por ser um período considerado das férias escolares) e **c)** no universo para a recolha da amostra foram considerados todos os indivíduos registados nas bases de dados dos estabelecimentos de ensino superior onde o questionário contou com uma amostragem probabilística casual simples, já que cada elemento da população tinha igual oportunidade de ser incluído na amostra. Posto isto, dividimos o tratamento e a análise dos questionários por “dimensões temáticas” para que possam corresponder à linha de análise de conteúdo seguindo a proposta de Bardin (2004, p. 95), com a intenção de que estes dados nos «falem e validem» as respostas através de operações estatísticas simples (percentagens), as quais estão representadas através das Figuras, dos

Gráficos, das Tabelas e dos Quadros correspondentes a cada dimensão temática dando-nos as respostas que procurávamos. Assim, o Tratamento da Amostra sobre a totalidade dos questionários respondidos é o que se segue nas Dimensões 1 e 2 e a partir da Dimensão 3 iniciamos o processo de seleção entre os inquiridos para reconhecermos e analisarmos os que efetivamente são *freegans*.

5.6. Dimensão 1. Contexto Sociodemográfico da Totalidade dos Inquiridos

No âmbito desta investigação entendeu-se que conhecer o contexto pessoal dos inquiridos selecionados no universo académico português escolhido para a representação da amostra, proporciona dados para a elaboração de uma análise de conteúdo baseada nos princípios metodológicos de Bardin (2004) de onde pretendemos extrair dados que nos forneçam instrumentos adequados para atingir o objetivo desta investigação. Por esta razão, este conjunto de questões fazem parte da primeira dimensão de análise que caracteriza todos os respondentes do questionário. O Contexto Sociodemográfico é composto pelas Questões agrupadas no Quadro 5.1., cujas representações se farão através de gráficos identificados com o número da questão.

Quadro 5.1.: Contexto Sociodemográfico da Totalidade dos Inquiridos.

<p>Questões:</p> <p>Q.1. Nacionalidade</p> <p>Q.2. Género</p> <p>Q.3. Idade</p> <p>Q.4. Frequenta atualmente algum estabelecimento de ensino?</p> <p>Q.5. Qual o ano do ciclo de estudos ou curso que frequenta?</p> <p>Q.6. Qual o estabelecimento?</p> <p>Q.7. É estudante Erasmus?</p>	<p>Q.8. Se respondeu "Sim" à questão anterior, qual o país de origem?</p> <p>Q.9. Qual é a sua profissão?</p> <p>Q.10. Qual é a sua situação profissional.</p> <p>Q.11. Qual é o seu Estado Civil:</p> <p>Q.12. Qual a sua Freguesia e Município de residência?</p> <p>Q.13. Neste momento vive.</p>
--	--

Verificámos que referente à **Nacionalidade** dos inquiridos, (97%) são cidadãos portugueses e são predominantemente do **Género Feminino** (62%). Tem entre 20 e 24 anos de **Idade** (35%), conforme representados nos Gráficos 5.1., 5.2. e 5.3.

GRÁFICO 5.1:
Q.1.: Nacionalidade dos Inquiridos

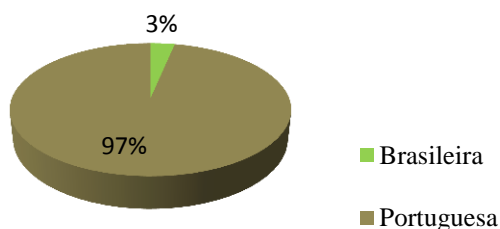


GRÁFICO 5.2:
Q.2.: Género dos Inquiridos

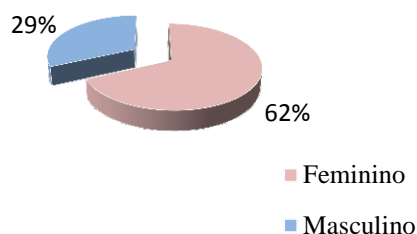
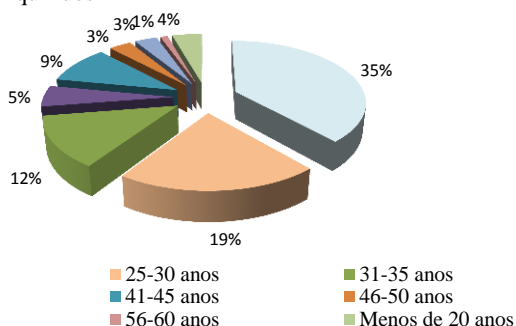


GRÁFICO 5.3:
Q.3.: Idade dos Inquiridos



Sobre a **Situação Académica** atual dos inquiridos, verifica-se que o maior índice (67%) ainda frequenta a Instituição de Ensino e são Estudantes com grau académico corresponde ao Mestrado (34%) sendo que a maior frequência das respostas provém da Instituição de Ensino Superior FCT-UNL (Faculdade de Ciências e Tecnologias de Universidade Nova de Lisboa) (18%), conforme os Gráficos 5.4., 5.5. e 5.6. e não são estudantes do Programa Erasmus.³⁵

Relativamente às Questões nº 7 e 8 observou-se que não há na amostra, Estudantes do Programa Erasmus e consequentemente não há indicação sobre o País de origem, não cabendo neste estudo qualquer análise sobre estas questões.

³⁵ **Nota:** as abreviaturas das Instituições de Ensino do Gráfico 5.6., estão na Lista de Abreviaturas.

GRÁFICO 5.4:

Q.4.: Frequenta atualmente algum Estabelecimento de Ensino?

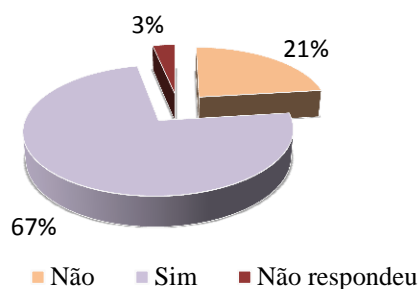


GRÁFICO 5.5:

Q.5.: Qual o ano do Ciclo de Estudos ou Curso que Frequenta?

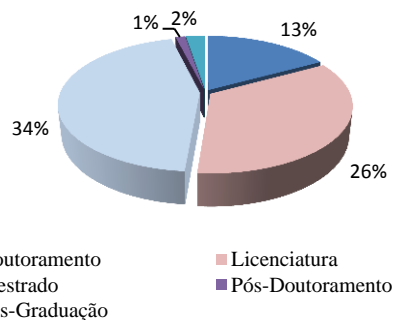
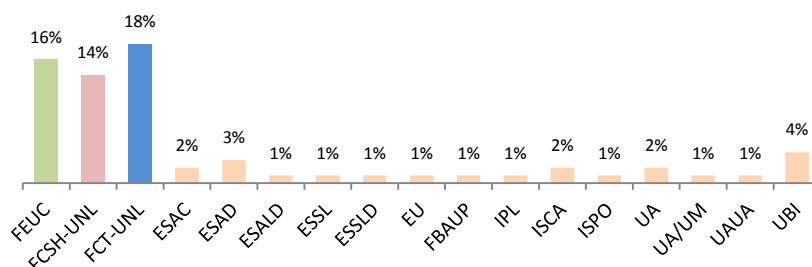


GRÁFICO 5.6:

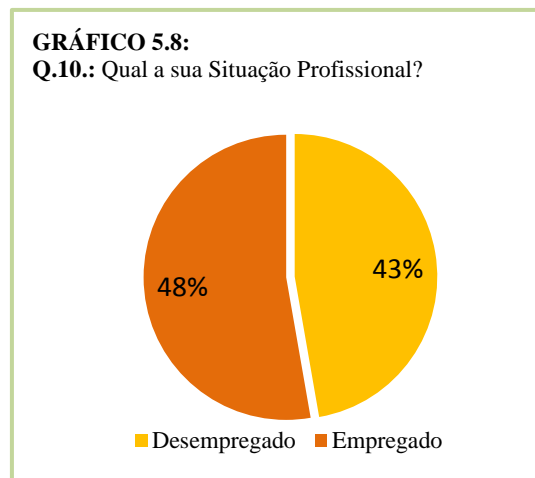
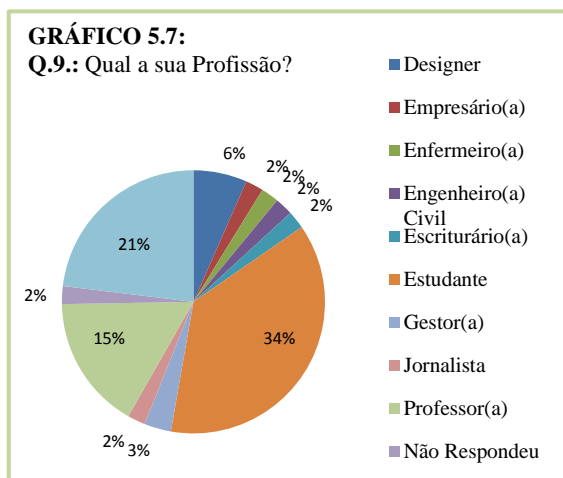
Q.6.: Qual o Estabelecimento?



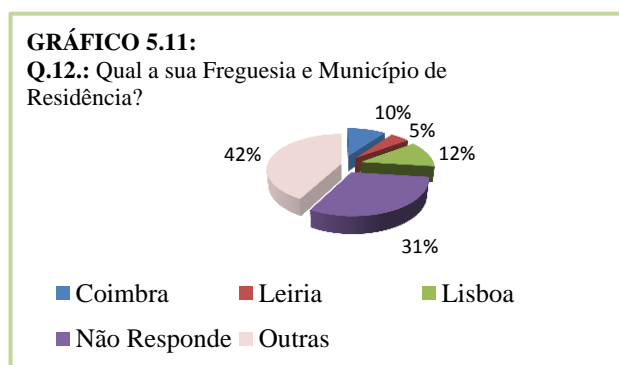
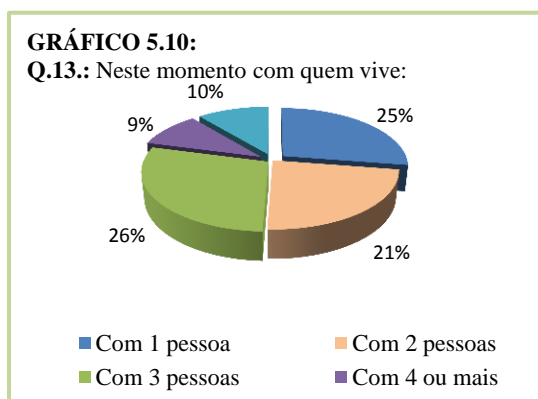
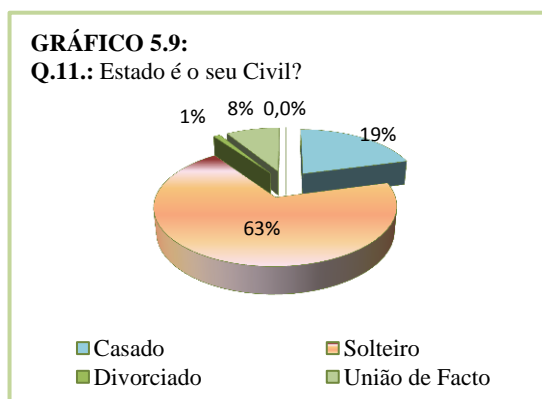
O **Contexto Profissional** do inquirido configura-se num dos elementos mais importantes para o desenvolvimento das análises sobre as motivações que levam os inquiridos a aderirem ao freeganismo. Através das informações coletadas busca-se um entendimento no comportamento da prática do mergulho no lixo em busca de alimentos e outros bens materiais conjugados ou não com a ideologia pressuposta pelo freeganismo e não com as necessidades de ordem financeira. Reflete também a motivação do adepto para a situação da regularidade na recolha. Compreender o contexto profissional do inquirido percebendo o seu envolvimento com a causa e conhecendo a sua situação familiar e a localização da habitação (uma vez que a revisão de literatura nos mostra que o freeganismo é um fenómeno com tendência urbana), são os principais objetivos deste conjunto de questões que representamos nesta dimensão.

Assim, referente a **Profissão** dos inquiridos observa-se que (34%) são Estudantes e (15%) são Professores. Os outros (21%) correspondem às diversas profissões com um elemento cada, segundo o Gráfico 5.7. Com relação à **Situação**

Profissional obtivemos um percentual de (48%) de inquiridos Empregados e (43%) de inquiridos Desempregados. Conforme o Gráfico 5.8.³⁶



Sobre o Contexto Familiar observa-se que os respondentes são sobretudo **Solteiros** (63%) e atualmente vivem com mais 3 pessoas (26%), as quais denominamos para este estudo de Agregados (familiares, amigos, etc.), residem na zona de Lisboa (12%). Estão representados nos Gráficos 5.9., 5.10. e 5.11.



³⁶ **Nota:** A rubrica “Outras” profissões dos inquiridos poderão ser encontradas na Base de Dados no Anexo do CD.

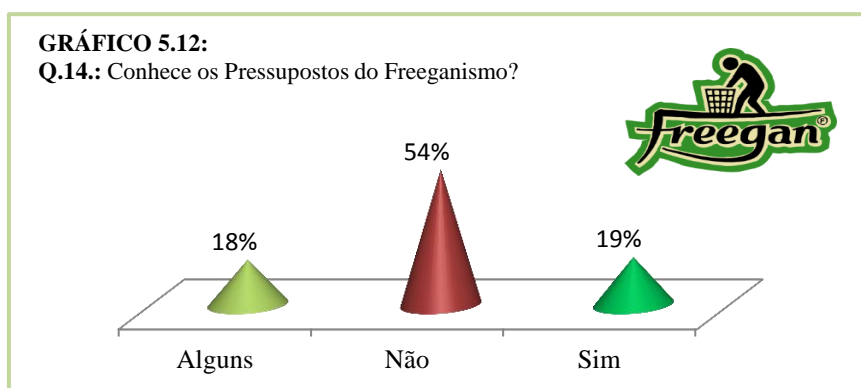
5.7. Dimensão 2: Conhecimento e Familiaridade dos Inquiridos com o Tema

Os dados recolhidos através do questionário, revelou-nos que o conhecimento dos inquiridos sobre o tema do freeganismo são bem variados e às vezes “confusos”, revelando que precisávamos “filtrar as informações e também os inquiridos”.

As 91 respostas às perguntas fechadas e semiabertas do questionário, permitiu-nos observar que algumas dessas respostas se enquadram no contexto do freeganismo e foram transcritas para as figuras, os gráficos, as tabelas e os quadros apresentados nesta análise, entretanto, ocultámos as respostas que não são relevantes para esta investigação.

³⁷.

Com isto, observámos que seria conveniente a classificação dos inquiridos em três variáveis: **a)** os inquiridos que conhecem mais de um pressuposto sobre o freeganismo: “**Sim**” (19%); **b)** os inquiridos que conhecem pelo menos um pressuposto sobre o freeganismo: “**Alguns**” (18%) e **c)** os inquiridos que desconhecem qualquer pressuposto sobre o freeganismo: “**Não**” (54%). Estas variáveis estão representadas através do Gráfico 5.12.



O Quadro 5.1. indica a resposta correspondente ao número do inquirido respondente da Questão nº 14.

³⁷**Nota:** As respostas que não se enquadram na investigação e que foram ocultadas poderão ser consultadas na base de dados original que segue em Anexo no CD como ficheiro do Excel gerado pelo Google Docs.

Quadro 5.1: Conhecimento dos Pressupostos do Freeganismo.

Q.14. Conhece os Pressupostos do Freeganismo?			
Nº do Inquirido	1 – 16 – 19 – 22 – 25 – 29 – 49 – 54 – 55 – 59 – 61 – 68 – 73 – 74 – 75 – 78 – 80 – 87. Total = 18	5 – 6 – 7 – 8 – 9 – 11 – 12 – 14 – 15 – 18 – 20 – 21 – 23 – 24 – 26 – 27 – 30 – 31 – 34 – 35 – 37 – 38 – 40 – 41 – 44 – 45 – 46 – 48 – 50 – 51 – 52 – 53 – 56 – 57 – 58 – 60 – 62 – 63 – 64 – 65 – 66 – 67 – 69 – 70 – 72 – 76 – 79 – 81 – 82 – 84 – 85 – 86 – 89 – 91. Total = 54	2 – 3 – 4 – 10 – 13 – 17 – 28 – 32 – 33 – 36 – 39 – 42 – 43 – 47 – 71 – 77 – 83 – 88 – 90. Total = 19
	ALGUNS	NÃO	SIM
Total Geral = 91			

Através das respostas das variáveis “**Alguns**” e “**Sim**”, os inquiridos puderam expor os seus conhecimentos sobre o tema. Foram solicitadas estrategicamente a seguir, na Questão nº 15, o “reforço” da mesma questão com o intuito de reconhecer os indivíduos que efetivamente são praticantes do freeganismo através da Grelha Semântica Textual, uma vez que não está explícita no questionário uma questão que os identifiquem logo a partida. Esta estratégia nos possibilitou subdividir as respostas em algumas categorias: **a)** os inquiridos que conhecem o freeganismo mas não são adeptos; **b)** os inquiridos que desconhecem o freeganismo totalmente; **c)** os inquiridos que são *freegans* sem conhecerem todos os pressupostos; **d)** os inquiridos que praticam o freeganismo parcialmente e **e)** finalmente os inquiridos que efetivamente se consideram adeptos do freeganismo, incluindo a prática do mergulho no lixo para consumo alimentar. Vale lembrar que o estudo que ora se apresenta é de caráter exploratório e portanto, abre vários campos para investigações futuras. Portanto, centrar-nos-emos aqui nas nossas questões de partida.

Após a caracterização geral da amostra através da Dimensão 1, deparamo-nos com outra questão: como selecionar os adeptos efetivos daqueles que conhecem alguns dos pressupostos mas que não são adeptos e os que desconhecem qualquer pressuposto do freeganismo? A Dimensão 2 que contém as Questões nº 14, 15 e 16 é essencial nesta seleção onde consideramos dois eixos de análise: 1) **Respondentes Adeptos do Freeganismo** efetivamente e 2) **Respondentes que Desconhecem o Tema** acerca do Freeganismo. Cabe-nos esclarecer que o fato do inquirido ter respondido que conhece

algum pressuposto não implica que seja considerado adepto, pois esta conclusão só poderá ser considerada após a análise em conjunto com as outras respostas do inquirido.

Assim, foi possível realizar esta análise porque a partir da Questão nº 14 onde utilizamos uma “estrutura estratégica” tanto na formulação das perguntas, quanto na sua localização através de questões mais abertas. Esta estratégia visava dois objetivos: o **primeiro** objetivo era o de identificarmos através da análise de conteúdo das respostas os inquiridos que correspondem efetivamente aos pressupostos do freeganismo.

E para isto utilizamos uma Grelha Semântica Simples, conforme apresentada no Quadro 5.2. (**Apêndice 6** – Grelha Semântica), o **segundo** objetivo era analisar qual a percepção que o universo escolhido tem acerca o tema do freeganismo, o que também foi possível através da mesma grelha semântica.

A Grelha Semântica como já o dissemos especifica o critério para a Análise de Conteúdo Textual das citações de acordo com o número das ocorrências e a coerência encontradas nas respostas de cada inquirido após exaustiva análise. E tem o objectivo de demonstrar a significância que a pergunta importa, bem como o número de vezes que cada variável é citada, segundo Lopes & Rio-Torto (2007).

As citações mais relevantes que foram submetidas à análise textual e que nos permitiram esta seleção estão reproduzidas no Quadro 5.3. (**Apêndice 7** – Questão nº 15 – Análise de Conteúdo Textual para a Identificação e Seleção dos Adeptos) que se apresenta de acordo com os critérios estipulados na Grelha Semântica de Análise Textual. De acordo com o Quadro 5.3., apenas 2 inquiridos podem ser considerados adeptos e inseridos naqueles que efetivamente confirmam serem “*freegans*” através do conjunto das outras questões. Os outros 12, apenas conhecem o tema mas não são adeptos.

5.8. Seleção dos Inquiridos Considerados Adeptos do Freeganismo

Após a devida identificação dos inquiridos que se enquadram nos pressupostos do freeganismo e que foram classificados como adeptos efetivamente, procedemos a análise das respostas que incidem sobre as questões de partida formuladas inicialmente.

Assim, apresenta-se na Figura 5.1., os inquiridos seleccionados para esta análise e que correspondem aos números: 01, 02, 03, 04, 25, 54, 61 e 74, num total de 8.

Figura 5.1: Inquiridos seleccionados e considerados Adeptos do Freeganismo.



5.9. Dimensão 3: Regularidade da Prática Freegana

Entende-se neste estudo como “regularidade da prática freegana” as vezes que o indivíduo considerado adepto, identificado através da Questão nº 16 do questionário, emprega o recurso ao mergulho no lixo (independentemente do tipo de produto que recolhe), articulado com as razões que o levam à esta regularidade conforme perguntado na Questão nº 17 do questionário (Quadro 5.4). Porém, numa situação de resposta aberta, o que se conseguiu foi aproximar metodicamente as respostas dadas pelos inquiridos através das técnicas de exaustão empregadas na análise em cada citação. Verificamos que este item é um dos que mais variáveis pode-se criar e das quais mais respostas foram obtidas. Conforme apresentado no Quadro 5.4. (**Apêndice 8** – Questões nº 16 e 17) reforça-se a ideia de que a partir desta Dimensão 3, só foram analisadas as respostas dos inquiridos adeptos do freeganismo, independentemente da regularidade da prática.

Da análise dos conteúdos verificados nas respostas dos inquiridos relativamente às Questões nº 16 e 17, podemos verificar que: **a)** os inquiridos que praticam Ocasionalmente o “mergulho no lixo” são 5, contudo, os produtos da recolha nem sempre são alimentos, **b)** os que praticam o “mergulho no lixo” e incluem os alimentos na recolha com maior frequência são 2 e **c)** os que praticam o mergulho durante um período do ano, consta apenas 1. Entretanto, reconhecemos que para um melhor resultado sobre a regularidade da prática do mergulho no lixo na aquisição de alimentos, o ideal seria realizarmos entrevistas em profundidade com os adeptos, o que para este

estudo foi impossível concretizar pelos motivos que explicámos anteriormente no capítulo da metodologia, mas que poderá ser respondido por outras investigações.

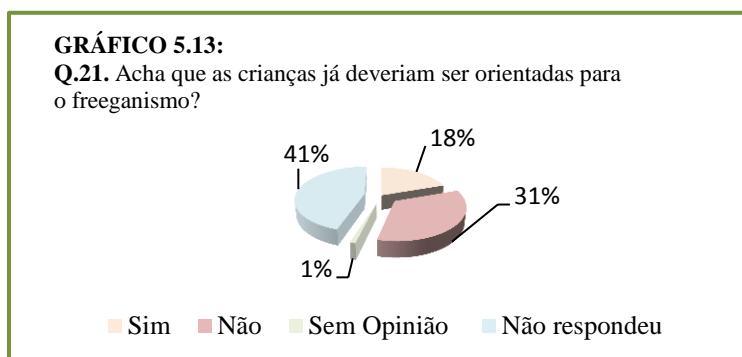
5.10. Dimensão 4: Motivação para a Adesão ao Freeganismo

Com relação às Questões nº 18, 19 e 20, observamos que os adeptos discursam sobre a sua adesão ao freeganismo pelas perguntas clássicas: “como, quando e porquê”, por isto entendemos que as respostas deveriam ser do tipo abertas em substituição às entrevistas em profundidade, para podermos obter um melhor resultado na análise destas razões. Observámos também que o fato de colocarmos algumas informações nas perguntas causaram de certa forma uma maior abertura para as respostas dos inquiridos, estas informações foram conduzidas com a preocupação constante de evitar a subordinação aos inquiridos que caracterizam os métodos quantitativos e com a intenção de evocarmos através deste método a memória dos inquiridos nas respostas, conforme Kaufmann (2003). É interessante observar que na Questão nº 18, as respostas sobre como os inquiridos se tornaram *freegans* divergem umas das outras, mas essencialmente alegam que o desperdício e a consciência ecológica estão nas suas bases de decisões. Observa-se também que a faixa etária dos 20 anos de idade está no maior número de respostas quando perguntado no Questão nº 19, o que nos leva a acreditar que coincide com a fase dos estudos académicos que como já o dissemos acreditámos ser o período e universo de maior circulação de informações. E também pode estar no fato de que nesta faixa etária há uma maior autonomia de vida. O Quadro 5.5. (**Apêndice 9 – Motivações dos Adeptos para a Adesão ao Freeganismo**) nos demonstra ainda os motivos dos adeptos para terem aderido a este modo de vida através das respostas à Questão nº 20.

5.11. Dimensão 5: Informação e Partilha da Recolha

A Questão nº 21 coloca-nos diante de uma outra problemática baseada nos vídeos e nas imagens que encontrámos na Internet sobre o freeganismo. É que entre os adeptos adultos algumas vezes vimos também crianças a praticarem o “mergulho no lixo” ou a consumirem os produtos de recolha dos adultos, achávamos por bem “sondar” – ainda que superficialmente – a percepção que os inquiridos (considerando o universo total) tem quanto as orientações do freeganismo para as crianças, e vimos que (31%) dos inquiridos não concordam com a orientação da prática freegana às crianças, sendo que (18%) dos inquiridos são a favor de que se ensine ou instrua as crianças para

a prática do freeganismo, conforme Gráfico 5.13. Entretanto, tanto os adeptos como os não adeptos concordam que as crianças devem ser orientadas para a preservação e sustentabilidade do planeta.



Na análise sobre as Questões nº 22, 23 e 24, desta mesma Dimensão 5, quisemos perceber se adeptos têm mais alguém na família que também é *freegan*, porque entendemos que a sensibilidade do tema poderia envolver o “tabu” também dentro da própria família do adepto. Assim, percebemos que dos 8 inquiridos classificados como adeptos, 6 responderam que “Sim”, ou seja, que há mais alguém na família que também é adepto ou pelo menos partilha das mesmas crenças sobre o freeganismo, o que nos leva novamente para a questão da viabilidade em realizar um estudo através de entrevistas aprofundadas com estes adeptos. Indicámo-los através do Quadro 5.6.

Quadro 5.6.: Outros Adeptos na Família.

Q. 22. Mais alguém da sua família é adepto?	
Resposta	Número do Inquirido
Não	54 e 74
Sim	01, 02, 03, 04, 25, 61

Sobre a Questão nº 23 que consiste em saber se os adeptos que efetivamente praticam o mergulho no lixo para fins alimentares dividem os produtos da sua recolha com outras pessoas que não são adeptas, vimos que quase todos eles responderam que partilham as suas recolhas com os amigos, familiares, associações para carenciados ou com quem lhes pedirem comida, sendo que apenas 1 respondeu “não”. Estas respostas articulam-se com as teorias sobre a “ética” e sobre a questão da “solidariedade”, conforme já o dissemos neste estudo no Capítulo 2 e que representámos no Quadro 5.7. mas também nos faz refletir que se estas pessoas com quem o adepto partilha o que

recolhe através da prática sabem a sua origem, podem também ser de certa forma considerados como adeptos. Esta é outra discussão que poderá levar a outros estudos.

Quadro 5.7.: Partilha da Recolha com Outros.

Q.23. Há situações em que pode partilhar a sua comida com outras pessoas não adeptas dos mesmos hábitos?	
Inquirido “Não”	IN61: S/R.
Inquirido “Sim”	IN01: Sim, qualquer pessoa com quem partilhe a refeição.
	IN02: Sim.
	IN03: Sim, com que pessoas que nos vem visitar e para quem cozinhamos, dizendo que a alface que estão a comer vem de um viveiro que a deitou fora quando era pequenina, e nós salvámos as plantas trazendo-as para o nosso terreno (ocupado) para as colocar na terra a crescer, tornando-se alfaces viçosas.
	IN04: Sim, constantemente. Amigos, família, ou quem quer que se cruze na minha vida.
	IN25: Sim, com amigos e alguns familiares.
	IN54: Sim, familiares e amigos.
	IN74: Sim. Se for o caso de doar bens alimentares a associações que necessitam ou a pessoas que procuram ajuda alimentar por outros meios.
Total Geral = 08	

Sobre a Questão nº 24, com exceção de um inquirido que não respondeu, todos os inquiridos responderam que informam as pessoas com quem partilham os produtos da recolha sobre a forma como os obtiveram. As respostas estão representadas no Quadro 5.8.

Quadro 5.8.: Informação sobre a Recolha na Partilha.

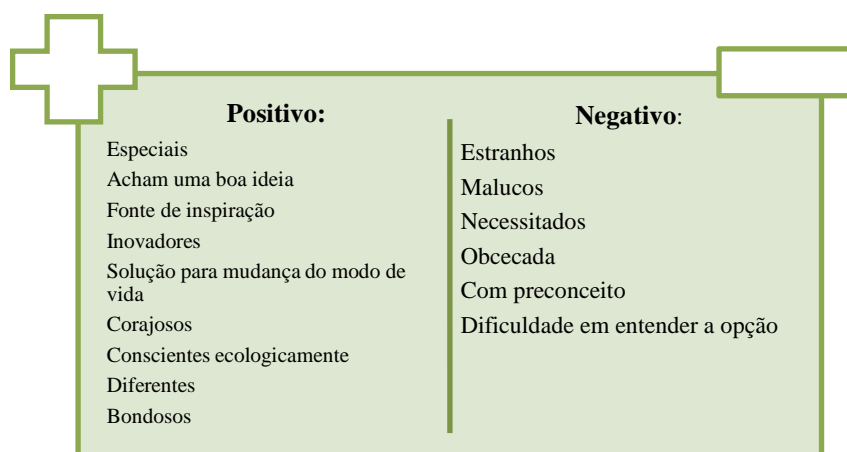
Q. 24. Essas pessoas com quem eventualmente partilha os meios alimentares são informadas sobre a forma como os obtiveram?	
Resposta	Número do Inquirido
Não/Não respondeu	61
Sim	01, 02, 03, 04, 25, 54 e 74

5.12. Dimensão 6: Avaliação de Si Próprio e pelos Outros

Referente a percepção que os inquiridos adeptos do freeganismo tem sobre a avaliação que as pessoas não adeptas fazem da sua opção (pessoas conhecidas, alguns

moradores da zona e até de amigos e familiares), conforme a Questão nº 25 variam de acordo com a importância relativa que cada um atribui a essas opiniões, assim, classificámos em dois tipos as respostas obtidas. Sendo uma “Positiva”, ou seja, a noção de que alguns atores sociais os percebem positivamente no domínio de suas práticas freeganas e “Negativa”, como alguns atores sociais os percebem pelo lado negativo da prática freegana. Apresentámos na Figura 5.2, as representações de como os adeptos percebem que os atores sociais não adeptos os avaliam.

Figura 5.2: Percepção dos Adeptos quanto à Forma de Avaliação dos Não Adeptos.



5.13. Dimensão 7: Desistência do Freeganismo

Analisar a Questão nº 27 não implica necessariamente que tenhamos que relacioná-la com os inquiridos considerados adeptos do freeganismo uma vez que a pergunta não recai sobre os adeptos, mas sim sobre qualquer dos inquiridos que conheça o tema ou que conheça algum praticante do freeganismo, portanto, o que obtivemos foram duas respostas, sendo que uma pareceu-nos mais relevante para os nossos objetivos neste estudo. Na Figura 5.3 transcrevemos na íntegra as respostas obtidas.

Figura 5.3: Desistentes do Freeganismo.

Q. 27. Conhece alguém que já tenha desistido deste estilo de vida?

IN25: “Alguns amigos”.

IN34: “Sim, vários amigos que começaram e não fizeram um plano alimentar então ficaram doentes e tiveram que parar”.

5.14. Dimensão 8: Qualidade do Alimento Recolhido

A análise das próximas três questões (nº 28, 29 e 30) são essências neste estudo para validar as nossas questões de partida sobre os riscos relacionados com a saúde através da alimentação freegana. Saber sobre o tipo de comida que consomem (Questão nº 28), qual o melhor local para se realizar a prática do mergulho (Questão nº 29) e a qualidade dos alimentos que recolhem e consomem (Questão nº 30) é de vital importância nesta análise. Através das respostas obtidas no Quadro 5.9. (**Apêndice 10, Qualidade dos Alimentos da Recolha através do Mergulho no Lixo**), podemos concluir que segundo os adeptos do freeganismo, a comida recolhida no “mergulho no lixo”, é em geral qualificada como de boa qualidade. Confirmando as pesquisas que fizemos através da revisão da literatura, os locais que os *freegans* de Portugal afirmam que recolhem os produtos que consomem não divergem muito dos *freegans* de outros países. Ou seja, os supermercados e hipermercados, os cafés e restaurantes ainda são as suas maiores e melhores fontes de recolha, mas também há os *freegans* que conseguem os produtos diretamente dos produtores ou também os produzem, daí serem considerados “coletores e produtores”. Quanto ao tipo de produtos alimentícios que recolhem, procuram evitar os que contém componentes de origem animal. Assim, temos detalhado no Quadro 5.9., o resultado das respostas dos adeptos.

No que diz respeito aos cuidados que os adeptos procuram ter quando vão vasculhar as lixeiras, quando perguntamos-lhes na Questão nº 31, observamos que de um modo geral procuram selecionar os produtos através da Análise Sensorial (Capítulo 4 deste estudo), separando os alimentos mais inócuos e servindo-se da Literacia Alimentar, teorizada também no neste capítulo 4 sobre a validade dos produtos, as condições das embalagens e os ingredientes utilizados. Observa-se também a preocupação com a utilização de materiais próprios para remexerem as lixeiras, ao usarem luvas e verificarem a possibilidade de haver indício de pesticidas. Notamos também que há uma certa preocupação em recolherem somente produtos que segundo eles, ainda estão em condições de uso, conforme apresentamos no Quadro 5.10., e como já o expusemos no Capítulo 4 deste estudo nos vários tópicos sobre o mergulho no lixo e as precauções dos adeptos.

Quadro 5.10.: Tipo de Cuidado que o Adepto tem no Mergulho no Lixo.

Nº INQ.	Q. 31 – Que tipo de (outros) cuidados costuma ter consigo na recolha?
1	Contágio, embalagens rasgadas, condição dos produtos.
2	Cuidados de higiene.
3	Ter uma mente crítica para escolher onde ir buscar comida é fundamental. Não recolho nada que seja podre ou de produção industrial, ou possa estar contaminado ou fazer mal à saúde.
4	Não levar tudo, deixar sempre comida se há possibilidade de que outra pessoa vá passar nesse sítio. Partilhar o que encontro se outra pessoa vier ao mesmo tempo. Ter espírito de partilha e não de competição. Deixar tudo como estava, muitas vezes melhor. Depois procuro partilhar o que levo comigo com mais pessoas.
25	Ir devidamente equipada com luvas.
54	Luvas.
61	Condição dos alimentos.
74	Não me recordo, talvez se estão contaminados com pesticidas.
Total Geral = 08	

5.15. Dimensão 9: (In) Segurança Alimentar

Observa-se que há um equilíbrio relativo às respostas das Questões nº 32, 33 e 34 sobre o assunto que envolve a segurança alimentar dos adeptos do freeganismo. Os adeptos que responderam que nunca se sentiram mal por consumirem alimentos adquiridos através desta prática foram 5. Embora 1 adepto tenha respondido “Não” à questão anterior, o mesmo diz que resolveu a situação indo ao médico e 2 responderam que já se sentiram mal ao consumir tais alimentos. Com relação à alteração sobre a sua saúde com a adoção deste modo de vida, apenas 3 responderam que “Sim”, embora não tenhamos solicitado no inquérito que especificassem sobre esta alteração, ajuizámos que seja de forma positiva, uma vez que o inquirido ainda é adepto, contudo tais questões podem ser explicadas pelas teorias expostas no Capítulo 4 deste estudo.

Analisando ainda as respostas que incidem sobre a segurança alimentar dos alimentos descartados e que posteriormente os coletam para consumo, 6 adeptos responderam que concordam com as normas e regras de segurança aplicadas pelas autoridades e destacam a ASAE como reguladora desses controlos, principalmente sobre os produtos perecíveis. Apenas 2 adeptos, discordam da aplicação de leis. Assim, apresentamos os Quadros 5.11. e 5.12. respectivamente que correspondem a estas respostas, as posições e perceções dos adeptos sobre as entidades reguladoras no país.

Quadro 5.11.: Percepção dos Adeptos sobre a Segurança Alimentar.

Nº INQ.	Q. 32. Já consumiu algo estragado que lhe tenha feito sentir-se mal?	Q. 33. Como resolveu essa situação?	Q. 34. Pode dizer se sente que o freeganismo alterou o seu estado de saúde?
1	Sim, mas não mais vezes do que por comida não freegana.	O meu corpo sente-se mal por algum tempo (diarreias) e depois passa.	Não.
2	Não.	Fui ao médico.	Sim.
3	Não, a resposta do porquê está acima.	Não respondeu.	Não.
4	Não. Temos boca e nariz e olhos para verificar a qualidade de um alimento.	Não respondeu.	Não.
25	Sim.	Não respondeu.	Não.
54	Não.	Não respondeu.	Sim.
61	Não.	Não respondeu.	Não.
74	Não.	Não respondeu.	Sim.
Total Geral = 08			

Quadro 5.12.: Percepção dos Adeptos sobre as Normas e Regras de Segurança Alimentar Legais.

<p>Q. 35. Concorda com a existência de normas ou regras de saúde aplicadas aos alimentos que se vendem?</p> <p>Q. 36. É capaz de referir algumas dessas normas ou regras que se apliquem aos alimentos à venda?</p> <p>Q. 37. De que tipo de alimentos se lembrou na resposta anterior?</p> <p>Legenda: IN = nº do inquirido Texto após / = resposta à questão nº 36. Nº negrito = resposta a questão nº 37.</p>	IN1: Sim./ Datas de validade./ Não respondeu.
	IN2: Não./ ASAE / Leite.
	IN3: Não./ As normas são para apoiar uma indústria alimentar que nada tem a ver com a produção de comida artesanal ou de pequenos produtores. Por exemplo a ASAE promove a indústria do plástico e um excesso de embalagens de plástico que só servem para aumentar a poluição do planeta e a contaminação de micropartículas de plástico na nossa saúde./ Não respondeu.
	IN4: Sim./ Bom senso. São as pessoas que utilizam cada estabelecimento e o conjunto dos seus trabalhadores que devem decidir em conjunto as normas que acham convenientes. Não é preciso que sejam grandes instituições a defini-las, nem os patrões. Mais importante seria normas que criminalizem os patrões responsáveis por tamanho desperdício, que impedem os seus funcionários de levar comida para casa, que escondem e trancam contentores, que deitam produtos especificamente para tornar incomedíveis aquilo que deitam fora./ Todos.
	IN25: Sim./ Prazos de validade./ Não respondeu.
	IN54: Sim./ Visibilidade do preço, unidade e/ou por quilo. Higiene./ Frescos (vegetais, fruta, lacticínios).
	IN61: Sim./ Duração dos conservantes ou condições de refrigeração. Maturação dos alimentos./ Fruta, vegetais, fast food embalada.
	IN74: Sim./ Não./ Não respondeu.
Total Geral = 08	

5.16. Dimensão 10: Freeganismo e Sociedade

Quisemos saber qual é a perceção que os adeptos têm com relação as reações que a sociedade expressa acerca do freeganismo e de que forma estas reações são sentidas por eles. Assim, vimos que 7 dos adeptos alegam que os outros atores sociais não adeptos os vêem com estranheza e repulsa devido a falta de informação sobre a ideologia. Apenas 1 adepto alega que não sente pessoalmente tais reações, conforme respostas apresentadas no Quadro 5.13.

Quadro 5.13.: Freeganismo versus Sociedade.

<p>Q. 38. De uma forma geral como pensa que a sociedade reage ao freeganismo?</p> <p>Q. 39. A nível pessoal já sentiu algumas dessas reações que acabou de referir?</p> <p>Legenda: IN = nº do inquirido Texto após / = resposta à questão nº 38. Nº negrito = resposta a questão nº 39.</p>	IN1: Vê duma forma estranha, uma sociedade formatada para avaliar o sucesso com a sua capacidade de consumo através do dinheiro e formatada para a hiper higienização das coisas fora do contato natural, vê com nojo e despeito esta filosofia. Sim.
	IN2: Bem. Não.
	IN3: Em geral penso que há uma desinformação muito grande na sociedade em relação ao freeganismo, principalmente porque as pessoas acham que tem a ver com pessoas que vivem de apanhar comida e lixo nos caixotes de lixo, quando é muito além disso, sendo que muitos <i>freegans</i> como eu nem sequer apanham restos de comida nos caixotes do lixo, mas vivem na íntegra o freeganismo como alternativa de vida ética, consciente, criativa e ecológica. Uma outra parte da resposta está na pergunta 25. Sim.
	IN4: Na maioria, com as mesmas palas nos olhos com que paga na caixa do supermercado, sem tomar consciência de tudo o que esse gesto envolve. Repetem-se lugares comuns cheios vindos de grande falta de informação. Sim.
	IN25: Bastante mal. Há um certo cepticismo. Sim.
	IN54: Com pré-conceitos de higiene e de comercialização. Com repulsa, pelo hábito de consumo comercial. Com surpresa e alguma compreensão. Sim.
	IN61: Vê de uma forma negativa pois são associadas às pessoas que andam no lixo a recolher bens para vender. Sim.
	IN74: Penso que numa primeira fase deverá reagir com desconforto, pois é uma novidade no mundo de consumo. Mas essa reacção será gradualmente inversa, de aceitação. Sim.
Total Geral = 08	

5.17. Dimensão 11: Afetividade pelo Freeganismo

Através da análise de conteúdo realizada nos discursos dos atores sociais foi possível perceber qual o tipo de sentimentos que os adeptos têm sobre si próprio com relação à prática do freeganismo e percebemos que de um modo geral, os adeptos não desenvolvem nenhum sentimento de afetividade ou apego à ideologia e também não reconhecem os mesmos sentimentos em outros atores sociais não adeptos relativamente à eles, isto nos faz refletir na importância ou na insignificância de tais juízos que a sociedade portuguesa possa ter sobre o freeganismo praticado no país e que talvez esteja

na causa do desconhecimento do ativismo pela maior parte da população. Conforme Quadro 5.14.

Quadro 5.14.: Freeganismo e Afetividade.

<p>Q. 40. Qual o tipo de sentimentos (orgulho, vaidade, outros) devem acompanhar um freegan?</p>	<p>IN1: Não sou ninguém para dizer que sentimentos devem ter./Já não o sou, mas ainda faço mergulho ao lixo e consumo ocasionalmente (atenção freeganismo não é apenas mergulho ao lixo); sinto estranheza dos outros tal como quando digo que sou vegano ou outras coisas que fogem da norma./ Qualquer pessoa.</p>
<p>Q. 41. Que sente ao ser reconhecido como freegan?</p>	<p>IN2: Outros./ Orgulho./ As pessoas.</p>
<p>Q. 42. Quem o reconhece que o faz sentir-se assim?</p>	<p>IN3: Não creio que esses sentimentos façam sentido nenhum. O que existe é um abrir da visão para o modo de funcionamento dos sistemas sociais, económicos e ecológicos, um desenvolver da criatividade, um espírito empreendedor e experimentador. Quando muito o sentimento é de partilha, respeito, clareza, curiosidade e no princípio do processo de se tornar freegan sentir revolta por a sociedade viver de forma tão cega, cáustica e destrutiva./ Sinto-me bem, estou a viver a vida que faz sentido viver, a reduzir a minha pegada ecológica, a experimentar mais, a aprender todos os dias e a partilhar a vida e o que sei livremente com varias pessoas./Não percebi a pergunta.</p>
<p>Legenda: IN = nº do inquirido Texto após / = resposta à questão nº 40. Texto após / = resposta à questão nº 41 (próxima). Nº negrito = resposta a questão nº 42.</p>	<p>IN4: Não percebo esta pergunta. "Os <i>freegans</i>", não são nenhuma comunidade ou grupo identitário. Percebo que precisamos de palavras para falar das coisas, mas era bom evitar as caixas e etiquetas onde enfiar tudo, como fazem os media constantemente. "<i>freegans</i>" são pessoas muito diferentes que optaram por alguns gestos em comum. Cada pessoa é como cada qual. O fato de "ser freegan" não se me acompanha de nenhum sentimento particular, gestos que já foram novidade tornam-se hábitos, rotinas, faço o que faço com toda a naturalidade./ Nada de especial./ Não percebo.</p>
	<p>IN25: Orgulho, ecologia./ Orgulho./ Eu própria.</p>
	<p>IN54: Humildade, liberdade, afirmação pessoal, respeito, comunhão./ Ver resposta anterior./ Familiares próximos e amigos.</p>
	<p>IN61: Sentido de liberdade e de bem-estar./ <i>Outsider</i>./ Conhecidos.</p>
	<p>IN74: Felicidade, complementaridade./ Nada de especial. Não é por reconhecimento./ Não existe ninguém.</p>
<p>Total Geral = 08</p>	

5.18. Dimensão 12: O Freeganismo Lá Fora

De acordo com as leituras realizadas sobre o freeganismo podemos perceber a diferença na divulgação que é feita fora de Portugal e a que é “não” é feita em território português, por isso pensámos que é importante percebermos o nível de conhecimento que os adeptos têm sobre o freeganismo praticado em outros países e assim vimos que, 5 adeptos conhecem o freeganismo praticado fora de Portugal, com incidência para os Estados Unidos da América. Apenas 1 adepto acha que em Portugal deveria haver algum tipo de manifestação freegana e confirmando uma das hipóteses desta investigação, todos os adeptos concordam que em Portugal o freeganismo não é suficientemente conhecido e que é confundido com as mesmas práticas realizadas por outros atores sociais em outros contextos. Há que se mencionar que no decorrer deste estudo, recebemos algumas solicitações de informações acerca do freeganismo por parte

da comunicação social, através do endereço eletrónico criado para o efeito, entretanto, por questões do direito ao anonimato não os poderemos acrescentar neste estudo. Conforme o Quadro 5.15, os inquiridos puderam expor as suas noções de como o freeganismo é percecionado em Portugal e em outros países onde já ouviram falar sobre o tema ou ainda já o vivenciaram.

Quadro 5.15.: Freeganismo Lá Fora e Cá Dentro.


Nº IN Q	Q. 43. Conhece o freeganismo praticado em outros países?	Q. 44. Pensa que o freeganismo é suficientemente conhecido em Portugal?	Q. 45. Acha que deveria haver em Portugal algum tipo de manifestação freegan?
1	Sim, Estados Unidos.	Sim, não como uma prática por escolha, mas pela pobreza existente.	Não tenho opinião.
2	Não.	Não.	Não.
3	Sim, por toda a Europa que visitei e vivi e também na África ocidental onde também visitei (apesar de ser mais por auto-suficiência sem tanta consciência global e política).	Não. Como disse antes, quanto muito a noção das pessoas que já ouviram falar é incorrecta ao ponto de acharem que é apanhar comida do lixo... e isso é muito insuficiente e incorrecto.	Não tenho opinião.
4	Há vários anos que estou em viagem permanente e tenho os mesmos hábitos em toda a Europa, e na América Latina. Quanto mais o exagero no desperdício e maior o número de pessoas conscientes, quanto maiores os meios anticapitalista, autónomos, anarquistas, mais <i>freegans</i> há e mais comida é recuperada. Maior número de eventos como cantinas populares e <i>food not bombs</i> .	Os problemas deste sistema económico e as resistências contra ele e as alternativas são pouco conhecidos em geral. O freeganismo está lá no meio, Portugal também.	Não.
25	Não.	Não.	Sim.
54	Muito mal.	Não, de todo; grandes partes dos <i>freegans</i> agem isolados e em grandes cidades.	Não.
61	Sim, Inglaterra.	Não, muito pouca gente sabe o que é ser Vegan, quanto mais freegan.	Não tenho opinião.
74	Sim. Estados Unidos América	Não. Não é reconhecido pelo termo apesar de existir muitas pessoas a praticar, sobretudo as com piores situações financeiras.	Não.
Total Geral = 08			

5.19. Dimensão 13: Mudança de Estilo de Vida

Como vimos durante esta investigação optar pelo freeganismo implica uma mudança radical ao modo de vida convencional dos adeptos. Porém, percebemos que de um modo geral, de acordo com as respostas obtidas, essa mudança trouxe uma melhor

qualidade de vida para os adeptos de acordo com este conceito que implica basicamente na percepção de que suas necessidades estão sendo satisfeitas ou ainda, nas oportunidades que o freeganismo lhes proporciona de alcançar a felicidade e a auto-realização, com independência de seu estado de saúde físico ou das condições sociais e económicas. Conforme representado no Quadro 5.16.

Quadro 5.16.: Mudança de Estilo de Vida.


Nº INQ.	Q. 46. O que mudou na sua vida com a adoção do freeganismo? 
1	Tomei consciência de muita coisa.
2	Tudo.
3	Estou saudável e feliz e tenho uma vida dinâmica e criativa, de aprendizagem profunda todos os dias.
4	Usar menos dinheiro significa mais liberdade. Preciso de menos dinheiro para fazer as mesmas ou mais coisas que antes. Consequentemente, talvez mais importante – preciso de trabalhar menos, sacrificando a minha vida e a minha liberdade, para ganhar o dinheiro de que preciso para viver. Descobri um sem número de alimentos, comida mais variada, descobri milhares de pessoas e experiências através das viagens a boleia.
25	Reportagens televisivas em canais por cabo.
54	Consciência do desperdício alimentar existente na sociedade. Consciência da pobreza. Maior proximidade e conhecimento das pessoas/comunidades com (muito) baixos rendimentos.
61	É prático quando faço no verão. Contacto com a natureza.
74	Poupança monetária.
Total Geral = 08	

5.20. Dimensão 14: Riscos na Recolha

Encontramos nesta dimensão, um consenso nas respostas dos adeptos sobre os riscos evidentes no “mergulho no lixo”. Contudo, o que diverge de uma resposta para outra são as percepções sobre estes riscos. Porém, a maior parte dos adeptos argumentam que o maior risco encontra-se na possibilidade de se encontrar algo estragado ou contaminado que possam prejudicar a sua saúde. Mas, notamos ainda que alguns referem os riscos no sentido político que o freeganismo procura combater através da sociedade do consumo exacerbado produzido por uma sociedade que o faz ainda mais desigual através do desperdício gerado por uma classe em detrimento de outra. Em quase todos os trabalhos que encontramos na fase da revisão de literatura que faz parte desta investigação, constatamos que esta questão se sobressai até mesmo em relação aos riscos para a saúde que nos pareceu a menos preocupante para os *freegans* e por isto

mereceu esta investigação. O Quadro 5.17. corresponde a essas representações dos adeptos.

Quadro 5.17.: Riscos na Recolha.

Nº INQ.	Q. 47. Na sua opinião, há riscos na prática do Dumpster Diving/Mergulho no lixo?	
1	Sim, principalmente pela prática maléfica de supermercados que sabotam propositadamente os produtos.	
2	Sim.	
3	Claro, se for feito sem clareza, inteligência ou sem ver o que se está a fazer. Nem os animais comem comida podre, só quem está tão desligado dos seus instintos que nem percebe...	
4	Entrar na mesma lógica que a lógica de mercado que queremos combater: tonar-se competitivo. Perde todo o sentido.	
25	Alguns como comer algo estragado.	
54	Sim: falta de higiene que possa prejudicar a saúde.	
61	Sim se se for alheio à origem do lixo.	
74	Sim, poderá existir produtos que desconhecemos a proveniência e que poderão estar contaminados.	
Total = 8		

5.21. Dimensão 15: O Freeganismo Cá Dentro

A principal dificuldade que encontramos no início desta investigação foi a de encontrarmos adeptos do freeganismo em Portugal dispostos a nos conceder entrevistas em profundidade, daí este estudo ter optado pela via do questionário *on-line*. Por esta razão, incluímos no questionário a pergunta sobre as indicações que os adeptos poderiam nos fornecer sobre outros adeptos. Assim, vimos que 4 adeptos dizem não conhecerem outros *freegans*, sendo que 4 responderam que conhecem mais alguém que pratica o freeganismo. Contudo, ao relacionarmos esta questão com a questão nº 22, verificamos que há uma divergência na resposta do inquirido nº 74 que respondeu que “na família há adeptos”, no entanto, diz “não conhecer mais nenhum adepto”. As respostas dos adeptos relativamente à esta dimensão estão dispostas no Quadro 5.18.

Quadro 5.18: Comunidade Freegan.

Q.47. Conhece alguém ou têm mais algum amigo freegan?			
Não	01, 02, 25, 74	Sim	03* Sim, vários – todos aqueles com quem vivo em colectivo na natureza e mais alguns em várias cidades e outras ocupações rurais.
			04, 54* Sim, familiares próximos (irmãos, filho) e amigos. 61

Capítulo 6.

INTERPRETAÇÕES & INFORMAÇÕES IMPORTANTES:

Resultados e Discussões, Conclusões Finais e Sugestões, Limitações

6.1. Apresentação e Discussão dos Resultados

Esta investigação foi desenvolvida ao longo dos últimos doze meses e refletiu sobre vários aspetos do freeganismo e de como ele é representado pelos adeptos na sociedade contemporânea não só no âmbito da Ecologia Humana, mas também como um Problema Social que vem se intensificando a cada dia. Com o intuito de explorar esta problemática na sociedade portuguesa, este estudo procurou aproximar-se de alguns estudos já realizados em outros países sobre o mesmo tema. Porém, em outra vertente que incide sobre os riscos para a saúde humana causada eventualmente pela prática do “Mergulho no Lixo”. Ao longo deste trabalho, procurámos compreender a forma como o freeganismo é concebido pelos adeptos e pela sociedade relacionando num primeiro momento com a bibliografia que nos pareceu mais adequada e variada para dar sentido ao tema.

Neste capítulo sobre a Apresentação e Discussão dos Resultados obtidos após a análise do questionário aplicado, primeiramente serão apresentadas as articulações estabelecidas entre as questões de partida que delimitaram elementos essenciais para o planeamento e direcionamento da investigação com as hipóteses levantadas no princípio da investigação e seguidamente apresentaremos os resultados mais relevantes. Assim:

- Respondendo à primeira **Questão de Partida nº 1** formulada: **“Identificar até que ponto o freeganismo é conhecido no meio académico escolhido para representá-lo em Portugal”** e onde a nossa hipótese era a **Hipótese nº 1: “As informações que circulam no meio académico português são muito escassas acerca do freeganismo”**. Esta hipótese pode ser confirmada uma vez que apenas (18%) dos inquiridos no universo escolhido como amostra no meio académico alegam conhecerem “Alguns”, dos pressupostos do freeganismo o que supomos que alguns destes conhecimentos podem ter origem em outras vias de comunicação que não sejam as académicas (artigos, reportagens televisivas, jornais, revistas, Internet, etc.

conforme algumas indicações nas Referências Bibliográficas desta investigação). As análises cruzadas das Dimensões 2, 12, e 15 proporcionaram este resultado.

- Em resposta a **Questão de Partida nº 2** formulada: **“Quais são as diferenças entre a representação do freeganismo em Portugal e a que podemos encontrar em outros países”**, a **Hipótese nº 2**: **“As notícias que veiculam nos meios de comunicação em massa em Portugal, não são suficientes para a informação sobre o freeganismo”**. Esta hipótese foi parcialmente confirmada mediante a verificação das respostas dos inquiridos não adeptos do freeganismo, pois vimos que (54%) nunca ouviram falar sobre o tema, embora alguns órgãos de comunicação social portugueses já tivessem divulgado tal fato. Este resultado foi obtido através da Dimensão 2. Alguns inquiridos mencionam timidamente que já ouviram falar sobre o freeganismo nos meios de comunicação, entretanto, pelo que conseguimos analisar através dos seus discursos, os mesmos ainda associam o freeganismo com os atores sociais que se utilizam das mesmas práticas de recolha de alimentos para suprirem as suas necessidades de sobrevivência, o que nos leva a confirmar também a Hipótese nº 3, de que **“Em Portugal não há informações suficientes sobre o freeganismo para uma representação e distinção dos outros atores sociais que praticam semelhante ato, mas em outro contexto social”**. Ainda com relação ao conhecimento que os adeptos indicaram possuir sobre o freeganismo representado dentro e fora de Portugal, vimos através das Dimensões 12 e 15 que os adeptos estão bem informados sobre o freeganismo que é praticado fora de Portugal, no entanto, observa-se também que há uma falta de “comunicação” dentro do próprio círculo freegano português devido a falta de divulgação e informação sobre o freeganismo praticado também em Portugal.
- Assim, em articulação com a Hipótese nº 3, pretendia-se complementar a Hipótese nº 2 para solidificar estas duas questões de partida formuladas, uma vez que a **Questão de Partida nº 3** consiste em saber **“Qual é a representação dos adeptos sobre a prática do “mergulho no lixo” em Portugal?** E de acordo com a **Hipótese nº 3**: **“Em Portugal não há informações suficientes sobre o freeganismo para uma representação e distinção dos outros atores sociais que praticam semelhante ato, mas em outro contexto social”**, verificámos através da análise de conteúdo das respostas dos inquiridos, que a falta de informação relativamente sobre os pressupostos do freeganismo leva os atores sociais a ajuizarem sobre a prática do

mergulho no lixo realizada pelos adeptos como algo inaceitável. Estes juízos confundem-se com o reconhecimento que os inquiridos não adeptos fazem sobre os “sem-abrigo”, mendigos, necessitados, desajustados sociais, etc. como já o dissemos.

▪ Sobre as questões de partida formuladas que motivaram esta investigação vimos que na **Questão de Partida nº 4: “Quais são as percepções dos adeptos que praticam o mergulho no lixo, sobre os riscos a que estão expostos”**. Para esta questão tínhamos a **Hipótese nº 4: “As percepções que os adeptos portugueses têm acerca do risco no freeganismo não diferem das percepções dos adeptos dos outros países”**. Esta hipótese foi confirmada mediante a análise de que os adeptos portugueses utilizam as técnicas e os recursos sensoriais e a literacia para escolherem e consumirem os alimentos que recolhem no mergulho no lixo. Na Dimensão 8 os adeptos afirmam que a qualidade da comida que recolhem é boa, o que nos leva a articular esta dimensão com as Dimensões 9 e 14 que fomentam a questão da Segurança Alimentar, onde segundo os adeptos há todo um cuidado com os alimentos descartados que são encontrados e recolhidos para consumo próprio e na partilha com outras pessoas, conforme as Dimensão 5.

▪ Para responder a **Questão de Partida nº 5** sobre: **“Quais são as consequências reais para a saúde dos adeptos que praticam o mergulho no lixo”**, tínhamos a **Hipótese nº 5** formulada: **“Independentemente da literacia que possuem sobre a segurança alimentar, os adeptos do freeganismo arriscam a sua saúde no mergulho no lixo”**. Confirmamos esta hipótese através das Dimensões 9 e 14, que nos fizeram refletir sobre a questão dos riscos relacionados a saúde dos adeptos. Ou seja, quais os riscos que correm no mergulho no lixo e quais os cuidados que tomam para mitigar estes riscos e concluímos através das dimensões mencionadas, que o risco existe tanto na recolha como no consumo dos alimentos, entretanto, os mesmos riscos não são razões suficientes para que os adeptos desistam do freeganismo. Como vimos no Capítulo 4 desta investigação o mergulho no lixo e os “ganhos” que ela proporciona aos adeptos, continua sendo vantajoso, em detrimento dos riscos que correm ou das opiniões que a sociedade faz acerca do freeganismo.

▪ Relativamente a última **Questão de Partida nº 6** formulada e que está relacionada com a questão nº 5, **“Como se protegem os adeptos que praticam o mergulho no lixo ou como evitam correr riscos relacionados com a sua saúde**. A **Hipótese nº 6** que formulamos para responder à esta questão era a de que **“Os adeptos do freeganismo**

estão suficientemente informados sobre as proteções necessárias para a sua saúde na prática do mergulho no lixo”. De fato, podemos confirmar esta hipótese por um conjunto de respostas fornecidas pelos adeptos através dos seus discursos sobre a segurança que tomam quando se dá o mergulho no lixo, inclusive pelas informações fornecidas através da Internet sobre estas precauções.

6.2. Conclusões Finais e Sugestões

As teorias que discutimos ao longo desta investigação foram de extrema importância porque apodamos certas questões que ainda não havíamos estudado nos trabalhos que lemos. Toda reflexão que fizemos até aqui circulou em torno de uma nova forma de observar um fato social inusitado para a sociedade portuguesa sobre a comensalidade, e abre caminhos para outras investigações acerca do tema.

Repensar as estratégias tradicionais de comensalidade nos fez refletir que existem outras formas mais significativas que a paradigmática na nossa sociedade. Investigar as diversas reações dos inquiridos, partindo do princípio que as informações acerca do freeganismo fazem parte do contexto extra e académico dão ao processo investigativo muito mais sentido.

Outra questão que marcou muito as reflexões e discussões foi importância da comunicação correta que deve ser repassada para a sociedade sobre o freeganismo. Uma reflexão sobre um determinado fato social só é eficaz quando as pessoas tomam conhecimento e dialogam suficientemente para perceber que tipo de expectativas este fato vem criando na sociedade. Se não for assim, provavelmente as pessoas tirarão conclusões precipitadas e inadequadas acerca do que vêem nas suas vidas quotidiana acreditando que a realidade de outras pessoas é algo totalmente errado.

Portanto, desconstruir as ideias pré-concebidas das pessoas acerca dos conhecimentos que têm sobre determinados problemas sociais torna-os muito mais significativos além de proporcionar a oportunidade de trabalharem suas reflexões e juízos.

Assim, a principal função desta investigação é proporcionar meios para estas reflexões e para tanto foi preciso considerar que no universo escolhido para a retirada da amostra há um encontro de muitas identidades e portanto é fundamental conhecer os

inquiridos e seu património cultural para que a partir dele seu conhecimento possa ser ampliado e inserido no contexto do freeganismo.

Sendo um dos propósitos da investigação verificar a ocorrência das hipóteses levantadas no princípio da investigação para responder às questões de partida, após a exposição das mesmas neste capítulo, concluímos que sobre os itens:

- **Reconhecimento e Visibilidade:** o alcance que o Reconhecimento e a Visibilidade do Freeganismo em Portugal atinge na contemporaneidade conforme os estudos demonstraram ainda é muito confundido com outros atores sociais que sobrevivem desta prática como já o dissemos. Os adeptos pretendem através das suas estratégias pouco comuns e até mesmo radicais, conscientizarem outros atores sobre o problema do desperdício alimentar que vem aumentando na sociedade e que é um problema de todos, mas mesmo com algumas semelhanças do freeganismo praticado em outros países, em Portugal esta forma de captar as atenções ainda é muito limitada devido em parte à falta de informações corretas acerca do freeganismo e talvez seja esta uma das razões pelo qual ele ainda é pouco conhecido e aceite na sociedade portuguesa, em detrimento do fator cultural. Posto isto, concluímos que todos estes fatores influenciem significativamente nas pretensões dos *freegans* portugueses.

- **Uma das sugestões que colocamos é a de que futuramente se realize um estudo mais aprofundado sobre esta questão da “visibilidade” ou “invisibilidade” dos *freegans* em Portugal;**

- **Aceitabilidade dos Riscos para a Saúde e Cultura:** Conforme as afirmações de Adams (2009) sobre o julgamento dos riscos podemos deduzir que a aceitabilidade que os *freegans* tem sobre os riscos que correm na prática do mergulho no lixo não está só relacionado com os riscos “tangíveis” em si, mas também está relacionado com os interesses dos próprios adeptos de por um lado a questão da ecologia e por outro porque pelo que se pode analisar através dos seus discursos, o mergulho no lixo torna-se um “negócio” rentável, pelo qual é compensador correr determinados riscos.

- **Esta é outra sugestão que fazemos, ou seja, analisar a questão das “perdas e ganhos” que o freeganismo proporciona ao nível pessoal dos adeptos.**

Relativamente à questão cultural que envolve o freeganismo em Portugal, vimos que pelos discursos dos respondentes espontâneos ou não adeptos, não há uma aprovação da ideologia, nem sequer uma tolerância com relação à prática do mergulho no lixo. Percebemos isto, através das leituras que realizamos, onde o freeganismo em Portugal diferencia-se dos outros países onde é mais praticado, mais visível e mais tolerado pela sociedade, principalmente nas grandes cidades.

▪ **Política e Sociedade de Consumo:** embora não tenha sido o objetivo desta investigação discutir sobre as ideias políticas que estão presentes em praticamente todos os estudos sobre o freeganismo ao qual tivemos acesso, não podemos nos furtar a elas, mesmo que muito palidamente. Assim, a nossa reflexão sobre estas ideias vai de encontro ao surgimento do Grupo GAIA, que como já o dissemos foi criado por um grupo universitário a fim de se discutir as ideias sobre a sociedade de consumo e sua estrutura que atinge cada dia mais de forma negativa toda a vida do planeta.

Contudo, ao que tudo indica a sua conceção não eclodiu de forma significativa no meio português ainda, e finalmente, concluímos que mesmo correndo todos os tipos de riscos para a saúde que aqui expusemos, ainda assim, mergulhar na lixeira em busca dos desperdícios gerados pela sociedade é muito vantajoso para os *freegans* e sem estes desperdícios o freeganismo provavelmente deixaria de existir, pois é deles que dependem os *freegans*.

6.3. Limitações da Investigação e Recomendações

A primeira limitação surgiu logo no início deste estudo, quando foi praticamente impossível encontrar adeptos do freeganismo que nos quisessem conceder entrevistas pessoais aprofundadas. Alegavam que este é um tema sensível e íntimo e portanto, mesmo sob a condição do direito ao anonimato, não conseguimos candidatos suficientes para as entrevistas. Daí termos que optar pelo questionário *on-line*, o que implicou em um maior número de questões a fim de que de alguma forma pudéssemos conseguir equivaler às entrevistas.

A segunda limitação deste estudo prende-se com a sua reduzida amostra: 8 adeptos. Desta forma, as conclusões deste trabalho aplicam-se apenas a essa mesma população, tratando-se por isso de um estudo exploratório. Por outro lado, a amostra deste trabalho engloba adeptos de várias Instituições de Ensino Superior de Portugal

Continental e Ilhas, assim, a oportunidade de resposta e conhecimento do estudo abrangeu todo o país.

A terceira limitação foi o tempo decorrido para resposta ao questionário *on-line* que durou apenas um mês aproximadamente, mas que foi pensado para esta época de férias visando a falta de tempo que os inquiridos alegam durante o período letivo para responderem a inquéritos.

A quarta limitação é mais importante no nosso entender, foi o fato da serendipidade encontrada pela falta de adeptos que se dispusessem a responder as entrevistas pessoalmente, pois segundo os trabalhos investigados fora de Portugal, uma das pretensões do freeganismo é alertar a sociedade sobre o desperdício. Mas, por outro lado, esta serendipidade encontrada nos favoreceu evidenciando algumas das nossas hipóteses, ou seja, a de que o freeganismo ainda é pouco conhecido em Portugal, devido a falta de união dos seus adeptos, que o praticam às vezes no anonimato.

Levando em consideração todas as limitações que aqui foram expostas, sugerimos que o tema seja mais divulgado através das aulas nas universidades, nomeadamente nas disciplinas de Ecologia, de Sociologia e das Ciências Sociais em geral, a fim de que novos estudos sejam realizados.

Não podemos deixar de salientar que recebemos várias mensagens por correio eletrónico de pessoas que querem mais informações acerca do freeganismo, inclusive dos meios de comunicação que se interessaram por este estudo e querem fazer reportagens.

6.4. Futuras Investigações

Diante das várias questões que ainda gostaríamos de responder nesta investigação em decorrência de temáticas que foram surgindo, este estudo pretende futuramente alargar-se para outras questões relacionadas ao fenómeno do freeganismo e de como ele pode ser repensado na sociedade portuguesa não como “tabu”, mas como algo que possa ser refletido como uma opção de estilo de vida tão natural quanto outros menos divulgados, mas que também são vividos quotidianamente por pessoas das nossas relações pessoais, inclusive.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- Abonízio, J.** (2009). *Aparências ímpares: Um estudo sobre os modos de ser e aparecer dos usuários de modificações corporais extremas*. Tema apresentado no II Congresso Brasileiro de Educação Física do Centro Oeste- Cuiabá de 14 a 19 de Junho de 2010. Recuperado em <http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/rt/printFriendly/124/243>. Acedido em 20 de Dezembro de 2012.
- Adams, J.** (2009). *Risco*. (L. Esteves, Trad.). São Paulo: Editora Senac. (Trabalho original publicado em 1995). (Escrita original em inglês).
- Almeida, J. (Org.).** (2000). *Os Portugueses e o Ambiente. I Inquérito Nacional às Representações Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente*. (1ª ed.) Oeiras: Celta.
- Almeida, J. (Org.).** (2004). *Os Portugueses e o Ambiente. II Inquérito Nacional às Representações Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente*. (1ª ed.) Oeiras: Celta.
- ASAE,** (2013). *Autoridade de Segurança Alimentar e Económica*. Recuperado em <http://www.asae.pt/>. Acedido em 3 de Maio de 2013.
- Baptista, C., & Sousa, M.** (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios Segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor Edições.
- Bardin, L.** (2004). *Análise de Conteúdo*. (L. Reto & A. Pinheiro, Trad.). (3ª ed.) Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1977). (Escrita original em francês).
- Barnard, A.** (2011). *Waving the Banana at Capitalism: Political Theater and Social Movement Strategy among New York's 'freegan' dumpster divers*. *Sage Journals Ethnography*. Recuperado em <http://eth.sagepub.com/content/12/4/419.refs.html>. pp. 1-27. Acedido em 18 de Outubro de 2012.
- Baudras, J.** (2009). Contracultura. In *Dicionário das Utopias*. (C. Gamboa & T. Marques, Trad.). (1ª ed.) Lisboa: Texto & Grafia. (Trabalho original publicado em 2008). (Escrita original em francês). pp. 83-84.
- Baudrillard, J.** (2008). *A Sociedade de Consumo*. (A. Mourão, Trad.). (2ª ed.) Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1929). (Escrita original em francês).
- Beck, U.** (2011). *Sociedade de Risco. Rumo a uma outra Modernidade*. (S. Nascimento, Trad.). (2ª ed.) Rio de Janeiro: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1944). (Escrita original em alemão).
- Becker, H.** (2012). *Outsiders. Estudos de Sociologia do Desvio*. (M. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Zahar. (Trabalho original publicado em 1991). (Escrita original em inglês).
- Boudon, R.** (1990). *Os Métodos em Sociologia*. (M. Madalena, Trad.). Lisboa: Edições Rolim. (Trabalho original publicado em 1990). Escrita original em francês).
- Bourdieu, P.** (2010). *A Distinção. Uma crítica Social da Faculdade do Juízo*. (P. Duarte, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1930). (Escrita original em francês).

- Bourdieu, P.** (2011). *O Poder Simbólico*. (F. Tomaz, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1930). (Escrita original em francês).
- Campenhoudt, L.** (2012). *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais*. (E. Freitas, Trad.). (2ª ed.) Lisboa: Gradiva. (Trabalho original publicado em 2001). (Escrita original em francês).
- Carroll, A., & Vreeman, R.** (2010). *Diga Adeus aos Mitos!* (Santos, A. Trad.). (Trabalho original publicado em 2010). (Escrita original em inglês). (1ª ed.) Lisboa: Editora Guerra e Paz.
- Ceia, C.** (2010). *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*. (8ª ed.) Lisboa: Editorial Presença.
- Corman, L.** (2011). Getting Their Hands Dirty: Raccoons, *Freegans*, and Urban “Trash”. *Journal for Critical Animal Studies*, Volume IX, Issue 3, 2011 (ISSN1948-352X). Recuperado em <http://podpdf.com/ebook/freeganism-pdf.html>. pp. 1-34. Acedido em 14 de Novembro de 2012.
- Costa, A.** (1985). Espaços Urbanos e Espaços Rurais: um Xadrez em Dois Tabuleiros. *Revista Análise Social*, vol. XXI (87-88-89), 1985-3.º-4.º-5.º, 735-756. Recuperado em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223478825H5hMF0jk9Em99KY7.pdf>. Acedido em 21 de Janeiro de 2013.
- Costa, A.** (2003). *Sociologia*. (4ª ed.) Coimbra: Quimera.
- Craveiro, J. & Pires, I.** (2011). *Ética e Prática da Ecologia Humana: Questões Introdutórias sobre a Ecologia Humana e a Emergência dos Riscos Ambientais*. (1ª ed.) Lisboa: Editora Apenas.
- Crespi, F.** (1997). Cultura e Ação Social. In *Manual de Sociologia da Cultura*. (T. Cardoso, Trad.). (1ª ed.) Lisboa: Editorial Estampa. (Trabalho original publicado em 1996). (Escrita original em italiano). pp. 131-135.
- DGES,** (2013). *Direção Geral de Ensino Superior*. Recuperado em <http://www.dges.mctes.pt>. Acedido em 1 de Julho de 2013.
- Dicionário Académico de Língua Portuguesa,** (2006). Porto Editora. Nova Edição.
- Douglas, M.** (1991). *Pureza e Perigo*. Ensaio sobre as Noções de Poluição e Tabu. (S. Silva, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1991). (Escrita original em inglês).
- Elias, N.** (2006). *O Processo Civilizacional. Investigações Sociogénicas e Psicogénicas*. (L. Rodrigues, Trad.). (2ª ed.) Lisboa: Dom Quixote. (Trabalho original publicado em 1939). (Escrita original em alemão).
- Esteves, E.** (2009). *Análise Sensorial. Introdução à Análise Sensorial do Curso de Engenharia Alimentar*. Faro. Universidade do Algarve. Recuperado em http://www.academia.edu/2993383/Introducao_a_Analise_Sensorial. pp. 1-46. Acedido em 5 de Agosto de 2013.
- FAO,** (2013). *Food and Agriculture Organization*. Recuperado em <http://www.fao.org/home/en/>. Acedido em 20 de Maio de 2013.
- Ferrão, P., Ribeiro, P., & Silva, P.** (2005). *A Ecologia Industrial e as Embalagens de Bebidas e Bens Alimentares em Portugal*. (1ª ed.) Oeiras: Celta.

- Flandrin, J. & Montanari, M.** (Coord.). (2001). *História da Alimentação. Da Idade Média aos Tempos Actuais*. (M. Pinhão, Trad.). (Vol. 1). (1ª ed.) Lisboa: Terramar. (Trabalho original publicado em 1996). (Escrita original em francês).
- Flandrin, J., & Montanari, M.** (Coord.). (2008). *História da Alimentação. Dos Primórdios à Idade Média*. (M. Pinhão & C. Gândara, Trad.). (Vol. 2). (2ª ed.) Lisboa: Terramar. (Trabalho original publicado em 1996). (Escrita original em francês).
- Frade, C.** (2009). O Direito Face ao Risco. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 86. Recuperado em 30 de Janeiro de 2013, <http://rccs.revues.org/220>. pp. 1-21.
- Freeganismo**, (2013). *Site Oficial da Organização Freegan*. Recuperado em www.freegans.info.com. Acedido em 30 de Setembro de 2012.
- GAIA**, (2013). *Grupo de Ação e Intervenção Ambiental*. Recuperado em <http://gaia.org.pt/node/16209>. Acedido em 3 de Maio de 2013.
- Garcia, L.** (2000). *Comer como Deus manda*. (L. Samento, Trad.). (1ª ed.) Lisboa: Editorial Notícias. (Trabalho original publicado em 1998). (Escrita original em espanhol).
- Giddens, A.** (1996). Urbanismo, Globalização e Política de Ambiente. In *Teoria Social e Ambiente*. (Ana Maria. André, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget. (Trabalho original publicado em 1996). (Escrita original em inglês). pp. 87-112.
- Giddens, A.** (1999). *Para uma Terceira Via*. (S. Barata, Trad.). (1ª ed.) Lisboa: Editorial Presença. (Trabalho original publicado em 1998). (Escrita original em inglês).
- Giddens, A.** (2004). *Sociologia*. (A. Figueiredo, et al., Trad.). (4ª ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original publicado em 2001). (Escrita original em inglês).
- Giddens, A.** (2005). *As Consequências da Modernidade*. (F. Machado & Maria Manuela Rocha, Trad.). (4ª ed.) Lisboa: Celta. (Trabalho original publicado em 1990). (Escrita original em inglês).
- Giddens, A.** (2010). *O Mundo na Era da Globalização*. (S. Barata, Trad.). (7ª ed.) Lisboa: Editorial Presença. (Trabalho original publicado em 1999). (Escrita original em inglês).
- Giglione, R. & Matalon, B.** (2005). *O Inquérito. Teoria e Prática*. (C. Pires, Trad.). (4ª ed.) Oeiras: Celta. (Trabalho original publicado em 1977). (Escrita original em francês).
- Guerra, I.** (2010). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentido e Formas de Uso*. Cascais: Príncípia.
- Hoffman, J.** (1993). *The Art & Science of Dumpster Diving. Loompanics Unlimited, Washington: Port Twnsend*.
- INSA**, (2013). *Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge*. Recuperado em <http://www.insa.pt/sites/INSA/Portugues/Paginas/portaInicio.aspx>. Acedido em 20 de Maio de 2013.
- Kaufmann, J.** (2003). *A Mulher só e o Príncipe Encantado*. (I. Fialho & L. Mellid-Franco, Trad.). Porto: Editorial Notícias. (Trabalho original publicado em 1999). (Escrita original em francês).

- Kropotkine, P.** (2009). *A Moral Anarquista*. (José Luís. Pérez, Trad.). (1ª ed.) Lisboa: Edições Sílabo. (Trabalho original publicado em 1899). (Escrita original em francês).
- Le Grand, Y.** (2010). *Activism through commensality: Food and Politics in the Temporary Vegan Zone*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. pp. 1-101.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G.** (2005). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*. (Maria João. Reis, (Trad.). (2ª ed.) Lisboa: Instituto Piaget. (Trabalho original publicado em 1990). (Escrita original em francês).
- Lima, Maria Luísa.** (2005). A Abordagem do Comportamento de Risco: a Perceção de Risco como Determinante de Comportamentos. In *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 218-219.
- Linhares, T.** (2009). *Do Ludismo ao Radicalismo: Micro-poderes e Novas Estratégias de Resistência à Sociedade de Consumo*. Trabalho apresentado no Intercom Sudeste. Recuperado em http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/lista_area_DT07.htm. pp.1-15. Acedido em 15 de Maio de 2012.
- Lopes, Ana Cristina., & Rio-Torto, G.** (2007). *O Essencial sobre Língua Portuguesa. Semântica*. Lisboa: Caminho.
- Luís, L.** (2010). *Literacia em Saúde e Alimentação Saudável: Os Novos Produtos e a Escolha dos Alimentos*. Tese de Doutoramento em Saúde Pública. Especialidade em Promoção da Saúde. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Escola Nacional de Saúde Pública. pp.1-277.
- Magalhães, J.** (2010). *Horizontes da Ética. Para uma cidadania responsável*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Magnet, M.** (2001). *Paradigma Urbano. As Cidades do Novo Milénio*. (José Rafael, Paracana & V. Antunes, Trad.). Lisboa: Quetzal Editores. (Trabalho original publicado em 2000). (Escrita original em inglês).
- Marandola, Jr., & Hogan, D.** (2006). As Dimensões da Vulnerabilidade. *Revista São Paulo em Perspectiva*, Vol. 20, nº 1. Recuperado em http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01_03.pdf. pp. 33-43. Acedido em 1 de Julho de 2013.
- Mela, A.** (1999). *A Sociologia das Cidades*. (E. Saló, Trad.). (1ª ed.) Lisboa: Editorial Estampa. (Trabalho original publicado em 1999). (Escrita original em italiano).
- Moscovici, S.** (2011). *Psicologia das Minorias Ativas*. (A. Hernández, Trad.), Petrópolis: Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1979). (Escrita original em francês).
- ONGA,** (2013). *Organização Não Governamental do Ambiente*. Recuperado em <http://www.apambiente.pt/index.php?ref=16&subref=142&sub2ref=716>. Acedido em 20 de Maio de 2013.
- OPAS,** (2013). *Organização Pan-Americana da Saúde*. Recuperado em <http://www.paho.org/bra/>. Acedido em 20 de Maio de 2013.
- Parkin, F.** (2000). *Max Weber. Crenças e Ação Social*. (P. Pedroso, Trad.). (2ª ed.) Oeiras: Celta. (Trabalho original publicado em 1982). (Escrita original em inglês).

- Pentina, I.** (2009). *The Freegan phenomenon: anti-consumption or consumer resistance?*. European Journal of Marketing. Vol. 45 nº. 11/12, 2011. pp. 1768-1778. Recuperado em <http://docs.business.auckland.ac.nz/Doc/9-The-Freegan-phenomenon-Pentina-and-Amos-EJM-2011.pdf>. 1-11. Acedido em 15 de Maio de 2012.
- Pires, I. et al.** (2012). *Do Campo ao Garfo. Desperdício Alimentar em Portugal*. (1ª ed.) Lisboa: Cestras.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L.** (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (J. Marques., Maria Amália, Mendes. & M. Carvalho, (Trad.). (4ª ed.) Lisboa: Gradiva. (Trabalho original publicado em 1995). (Escrita original em francês).
- Ravignan, F.** (2004). *Porquê a fome? Um desafio sempre atual*. (M. Carvalho, Trad.). (1ª ed.) Lisboa: Bizâncio. (Trabalho original publicado em 2003). (Escrita original em francês).
- Rosado, R.** (2009). Uma Leitura Bourdiana do “Jogo do Lixo”. *Revista Interações*. nº 11. Recuperado em <http://www.eses.pt/interaccoes>. pp. 230-253. Acedido em 30 de Janeiro de 2013.
- Santos, J.** (2012). *Introdução à Ética*. (1ª ed.) Lisboa: Documenta.
- Santos, J. et al.** (Orgs.). (2013). *O Futuro da Alimentação. Ambiente, Saúde e Economia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sarmiento, M.** (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. (2ª ed.) Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Silva, A. & Pinto, J.** (Orgs.). (2005). *Metodologia das Ciências Sociais*. (13ª ed.) Porto: Edições Afrontamento.
- Singer, P.** (2002). *Ética Prática*. (Álvaro Augusto. Fernandes, Trad.). (2ª ed.) Lisboa: Gradiva. (Trabalho original publicado em 1993). (Escrita original em inglês).
- Stake, R.** (2009). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. (Ana Maria. Chaves, Trad.). (2ª ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original publicado em 1995). (Escrita original em inglês).
- Stuart, T.** (2009). *Waste. Uncovering the Global Food Scandal. Squandering Harviests*. London: Penguin Books.
- Taleb, T.** (2011). *O Cisne Negro. O Impacto do Altamente Improvável*. (S. Oliveira, Trad.). Lisboa: Publicações Dom Quixote. (Trabalho original publicado em 2007). (Escrita original em inglês).
- Tavares, T.** (2012). *Marginalidade, Desvio Social e Qualidade de Vida*. Recuperado em <http://www.professorthometavares.com.br/index.php?url=http://www.professorthometavares.com.br/>. Acedido em 22 de Maio de 2012.
- Tibbetts, J.** (2013). *Freegans Risk the Hazards of Dumpster Diving*. CMAJ April 16, 2013 185:E281-E282. Published ahead of print March 11, 2013 – Early release, published at www.cmaj.ca. Subject to revision. Acedido em 10 de Junho de 2013.

Weber, M. (2008). O Estatuto dos Valores em Max Weber. In *Dicionário de Sociologia*. (G. Rio Tinto & C. Rebelo, Trad.). (2ª ed.) Lisboa: Plátano Editora. (Trabalho original publicado em 2004). (Escrita original em francês).

WHO/OMS, (2013). Recuperado em <http://www.who.int/en/>. Acedido em 20 de Maio de 2013.

WikiHow, (2013). *Como Mergulhar no Lixo*. Recuperado em <http://pt.wikihow.com/Mergulhar-no-Lixo>. Acedido em 1 de Julho de 2013.

• **OUTRAS REFERÊNCIAS ELETRÓNICAS CONSULTADAS ACERCA DO FREEGANISMO:**

1. **A lógica circular dos *freegans* – 22.01.2012**
<http://cronicasurbanas.wordpress.com/2010/01/22/a-logica-circular-dos-freegans/>.
2. **O Natal dos *Freegans*, ou como festejar sem gastar um centavo – 19.12.2007**
<http://afp.google.com/article/ALeqM5i2TpBNpKhV0vuxH5oQSUDLmJAnAQ>.
3. **Revoluções cotidianas - freeganismo – 19.11.2009**
<http://caicosubterraneo.blogspot.pt/2009/11/revolucoes-cotidianas-freeganismo.html>.
4. **Manhattan: o paraíso do lixo – 17.07.2009**
http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/lixo/conteudo_485216.shtml?func=1&pag=0&fnt=9pt.
5. **Freeganism: food for mind, body and soul – 10.08.2013**
http://www.academia.edu/1137026/Freeganism_food_for_mind_body_and_soul.
6. **Travels Marko Polo. The Anarchist's – 10.09.2013**
<http://aylingmark.blogspot.pt/2010/02/9-anarchists-pad-pt-2-3-lisbon-portugal.html>.
7. **Como viver dos desperdícios do capital – 10.09.2013**
<http://www.diarioliberalidade.org/index.php/portugal/resenhas/1677-como-viver-dos-desperdicios-do-capital.html>.

• **REFERÊNCIAS DAS CITAÇÕES DA ABERTURA DOS CAPÍTULOS**

1. Capítulo 1 - “Ciência com Consciência”. (Morin, 2005: 11). Ed. Bertrand Brasil. RJ.
2. Capítulo 2 - Terra Livre-Geografia, movimentos sociais e teoria. (Terra Livre. São Paulo. Ano 18, n. 19 p. 1-296 jul./dez. 2002. Contre feux, 2). Recuperado em www.agb.org.br/files/TL_N19.pdf. Acedido em 10 de Janeiro de 2013.
3. Capítulo 3 - “Estudos de Psicologia Intercultural – Nós e Outros”. (Neto, 2008: 11). Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 3ª ed.
4. Capítulo 4 - “Pureza e Perigo”. (Douglas, 1991: 13). Lisboa. Edições 70.
5. Capítulo 5 - “Ecologia da Saúde”. (Stott, 2011: 21). Águas Santas. Portugal. Ed. Sempre em Pé. Caderno Schumacher para a Sustentabilidade, nº 4.
6. Capítulo 6 - Citação proferida e muito pertinente do meu orientador Professor João Craveiro na ocasião da nossa última revisão deste trabalho e que encerra todo um período de muitas discussões acerca do freeganismo.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1A, 1B, 1C, 1D: Questionário Pré-teste Aplicado a um Freegan no Trabalho de Campo no dia 13 de Junho de 2013 na Regueira, Alfama – Lisboa/PT.....	ii
Apêndice 2A: Facebook (Convite para o Preenchimento do Questionário Pré-teste) ...	vi
Apêndice 2B: Facebook (Convite para o Preenchimento do Questionário Pré-teste)....	vi
Apêndice 3A, 3C, 3D: Questionário “Saberes Freeganos” Aplicado <i>On-line</i> ..	vii
Apêndice 3B: Nota ao Apêndice 3A: Preâmbulo do Cabeçalho do Questionário “Saberes Freeganos” (ampliado)..	vii
Apêndice 4A: Solicitação e Autorização para a Divulgação do Questionário (Ex.).....	x
Apêndice 4B: Resposta da Solicitação e Autorização para Divulgação do Questionário (Ex.).....	x
Apêndice 5: Preâmbulo do Questionário enviado com a Solicitação de Autorização. ...	xi
Apêndice 6: Quadro 5.2. Grelha Semântica de Análise de Conteúdo Textual para a Identificação e Seleção dos Adeptos.....	xii
Apêndice 7: Quadro 5.3. Análise de Conteúdo Textual para a Identificação e Seleção dos Adeptos.....	xiii
Apêndice 8: Quadro 5.4. Razões para a Frequência do Mergulho no Lixo.....	xiv
Apêndice 9: Quadro 5.5. Motivações dos Adeptos para a Adesão ao Freeganismo	xv
Apêndice 10: Quadro 5.9. Qualidade dos Alimentos da Recolha através do Mergulho no Lixo	xvi

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: O que é o GAIA?	xvii
Anexo 2: Técnicas de Mergulho no Lixo.	xviii
Anexo 3: Base de Dados Original do Questionário “Saberes Freeganos” Elaborado pelo Aplicativo Eletrónico Google Docs, Gerado em Extensão do Programa Excel e Aplicado On-line (Ficheiro em CD)..	xviii

Apêndice 1A: Questionário Pré-Teste Aplicado a um Freegan no Trabalho de Campo no dia 13 de Junho de 2013 na Regueira, Alfama-Lisboa/PT.

□ □ □

Enquadramento Social:

1. Qual é a tua nacionalidade? PORTUGUESA

2. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☒

3. Qual é a tua idade? (assinala uma resposta s.f.f.)

Menos de 20 anos ☐ Mais de 60 anos ☐

20 a 24 anos ☐ 25 a 30 anos ☐ 31 a 35 anos ☒

36 a 40 anos ☐ 41 a 50 anos ☐ 51 a 60 anos ☐

4. Qual é o nível de escolaridade mais elevado que frequentou? 9º ano

5. Frequenta actualmente algum estabelecimento de ensino? Sim ☐ Não ☒

(se respondeu "Não", pode passar a pergunta)

6. Qual o ano do ciclo de estudos ou curso que frequenta?

7. Qual o estabelecimento?

8. É estudante Erasmus? Sim ☐ Não ☒ Qual País de origem?

9. Qual é a sua profissão? COZINHEIRO

10. Qual é a sua situação profissional: Empregado ☐ Desempregado ☒

11. Qual é a sua profissão? COZINHEIRO

12. Qual é o seu Estado Civil:

Solteiro ☒ Casado/União de Facto ☐ Divorciado ☐ Viúvo ☐

13. Qual a sua Freguesia e Município de residência? BARREIRO

Neste momento vives: Sozinho ☐ Com mais pessoas ☒ Quantas? 1

14. Conheces bem os pressupostos do Freeganismo?

Sim ☐ Não ☐ Alguns ☒

15. Podes referir algum(ns)?

· EVITAR O DESPERDÍCIO ALIMENTAR E MATERIAL

· PARTILHAR ALIMENTOS OU MATERIAS

· FAZER TROCAS DE VALORES E FAVORES

Apêndice 1B: Questionário Pré-Teste Aplicado a um Freegan no Trabalho de Campo no dia 13 de Junho de 2013 na Regueira, Alfama-Lisboa/PT.

16. Como te defines relativamente à prática do "Mergulho no Lixo"?

Prático: Todos os dias ☐ Com muita frequência mas não todos os dias ☐

Apenas ocasionalmente ☒ Apenas durante um período do ano/qual?

Pode indicar as razões para essa frequência que assinalou na questão anterior?

QUANDO TENHO MAIS NECESSIDADE E
QUANDO É ECONOMICAMENTE APROPRIADO

17. Como se tornou um freegan?

Fui influenciado por: um amigo/a ☐ Parente/família ☐

Contacto com site/blog/livro/vídeo, etc. sobre o assunto ☒

Outra: (explique)

18. Com que idade fez esta opção? 15

19. Porquê fez esta opção? PORQUE PENSO QUE VIVOMELHORASSIM

20. Acham que as crianças já deveriam ser orientadas para o freeganismo?

Sim ☒ Não ☐ Porquê: PARA SE TORNAREM ADULTAS LIVRES

21. Mais alguém da sua família é adepto? Sim ☐ Não ☒

22. Há situações em que podem partilhar a vossa comida com outras pessoas não adeptas dos mesmos hábitos? Sim ☒ Não ☐

(se "Sim", com quem?) Visitas ☒ Amigos ☒ Familiares ☒ Outras Pessoas ☒

23. Essas pessoas com quem eventualmente partilham os meios alimentares são informadas sobre a forma como os obtiveram? Sim ☒ Não ☐

24. Na sua opinião, como é que as pessoas que não são freegans vos costumam olhar/avaliar? DEPENDENTE DA FOME DE CADA UM

25. Quem em particular?

Moradores da zona ☐ Outras pessoas ☒ Quem? SOCIEDADE

26. Conhece alguém que já tenha desistido deste estilo de vida?

Sim ☐ Não ☒ Porquê:

27. Que tipo de comida consomem?

NOLIXO EXISTE DE TUDO APROVEITA-SE O QUE DA

Apêndice 1C: Questionário Pré-Teste Aplicado a um Freegan no Trabalho de Campo no dia 13 de Junho de 2013 na Regueira, Alfama-Lisboa/PT.

28. Qual é o melhor local para recolha/mergulho na sua opinião? (pode assinalar mais que uma resposta)

Super/Hiper/Mercados ☒ Cafés/Restaurantes ☒ Cantinas ☐

Diretamente dos Produtores ☐ Outros: ☐

(se "Outros", onde?)

29. Como avaliam sobre a qualidade da comida recolhida por vós?

DEPENDE DA ZONA, ESTABELICIMENTO, DIA
MAS COSTUMA SER BASTANTE

30. Que tipo de (outros) cuidados costumam ter?

VER A VALIDADE DOS PRODUTOS COM LEITE E
SOPA, SE AINDA SE ENCONTRAM EMBALADOS OU
SE NÃO FOI DESPEJADO PRODUTO TÓXICO POR CIMA E LAVAR BEM.

31. Já consumiu algo estragado que lhe tenha feito sentir-se mal?

Sim ☐ Não ☒ O quê:

32. Como resolveu essa situação?

33. Pode dizer se sente que o freeganismo alterou o seu estado de saúde?

EU SOU VEGANO E FREEGAN SO EM OCASIÕES
DE PERDIDA COMIDA VEGETARIANA

34. Concorda com a existência de normas ou regras de saúde aplicadas aos alimentos que se vendem?

Sim ☒ Não ☐ Sem opinião ☐

35. É capaz de referir algumas dessas normas ou regras que se aplicam a alimentos à venda?

PRazos DE VALIDADE CURTOS, DANOS ALIMENTOS
NÃO SÃO COMERCIALIZÁVEIS, CONTROLO DE "QUALIDADE",
PRODUÇÃO EXCESSIVA DE ALIMENTOS

36. De que tipo de alimentos se lembrou na resposta anterior?

TUDO O TIPO DE ALIMENTOS DE ESPALHOS
SUSPENSÕES COMERCIAIS

Apêndice 1D: Questionário Pré-Teste Aplicado a um Freegan no Trabalho de Campo no dia 13 de Junho de 2013 na Regueira, Alfama-Lisboa/PT.

37. Duma forma geral acha que a sociedade estigmatiza o freeganismo? Porquê?

~~SIM~~ NÃO É BEM A SOCIEDADE MAS SIM O SISTEMA CAPITALISTA QUE NÃO PREMITE LIVRE ACESSO DOS ALIMENTOS DESPERDIDOS

38. A nível pessoal já sentiu algumas dessas reacções que acabou de referir?

SIM

39. Qual o tipo de sentimentos (orgulho, vaidade, outros) devem acompanhar um freegan?

NÃO SENTIR VERGOLHA E CORAGEM E VONTADE

40. Que sente ao ser reconhecido como freegan?

LIVRE

41. Quem o reconhece que o faz sentir-se assim?

Outros freegans ☒ Outras pessoas ☐ Quem? ☐

42. Conhece o freeganismo praticado em outros países? Sim ☒ Não ☐

Onde?: PELO MUNDO INTEIRO

43. Pensa que o movimento é suficientemente conhecido em Portugal? Porquê?

~~SIM~~ NÃO ACHO QUE SEJA UM MOVIMENTO MAS FORMA DEVIDA, SIM MUITA GENTE TEJA ALGUMA NOÇÃO

44. Acham que deveria haver em Portugal algum tipo de manifestação freegan?

Sim ☒ Não ☐

45. O que mudou na tua vida com a adopção do freeganismo?

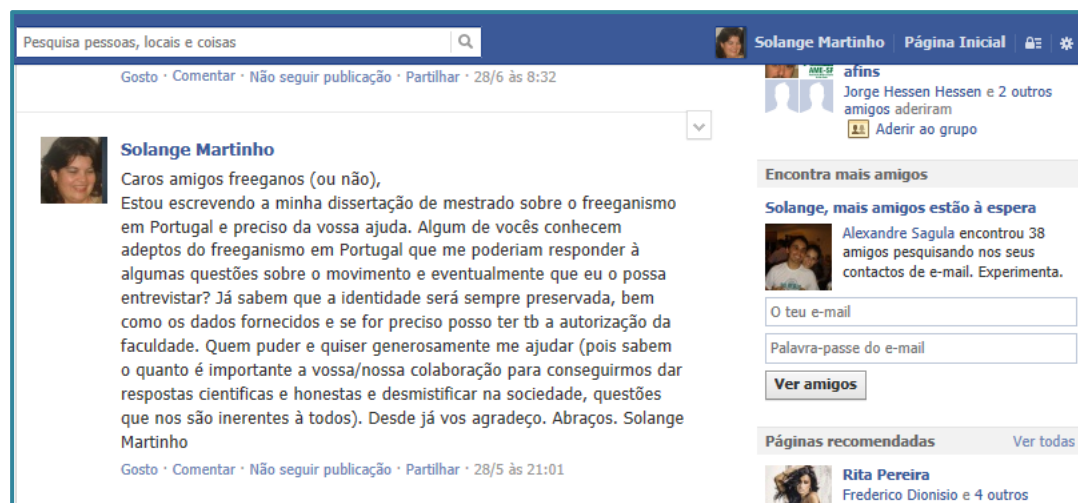
~~MAIS LIBERTADE~~ CONSEGUIR TER UMA VIDA MENOS CONSUMISTA

Pode indicar algum amigo/pessoa freegan, mesmo que não seja da FCSH?

(indicar o mail se possível) _____

Muito Obrigado pela sua atenção!

Apêndice 2A: Facebook (Convite para o Preenchimento do Questionário Pré-teste).



Apêndice 2B: Facebook (Convite para o Preenchimento do Questionário Pré-teste).



Apêndice 3A: Questionário “Saberes Freeganos” Aplicado *On-line*.

Saberes Freeganos

O questionário que ora vos apresento é uma parte fundamental da minha investigação de dissertação de mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos. A sua colaboração no preenchimento com a maior veracidade possível, fará com que possamos caracterizar os adeptos do freeganismo em Portugal nos aproximando das investigações já realizadas em outros países onde há a participação dos freegans nas suas sociedades. Por isso, ela é muito importante para nós! Obrigada! Caso tenha alguma questão, contactar para ecosolmar@gmail.com.

***Obrigatório**

1. Nacionalidade *

Esta é uma pergunta obrigatória

2. Género *

☐ Feminino

3. Idade *

Assinale uma resposta s.f.f.

☐ Menos de 20 anos

☐ 20 a 24 anos

☐ 25 a 30 anos

☐ 31 a 35 anos

☐ 36 a 40 anos

☐ 41 a 45 anos

☐ 46 a 50 anos

☐ 51 a 55 anos

☐ 56 a 60 anos

☐ Mais de 60 anos

4. Frequenta atualmente algum estabelecimento de ensino? *

Se respondeu "Não" passe à pergunta 9, s.f.f.

☐ Sim

☐ Não

5. Qual o ano do ciclo de estudos ou curso que frequenta?

☐ Licenciatura

☐ Mestrado

☐ Doutoramento

☐ Pós-Graduação

☐ Pós-Doutoramento

☐ Outra:

6. Qual o estabelecimento?

7. É estudante Erasmus?

☐ Sim

☐ Não

8. Se respondeu "Sim" à questão anterior, qual o país de origem?

9. Qual é a sua profissão? *

10. Qual é a sua situação profissional: *

☐ Empregado

☐ Desempregado

11. Qual é o seu Estado Civil: *

☐ Solteiro

☐ Casado

☐ Divorciado

☐ Viúvo

☐ União de Facto

12. Qual a sua Freguesia e Município de residência? *

13. Neste momento vive: *

☐ Sozinho

☐ Com 1 pessoa

☐ Com 2 pessoas

☐ Com 3 pessoas

☐ Com 4 pessoas ou mais pessoas

14. Conhece os pressupostos do Freeganismo? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Alguns

15. Se respondeu "Sim" na questão anterior, podes referir algum(ns)?

16. Como se define relativamente à prática do "Mergulho no Lixo"? Prática: *

☐ Todos os dias

☐ Com muita frequência mas não todos os dias

☐ Ocasionalmente

☐ Durante um período do ano

☐ Outra:

17. Pode indicar as razões para essa frequência que assinalou na questão anterior? *

18. Como se tornou um freegan? *

☐ Influência de amigos

☐ Influência de familiares

☐ Contacto com site/blog/livro/vídeo, etc. sobre o assunto

☐ Outra:

19. Com que idade fez esta opção? *

20. Porque fez esta opção? *

21. Acha que as crianças já deveriam ser orientadas para o freeganismo? *

Responda "Sim" ou "Não" e justifique.

Apêndice 3B: Nota ao Apêndice C: Preâmbulo do Cabeçalho do Questionário “Saberes Freeganos” (ampliado).

Saberes Freeganos

O questionário que ora vos apresento é uma parte fundamental da minha investigação de dissertação de mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos. A sua colaboração no preenchimento com a maior veracidade possível, fará com que possamos caracterizar os adeptos do freeganismo em Portugal nos aproximando das investigações já realizadas em outros países onde há a participação dos freegans nas suas sociedades. Por isso, ela é muito importante para nós! Obrigada! Caso tenha alguma questão, contactar para ecosolmar@gmail.com.

***Obrigatório**

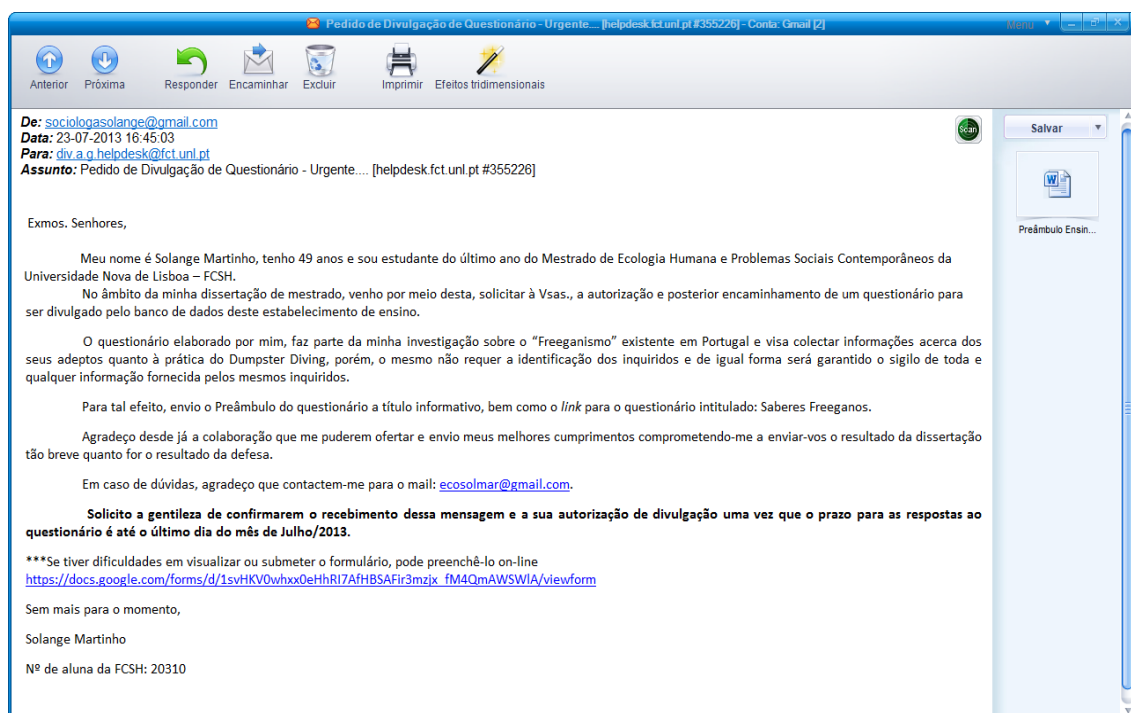
Apêndice 3C: Questionário “Saberes Freeganos” Aplicado *On-line*.

<p>22. Mais alguém da sua família é adepto? *</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p>	<p>28. Que tipo de comida consome? *</p> <p><input type="text"/></p>
<p>23. Há situações em que pode partilhar a sua comida com outras pessoas não adeptas dos mesmos hábitos? *</p> <p>Responda "Sim" ou "Não" e se a resposta for afirmativa, diga com que tipo de pessoas.</p> <p><input type="text"/></p>	<p>29. Qual é o melhor local para recolha/mergulho na sua opinião? *</p> <p>Pode assinalar mais do que uma resposta</p> <p><input type="checkbox"/> Super/Hiper/Mercados</p> <p><input type="checkbox"/> Cafés/Restaurantes</p> <p><input type="checkbox"/> Cantinas</p> <p><input type="checkbox"/> Diretamente aos produtores</p> <p><input type="checkbox"/> Outra: <input type="text"/></p>
<p>24. Essas pessoas com quem eventualmente partilha os meios alimentares são informadas sobre a forma como os obtiveram?</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p>	<p>30. Como avalia a qualidade da comida recolhida por si? *</p> <p><input type="text"/></p>
<p>25. Na sua opinião, como é que as pessoas que não são freegans o costumam olhar/avaliar? *</p> <p><input type="text"/></p>	<p>31. Que tipo de (outros) cuidados costuma ter consigo na recolha? *</p> <p><input type="text"/></p>
<p>26. Quem em particular? *</p> <p><input type="radio"/> Moradores da Zona</p> <p><input type="radio"/> Conhecidos</p> <p><input type="radio"/> Outra: <input type="text"/></p>	<p>32. Já consumiu algo estragado que lhe tenha feito sentir-se mal? *</p> <p>Responda "Sim" ou "Não" e em caso afirmativo diga qual foi o alimento.</p> <p><input type="text"/></p>
<p>27. Conhece alguém que já tenha desistido deste estilo de vida? *</p> <p>Responda "Sim" ou "Não" e caso a resposta seja afirmativa, justifique.</p> <p><input type="text"/></p>	<p>33. Como resolveu essa situação?</p> <p>Se sim, como resolveu a situação?</p> <p><input type="text"/></p>
	<p>34. Pode dizer se sente que o freeganismo alterou o seu estado de saúde? *</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p>
	<p>35. Concorde com a existência de normas ou regras de saúde aplicadas aos alimentos que se vendem? *</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p> <p><input type="radio"/> Não tenho opinião</p>
	<p>36. É capaz de referir algumas dessas normas ou regras que se apliquem aos alimentos à venda? *</p> <p><input type="text"/></p>
	<p>37. De que tipo de alimentos se lembrou na resposta anterior?</p> <p><input type="text"/></p>

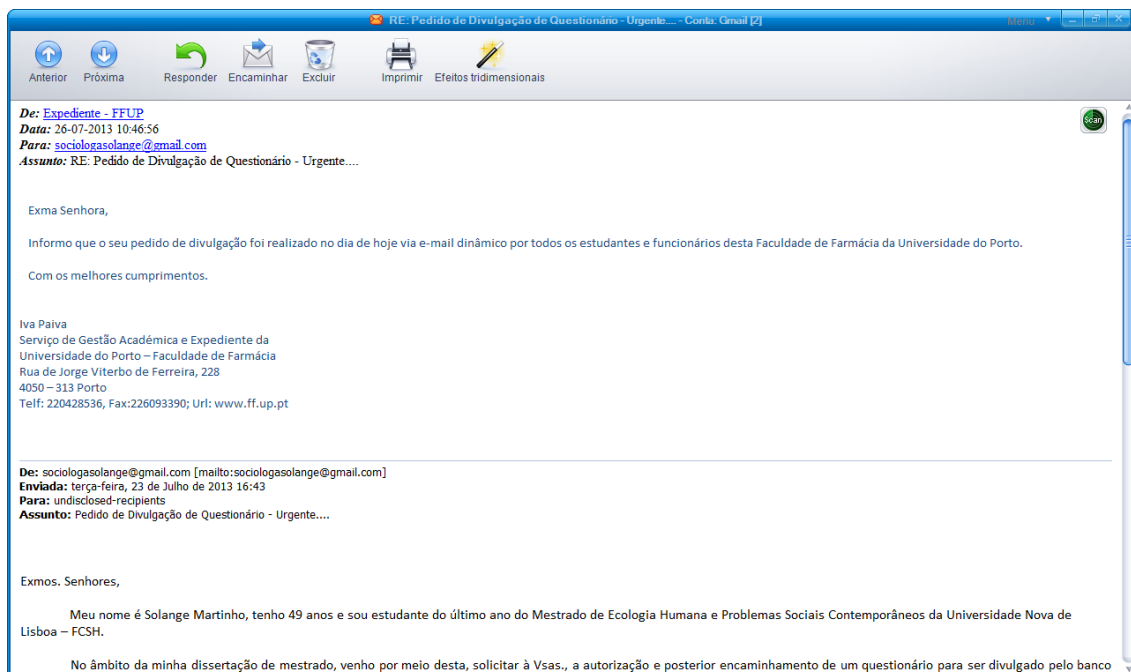
Apêndice 3D: Questionário “Saberes Freeganos” Aplicado *On-line*.

<p>38. De uma forma geral como pensa que a sociedade reage ao freeganismo? *</p> <p>Justifique.</p>	<p>44. Pensa que o freeganismo é suficientemente conhecido em Portugal? *</p> <p>Responda "Sim" ou "Não" e justifique.</p>
<p>39. A nível pessoal já sentiu algumas dessas reacções que acabou de referir? *</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p>	<p>45. Acha que deveria haver em Portugal algum tipo de manifestação freegan? *</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p> <p><input type="radio"/> Não tenho opinião</p>
<p>40. Qual o tipo de sentimentos (orgulho, vaidade, outros) devem acompanhar um freegan? *</p> <p>Justifique.</p>	<p>46. O que mudou na sua vida com a adopção do freeganismo? *</p>
<p>41. Que sente ao ser reconhecido como freegan? *</p>	<p>47. Na sua opinião, há riscos na prática do Dumpster Diving/Mergulho no lixo? *</p> <p>Responda "sim" ou "não" e justifique.</p>
<p>42. Quem o reconhece que o faz sentir-se assim? *</p>	<p>47. Conhece alguém ou têm mais algum amigo freegan?</p> <p>Responda "sim" ou "Não" e se puder indique a pessoa.</p>
<p>43. Conhece o freeganismo praticado em outros países? *</p> <p>Responda "Sim" ou "Não" e em caso afirmativo diga quais os países.</p>	<p>Indicar email de possível</p>
	<p>Muito Obrigado pela sua colaboração!</p> <p>Solange Aparecida Martinho - 20310</p> <p>Enviar</p> <p>Nunca envie palavras-passe através dos Formulários Google.</p>
	<p>Com tecnologia Google Drive</p> <p><small>Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. Denunciar abuso - Termos de Utilização - Termos adicionais</small></p>

Apêndice 4A: Solicitação e Autorização para a Divulgação do Questionário (Ex.).



Apêndice 4B: Resposta da Solicitação e Autorização para Divulgação do Questionário (Ex.).



Apêndice 5: Preâmbulo do Questionário Enviado com a Solicitação de Autorização.



Questionamentos Ecológicos, Saberes Freeganos

Preâmbulo

O estudo agora desenvolvido insere-se no âmbito de uma dissertação de mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – FCSH.

Actualmente têm-se ouvido muito falar sobre o desperdício alimentar que está se tornando cada vez mais motivo de preocupações para os vários sectores da nossa sociedade. Entretanto, esta não é uma preocupação local, mas sim, global. O combate à fome também tem sido motivo de debates em todos os cantos do planeta e as soluções que muitos encontram, passam algumas vezes por mudar significativamente o seu modo de vida, optando por comportamentos que nem sempre são compreendidos não só pela sociedade onde os indivíduos se inserem, mas também pela sua própria comunidade.

Estes modos de vida podem mistificar aquilo que não é bem explicado pelos meios científicos que ainda não possuem dados suficientes para afirmarem o que está correto ou não em tais comportamentos, ou seja, o que é verdade ou o que não passa de um mito. Com base nesta reflexão, o estudo de investigação que ora se apresenta, têm por finalidade, compreender, senão totalmente, pelo menos em parte, um fenómeno que vêm ocorrendo cada vez com mais intensidade em muitos países já há alguns anos e que começa a tomar forma e força agora em Portugal. Estamos nos referindo ao “Freeganismo”. Tal movimento prende-se com o facto de que os seus adeptos optam por um estilo de vida o menos consumista possível, passando inclusive por aproveitarem o que é desperdiçado pela sociedade e assim contribuindo para uma pegada ecológica mais consciente. A questão que se coloca no momento é saber como é que está sendo representado o freeganismo em Portugal e como poderemos classifica-lo em relação às práticas nos outros países onde há muito mais dados.

Este questionário é composto por algumas questões de respostas abertas, pelas quais agradecemos o seu preenchimento, pois são elas que nos ajudarão a analisar o fenómeno.

Para isto, contamos com o teu apoio e agradecemos a colaboração prestada, garantido desde já a confidencialidade das tuas respostas, bem como sobre informação privada.

Melhores cumprimentos,

Solange Martinho – N° de aluna 20310

Apêndice 6: Quadro 5.2. Grelha Semântica de Análise Textual para a Identificação e Seleção dos Adeptos.

Semântica do Conhecimento e Familiaridade com o Tema	
Cor do Indicador	Campo Semântico
	Familiaridade com o tema
	Conscientização dos pressupostos
	Autonomia/ Liberdade ao falar do tema
	Respeito pelo tema
	Afetividade com o tema

Apêndice 7. Quadro 5.3.: Análise de Conteúdo Textual para a Identificação e Seleção dos Adeptos.

<p>Q. 15. Se respondeu "Sim" na questão anterior, podes referir algum (ns)?</p> <p>Legenda: IN = nº do inquirido Após os dois pontos = resposta à questão nº 15. Número após o ponto final significa o número de ocorrências e concordâncias sobre a questão. Sustenido significa que estes inquiridos passam para a categoria de "adeptos".</p>	IN2: Mergulho no lixo. = 1 #
	IN17: Pessoas que consumem o mínimo possível. = 1
	IN28: Recolha de lixo para comer, ocupação de casas devolutas... = 2
	IN33: Poupar os animais, reduzir o consumismo, reaproveitar. = 3
	IN42: Os <i>freegans</i> vasculham no lixo em vez de comprar, fazem voluntariado em vez de trabalhar, ocupam em vez de arrendar e juntam comida no lixo em vez de a adquirir. = 3
	IN49: Reaproveitar alimentos e objetos descartados pela sociedade de consumo, construir autonomia, vasculhar ao invés de comprar, fazer voluntariado ao invés de trabalhar, fazer "okupa" ao invés de alugar , reaproveitar restos de comida ao invés de adquiri-la. Entreajuda, solidariedade e autonomia. = 7
	IN61: Comer alimentos que não podem ser vendidos porque acabaram de passar do prazo de validade. Os alimentos ainda estão em boas condições para serem comidos e o freeganismo pretende evitar os desperdícios. = 2 #
	IN71: Não comprar, reaproveitar, reutilizar. = 2
	IN73: Este conceito baseia-se no boicote ao consumo , tentando atenuar problemas inerentes à exploração dos recursos (que são nomeadamente do foro ambiental). A ideia é viver num género de anarquia, no meio do lixo, anti-socialmente e sem ter em mente qualquer tipo de regras/premissas que ajudam a limitar o mundo em que vivemos. O freegan não compra, vasculha lixo . Não trabalha, sustenta-se a partir do que encontra enquanto vasculha. Não cumpre socialmente as regras de uma compra/aluguer imóvel, ocupa um edifício que tem dono decorando-o ao seu gosto e enchendo-o do lixo que vasculha. Ou seja, voltamos ao nomadismo revelando um total abandono da cidadania e dos conceitos de sociedade civil. = 5
	IN77: Evitar ao máximo fazer compras , adquirindo bens alimentares ou outros através do desperdício de outras pessoas - por exemplo, acedendo a caixotes do lixo , mas não exclusivamente. = 2
	IN78: Pessoas que contribuem para a redução do desperdício alimentar de maneira algo primitiva e pouco higiénica. = 1
	IN83: Viver com o mínimo de dinheiro possível , optando por trocas de produtos , não apenas alimentares, mas tudo o que será necessário para viver o dia a dia, roupa, casa, etc... = 2
	IN88: Apoio social, generosidade, liberdade, ajuda mútua , e sobretudo este estilo de vida tem como principal pressuposto, a baixa participação no desenvolvimento da economia ; Os " <i>freegans</i> " são um movimento contra todos os produtos e bens vendidos por grandes empresas que prejudiquem a sociedade tal como a violação de direitos humanos, exploração de animais, e destruição ambiental. = 8
	IN91: Busca um estilo de vida alternativo . Dar vida aos produtos ou coisa que estão por utilizar. Reciclagem. Por exemplo o lixo vira luxo. = 2
Total Geral = 14	

Apêndice 8: Quadro 5.4.: Razões da Frequência para o Mergulho no Lixo.

<p>Q. 16. Como se define relativamente à prática do “Mergulho no Lixo”? Pratica: e Q. 17. Pode indicar as razões para essa frequência que assinalou na questão anterior?</p> <p>Legenda: IN = nº do inquirido Após : = resposta à questão nº 16 Texto após / = resposta à questão nº 17</p>	IN1:Ocasionalmente/ Já não sou freegano, embora ainda por vezes respigue e coma respigado.
	IN2: Ocasionalmente/ Só quando preciso.
	IN3: Ocasionalmente/ Ir ao lixo serve apenas para colmatar o problema de desperdício de matérias-primas, pelo que quando precisamos de materiais de construção, por exemplo, vamos reciclá-las onde foram desperdiçadas. Na prática ser freegan não está tanto relacionado com andar a catar lixo, mas mais com usar o nosso tempo para fazer uma gestão eficaz e ecológica dos recursos já existentes.
	IN4: Com muita frequência mas não todos os dias/ Viajo e vivo há vários anos sem praticamente usar dinheiro para me deslocar, para dormir ou para comer. Respigar é mil vezes mais ético que comprar. Comprar comida é último recurso.
	IN25: Com muita frequência mas não todos os dias/ Evitar a exploração de animais.
	IN54: Ocasionalmente/ Na cidade onde resido o freeganismo é (muito) pouco habitual.
	IN61: Durante um período do ano/ Quando vou em <i>surf trips</i> no verão por exemplo.
	IN74: Ocasionalmente/ Por vezes alguns vizinhos deixam a porta do prédio os ditos monos, como pequenos electrodomésticos ou móveis, em bastante bom estado mas que pretendem desfazer-se. Se o produto estiver em bom estado e precisar irei analisar se levo para a minha residência. Em outras ocasiões pessoas amigas dão roupas que já não usam e aproveito o que me serve.
Total Geral = 08	

Apêndice 9: Quadro 5.5.: Motivações dos Adeptos para a Adesão ao Freeganismo.

<p>Variável “Como” Q.18. Como se tornou um freegan?</p> <p>Variável “Quando” Q.19. Com que idade fez esta opção?</p> <p>Variável “Porquê” Q.20. Porquê fez esta opção?</p> <p>Legenda: IN = nº do inquirido Nº negrito = idade do inquirido correspondente a resposta nº 19. Texto após / = resposta à questão nº 20.</p>	<p>IN1: Fez-me sentido sem saber sequer que havia definição para isso./ 21/ Foi durante o meu processo de reaprendizagem de ecologia e recursos, fez-me sentido que se comesse algo que iria ser lixo ao invés de desperdiçar outros recursos.</p>
	<p>IN2: Contacto com <i>site/blog/livro/vídeo</i>, etc. sobre o assunto./20/Para evitar o desperdício.</p>
	<p>IN3: Influência de amigos./22/ Porque faz sentido a nível ético, ecológico, social e espiritual. é a única que consegue respeitar a ecologia do planeta e os seres que o habitam, incluindo humanos de outras partes do mundo q são escravizados noutras partes do mundo para produzir coisas desnecessárias para uma sociedade tão consumista q parece sem cérebro por não ter consciência das implicações e consequências dos seus hábitos de consumo diário.</p>
	<p>IN4: Conjunto de coisas, tomada de consciência progressiva./22/Parte de uma tomada de consciência de toda a merda que envolve o sistema em que vivemos e de um desejo de um outro mundo. há a resistência organizada, pela qual partilhamos ideais, construímos coisas colectivamente, resistimos colectivamente. O freeganismo faz parte da resistência quotidiana, individual. não quero participar, quer pelo lado do consumo e quer pelo lado do trabalho num sistema tão injusto e destrutivo. Viver sem dinheiro resolve dos dois lados. Descobri que todas as coisas que quero e preciso de fazer se podem fazer sem dinheiro.</p>
	<p>IN25: Influência de amigos./18/Evitar a exploração de animais.</p>
	<p>IN54: Influência de familiares./40/Por influência de um irmão e, mais tarde, de um filho.</p>
	<p>IN61: Contacto com <i>site/blog/livro/vídeo</i>, etc. sobre o assunto./22/ Porque é uma aventura.</p>
	<p>IN74: Influência de familiares./22/ Na minha família sempre viveu de forma não muito luxuosa e com a ideia de reaproveitamento daquilo que temos e que nos oferecem. Desde pequena que vejo familiares próximos a aceitar algumas coisas, como móveis, roupa, entre outros. A pratica da reciclagem e restauro de produtos sempre estiveram presentes e sempre fizeram sentido, por isso continuei com esta pratica quando decidi viver sozinha.</p>
<p>Total Geral = 08</p>	

Apêndice 10: Quadro 5.9.: Qualidade dos Alimentos da Recolha através do Mergulho no Lixo.

Nº INQ.	Q. 28. “Que Tipo de Comida Consome”
1	Vegana.
2	Boas.
3	Principalmente comida biológica produzida por mim e por amigos, ou comprada a cooperativas de produção e consumo ecológico. Recolha de comidas excedentes de produtores ou de comércio é muito esporádica, só mesmo quando se faz uma festa grátis para mais de 30 pessoas de um dia para outro.
4	Todo o tipo de comida desde que não envolva sofrimento de animais, comida vegana. Como produtos lácteos se forem recuperados. O mais natural e saudável e diversa possível.
25	Vegetariana.
54	Variada, mas com predominância vegan.
61	Vegetais e fruta.
74	De compra e de produção própria (hortas de familiares e pequena horta urbana que possuo).
Nº INQ.	Q. 29. “Qual é o melhor local de recolha/mergulho na sua opinião?”
1	Super/Hiper/Mercados.
2	Super/Hiper/Mercados, Cafés/Restaurantes, Diretamente aos produtores.
3	Diretamente aos produtores, melhor lugar para mergulho é no mar.
4	Super/Hiper/Mercados.
25	Super/Hiper/Mercados.
54	Super/Hiper/Mercados.
61	Super/Hiper/Mercados.
74	Cafés/Restaurantes, Diretamente aos produtores.
Nº INQ.	Q. 30. “Como avalia a qualidade da comida recolhida por si?”
1	Mediana.
2	Boa.
3	Boa, sendo que produzo ecologicamente a maioria da minha comida.
4	A qualidade é exatamente igual a da comida que esta dentro do estabelecimento. Se for um supermercado são geralmente produtos industriais, de má qualidade. Se for uma loja biológica, ligeiramente melhor. Se for um mercado melhor. etc. depende de cada produto.
25	Boa.
54	Tem dias... Razoável.
61	Boa.
74	Como recolho em produtores, neste caso em hortas de familiares, a qualidade da comida é excelente.
Total Geral = 08	

Anexo 1 – O que é o GAIA?

Mas o que é o GAIA? O GAIA (Grupo de Acção e Intervenção Ambiental):

“É uma associação ecologista, inovadora, plural, apartidária e não hierárquica. Foi fundada em 1996 em Lisboa e actua a nível nacional e regional com núcleos no Porto e no Alentejo, para além do de Lisboa. Colabora com outras associações portuguesas e faz parte de várias redes europeias. O GAIA é uma ONGA (Organização Não Governamental do Ambiente) com uma forte componente ativista, recorrendo a ações diretas, criativas e não-violentas, promovendo o trabalho a partir das bases. Aborda a problemática ecológica através de uma crítica ao modelo social e económico que explora e prejudica o planeta, a sociedade e as gerações futuras. Paralelamente, procura construir alternativas positivas para um mundo ecologicamente sustentável e socialmente justo. O GAIA é uma associação que foca as temáticas ambientais integrando questões sociais e políticas. Com uma forte componente ativista, utiliza frequentemente ações criativas de cariz direto e não violento como forma de sensibilizar e criar consciência sobre raízes sociais dos problemas ambientais. O GAIA investe também fortemente na integração e influência de outros grupos sociais, transformando o trabalho de lobby e cooperação em pontos fortes do trabalho que realiza. O GAIA foi fundado em 1996, como um núcleo universitário dedicado exclusivamente a assuntos ambientais. Após 3 anos de ativismo, dentro e fora da Universidade, os seus membros tomaram consciência de que os assuntos que a associação defendia eram demasiado importantes para serem sujeitos às limitações de uma associação de estudantes. Em 2000, o GAIA registou-se como Associação Juvenil, legalmente independente da Universidade. O fato de se tornar independente permitiu uma participação ativa nos temas das Alterações Climáticas e Globalização ao nível das bases e com um nível de crítica social que raramente se encontra noutras Organizações Não Governamentais de Ambiente. Em 2004, o GAIA registou-se legalmente como Organização Não Governamental de Ambiente e iniciou o processo para se tornar ONG de Ambiente no Registo Nacional”.

Fonte: Site oficial do Grupo GAIA: Recuperado em <http://gaia.org.pt/node/16209>. Acedido em 13 de Maio de 2013.

Anexo 2: Técnicas do Mergulho no Lixo.

1. “Conheça as leis do lugar”.

- **Em alguns lugares, o lixo é considerado propriedade privada, e você não poderá mexer no lixo dos outros, ou estará cometendo um crime. Ao pegar o lixo de outras pessoas você pode incorrer nos crimes de invasão de propriedade privada, crime ambiental ou até furto.**

Este estudo procurou investigar as leis portuguesas sobre a questão relacionada entre o “mergulho no lixo” e o direito ou não de recuperar resíduos descartados nas lixeiras urbanas espalhadas pelas cidades, contudo, observou-se que cada município português é detentor de seus próprios regulamentos, por ser considerado irrelevante para o estudo em epígrafe, não apresentaremos quaisquer decretos-lei, regulamentos ou normas, mas parece-nos que este ponto pode ser mais um motivo para futuras investigações.

2. “Prepare-se mentalmente e adapte seus métodos para evitar práticas que você considere nojentas”.

- **Se você ainda não se sente muito animado em revirar o lixo, considere procurar apenas em lugares com itens jogados fora, mas não em latas de lixo, como móveis ou depósitos de comida.**

Através da “História da Alimentação”, que se conta desde os primórdios da humanidade até os dias de hoje Flandrin & Montanari, podemos ter uma visão de como alguns alimentos que hoje são considerados como “proibidos” ao consumo pela sociedade, foram se tornando ao longo do tempo como “algo de estranho à nós” para o consumo e isto inclui também a questão da higiene dos alimentos e do seu aspeto (Flandrin & Montanari, 2001 e 2008).

Encontramos também nas histórias de Elias e no seu “Processo Civilizacional”, toda uma explicação evolutiva sobre o comportamento humano diante da alimentação e da forma como ela deixou de ser apenas uma necessidade fisiológica para se tornar num prazer, num processo de ajustes desde a descoberta do fogo até os dias atuais, onde podemos utilizar aqui a metáfora “comer com os olhos”, uma vez que o aspeto dos alimentos são o principal motivo pelo qual muitos os ingerem (Elias, 2006).

Um outro contributo antropológico interessante e gratificante de se analisar nos alerta que precisamos falar com muita sensibilidade sobre os sinais de separação, de classificação e de prazer sobre a alimentação humana, desconstruindo as nossas reservas face às explicações parciais porquê este é um daqueles assuntos que são abordados demasiado estreitamente numa só disciplina, negligenciando alguns aspetos importantes na análise da comida que se nos apresenta (Douglas, 1991).

3. “Entre em contato com outros mergulhadores”.

- **Quando você começar a fazer o dumpster diving, você provavelmente vai encontrar outros mergulhadores, e muitos deles serão amigáveis e vão te ajudar. Compartilhe experiências e dicas, e você vai acabar ganhando boas dicas em troca. Você pode procurar fóruns ou comunidades locais para encontrar outros mergulhadores. Eles podem ficar de olho em itens que você quer.**

Quando buscamos pela palavra “Freegan ou Freeganismo” na Internet, observamos que muitos endereços nos remetem para outros endereços de trocas de materiais ou reciclagem, entretanto, dificilmente encontramos indicações pessoais de pessoas adeptas e mesmo dentro das redes sociais que procuramos, não conseguimos um contato que nos revela-se ou indicasse algum local onde acontece o mergulho.

4. “Encontre os depósitos na sua área e mantenha o registo deles”.

- **Saiba quais são os dias em que as coisas são dispensadas e quais dias os coletores de lixo passam. Em áreas residenciais, descubra as datas de mudança.**

Esta investigação tinha como ideia central para a obtenção de dados, os locais de acesso dos *freegans*

junto dos principais pontos de comércio espalhados pela cidade de Lisboa e possivelmente também em outras cidades de maior destaque em Portugal, levando em consideração as informações adquiridas sobre o freeganismo praticado nos outros países, quando se investigou o estado da arte.

Contudo, no caso português, devido um pouco por questões culturais (que acreditamos ser uma das barreiras pelas quais o freeganismo ainda é confundido e pouco divulgado), foi praticamente impossível conseguirmos realizar entrevistas com os adeptos, por esta razão, acreditamos que haja uma rotatividade dos atores nesses locais de recolhas, ou seja, nem sempre são os mesmos nos mesmos pontos o que pressupomos que não haja um registo sistemático por parte de algum grupo, ou pelo menos, que esta investigação desconhece.

5. “Planeie sua busca de acordo com o que você está buscando”.

- **Se você está apenas procurando tesouros inesperados, você pode procurar basicamente em qualquer lugar. Se você quer algo como comida, por exemplo, você pode procurar no lixo de mercados ou padarias. A maioria das lojas joga fora comidas perto da data de vencimento, mesmo que ainda estejam boas. Procure itens como móveis ou eletrônicos perto de lixeira.**

Ao princípio essa afirmação poderá nos parecer redundante, mas é exatamente assim que se processa os pressupostos do freeganismo: recolher somente aquilo que precisa. Por isso, no caso desta investigação, daremos ênfase para os géneros alimentícios que são o principal problema na causa relacionada com a saúde e os riscos que aqui queremos analisar. No tópico sobre as questões em saúde que analisaremos após os riscos, poderemos explicar melhor sobre a data de vencimento, embalagem, etc.

6. “Use roupas apropriadas”.

- **Use luvas de proteção, camisas de manga longa e calças para te proteger da sujeira e dos cortes. Se você vai realmente entrar no lixo, use tecidos grossos e cubra o máximo possível do seu corpo. Proteja os pés usando sapatos ou botas grossos e fechados. Use roupas que não sejam de muito valor.**

Embora os “conselhos” sejam disseminados aos adeptos, observa-se através dos muitos vídeos gravados sobre o mergulho (às vezes gravados pelos próprios adeptos) e nas imagens que são expostas ao público, que nem sempre estas “normas ou regras” são seguidas.

7. “Esteja equipado”.

- **Leve pelo menos algo para se apoiar enquanto tenta acessar as lixeiras e sacos plásticos para levar os seus tesouros. Lembre-se também de levar uma lanterna se for procurar à noite. Lembre-se de que você não precisa realmente entrar no lixo – leve um bastão com um pegador na ponta para te ajudar.**

Encontramos aqui, mais um ponto a ser investigado em trabalhos futuros: a tipologia das lixeiras e contentores utilizados na recolha do lixo urbano e a sua facilidade ou dificuldade para o mergulho, mas uma vez que independentemente da tipologia portuguesa ser diferente das de outros países isto não inviabiliza os riscos que o mergulho proporciona.

8. “Certifique-se de que não tem ninguém por perto e fique atento”.

- **Fazer o Dumpster Diving é uma atividade controversa, e os mergulhadores são sempre confrontados por donos de lojas e moradores. Mesmo que o confronto possa ser resolvido, o melhor ainda é evitar. Se tiver alguém na área, espere um pouco.**

Sim. Esta é realmente uma atividade controversa como se pode sentir ao longo deste estudo, pelas várias razões que aqui foram expostas, sejam através das teorias, sejam pelo próprio empirismo presente na investigação, pois nos leva ao item sobre a aceitabilidade dos riscos.

9. “Tome cuidado ao manusear os itens”.

- **Tome cuidado quando mexe no lixo ou entra em depósitos. Vidro quebrado ou objetos afiados podem te cortar, e você pode ser picado por uma agulha usada. Roupas de proteção podem te ajudar a evitar esses perigos, mas você ainda deve tomar precauções quando for lidar com os sacos de lixo.**

Este tópico nos elucida quanto ao fato de que o mergulho no lixo não apresenta riscos para a saúde

somente na ingestão dos alimentos coletados, mas também durante a sua coleta.

10. “Pegue só o que você precisa e que vai realmente usar”.

- **Pegue o que você for usar, mas lembre-se que existem várias outras pessoas procurando no lixo, e podem estar precisando mais de alguma coisa que você vai deixar parado na garagem.**

Em Portugal, através de *sites* de busca, podemos encontrar alguns endereços para trocas de produtos conseguidos através do mergulho no lixo, bem como vários *blogs* de interesse em trocas e reciclagem.

11. “Deixe tudo limpo depois”.

- **Se você remexeu todo o lixo, recolha tudo e coloque de volta no lugar onde estava. Deixe a área tão ou mais limpa do que quando encontrou – não deixe os mergulhadores com uma má reputação.**

O que “dizer” sobre esta questão quando aplicada no contexto português, uma vez que talvez o freeganismo não seja conhecido tanto quanto nos outros países onde se pratica o mergulho nas lixeiras? Queremos com isto dizer que este estudo poderá contribuir para o esclarecimento dessa situação ao expor sobre o fenómeno do freeganismo que também ocorre no país.

12. “Limpe bem todos os itens que recolheu”.

- **A limpeza é especialmente importante para as comidas. Verifique nas embalagens se não tem furos ou vazamentos e limpe tudo que puder, com um pouco de água sanitária e água. Basicamente o mesmo cuidado que você deve ter com as coisas que compra no mercado.**

No freeganismo as questões dos riscos para a saúde dos seus adeptos, estão relacionados não só com a prática do mergulho no lixo propriamente dito, mas sobretudo, como são posteriormente tratados os produtos alimentícios adquiridos para consumo e de as regras de saneamento reguladas pelas autoridades no assunto são seguidas ou não. Sobre estas questões, trataremos mais adiante neste estudo nas questões sobre a saúde.

13. “Aprenda com suas experiências de mergulhar no lixo”.

- **Aprenda a ser flexível com o que você come, a não desperdiçar e a não fazer compras desnecessárias. Compartilhe o que você aprendeu com outros.**

Por causa do desperdício causado pela sociedade descartável, os *freegans* estão cientes e aborrecidos pelas enormes quantidades de desperdício que um só consumidor gera todos os dias, assim não querem fazer parte do problema. Por isso, os *freegans* praticam a reciclagem, a compostagem, e sempre que possível consertam o que têm ao invés de jogarem fora e comprar algo novo. Tudo que é (re) utilizável.

14. “Limpe-se depois”.

- **Tome um bom banho com sabonete para se livrar de toda sujeira e dos germes.**

Uma vez que há também a possibilidade de se tornar doente a partir de bactérias, especialmente no verão que os próprios contentores trazem, e alguns são pulverizadas com pesticidas. Não são só os alimentos que podem entrar em contato com produtos químicos e matéria fecal, mas se a pele estiver aberta por qualquer motivo, esses produtos poderão penetrar e infectar.

15. “Por fim, isso é um trabalho perigoso”.

- **Lixeiras são lugares sujos e podem espalhar doenças. Tome cuidado com pessoas que podem estar por perto e com o caminhão de lixo.**

Aqui vale lembrar e, falaremos sobre isto no item sobre a saúde, que dependendo do tipo de bactéria adquirida, poderá ocorrer uma situação de cuidados que afetem a saúde de outrem e tornar-se num problema grave de saúde pública.

Anexo 3. Base de Dados Original do Questionário “Saberes Freeganos” Elaborado pelo Aplicativo Eletrónico Google Docs, Gerado em Extensão do Programa Excel e Aplicado On-line.